



Proletários de todos os países UNI-VOS

Órgão Central do Partido Comunista Português

Semanário
ISSN 0870-1865
9 de Dezembro de 1993
Preço: 120\$00
(IVA incluído)
N.º 1043
Director:
Carlos Brito

**Sondagens
expressamente
mistificadoras**

Páginas centrais

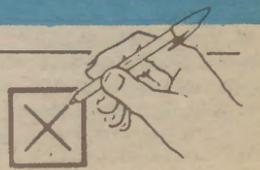
vota CDU

é de confiança!



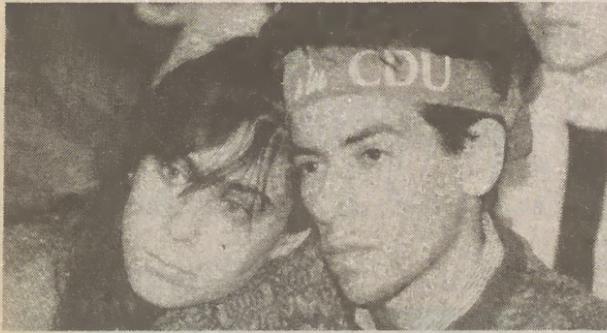
CDU - Coligação Democrática Unitária

PCP-PEV



EDITORIAL

Mais razões para votar CDU



RESUMO

30
Terça

Milhares de trabalhadores da Administração Pública aprovam por unanimidade e aclamação uma declaração em que exigem do Governo a apresentação de uma contraproposta negociada para o sector, após o que desfilam em manifestação pelas ruas de Lisboa até à Assembleia da República. Realiza-se, durante todo o dia, um plenário permanente dos trabalhadores da Lisnave, que provoca a paralisação dos estaleiros. Em reunião realizada em Lisboa com a estrutura sindical da TAP, os representantes da CGTP e da UGT manifestam a sua disposição de articular futuras acções reivindicativas. Com uma esmagadora adesão, realiza-se, em todo o país, uma greve geral dos estudantes do ensino superior. Durante a reunião da conferência de líderes dos grupos parlamentares da Assembleia da República, o PSD impede o agendamento da discussão urgente da petição dos estudantes sobre a Lei das Propinas.

1
Quarta

Na sequência da assembleia geral da Federação Académica do Porto, é decidido que os estudantes universitários daquela cidade compareçam em massa na manifestação marcada para a terça-feira, 7, em Lisboa. Começa em Bruxelas uma nova ronda de negociações para o acordo de liberalização do comércio mundial (GATT). Em Espanha, são desconvocadas as manifestações e greves dos estudantes do ensino secundário, por o Ministério da Educação ter manifestado a sua intenção de negociar. Após a assinatura do acordo de desmobilização que extinguirá os dois exércitos, começa, em Moçambique, o acantonamento das tropas da Renamo e do Governo moçambicano. Segundo uma recomendação do Tribunal Arbitral que fiscaliza o processo eleitoral na Rússia, nenhum partido poderá ser excluído das eleições russas de 12 de Dezembro.

2
Quinta

Em vésperas das eleições autárquicas, Cavaco Silva decide remodelar parcialmente o Governo do PSD, substituindo os titulares dos ministérios da Saúde, da Educação, do Emprego e das Finanças. Numa primeira reacção a esta remodelação, Carlos Carvalhas, Secretário-Geral do PCP, afirma à agência Lusa que estas «remodelações servem para salvar a imagem do chefe, mas não mudam a política». Durante a abertura solene das aulas na Universidade de Coimbra, o reitor, Rui Alarcão, critica com dureza a chamada Lei das Propinas. Tem início a marcha de protesto dos vidreiros da Marinha Grande sobre Lisboa para exigir ao Governo a viabilização do sector. Numa operação conjunta do Exército e da Polícia colombiana, é abatido, em Medellín, o «rei» do tráfico da cocaína, Pablo Escobar.

3
Sexta

Com uma adesão global de cerca de 90 por cento, terminam os dois dias de greve decretados pelas estruturas sindicais dos médicos portugueses. O Grupo Parlamentar do PCP solicita ao Conselho de Fiscalização dos SIS informações detalhadas sobre as filmagens realizadas durante a última manifestação dos estudantes universitários junto à Assembleia da República. O

«Prémio Pessoa-93» é atribuído ao filósofo Fernando Gil, professor universitário em Lisboa e Paris. Também em Lisboa, é atribuído ao arquitecto Siza Vieira o «Prémio Nacional de Arquitectura» instituído pela Associação Nacional de Arquitectos. Após cedências por parte da delegação da UNITA acerca do acantonamento das tropas, são noticiados alguns avanços no estabelecimento de um acordo de cessar-fogo em Angola. Rodeado de fortes medidas de segurança chega ao aeroporto de Brasília, sob escolta policial, Paulo César Farias, «o corrupto mais procurado do Brasil», que é encarcerado de imediato.

4
Sábado

Durante uma reunião nacional de profissionais de táxis realizada em Lisboa, é aprovada uma resolução em que são dados 90 dias ao Governo para implementar legislação relativa às medidas de protecção que foram prometidas. Protestando contra a política do Governo, milhares de reformados, pensionistas e idosos manifestam-se em Lisboa, numa marcha silenciosa entre a Rua Augusta e o Rossio. É inaugurada em Bissau a VII Feira do Livro Português. A bordo do vai-vém espacial «Endavour» a sua tripulação dá início aos trabalhos de reparação do telescópio «Hubble». Por causa do nevoeiro que atingiu a capital, dez aviões comerciais são desviados para outros aeroportos portugueses.

5
Domingo

Com enorme expectativa em relação ao sentido da votação, realiza-se, em Itália, a segunda volta das eleições autárquicas. Os primeiros resultados apontam para a vitória da esquerda nos principais municípios. Num ambiente de forte tensão política, caracterizado por rumores de preparação de um golpe de Estado, realizam-se eleições na Venezuela para a escolha de um novo Presidente e um novo Governo. Durante a sua visita ao Médio Oriente, o secretário de Estado norte-americano, Warren Christopher, afirma o desejo dos EUA em melhorarem as suas relações com a Síria. O ministro francês da Indústria e do Comércio Externo anuncia que, na sequência da malograda operação de fusão entre a Renault e a Volvo, aquela empresa estatal francesa deverá ser privatizada.

6
Segunda

O PSD, através de Nunes Liberatoro, repudia a queixa apresentada pela Comissão Nacional de Eleições à Procuradoria-Geral da República para avaliar da «imparcialidade» de Cavaco Silva num discurso proferido num comício de pré-campanha e afirma que Cavaco nunca dissera que não iria participar na campanha eleitoral. Os comunistas açorianos reclamam a participação de Mota Amaral num debate promovido na próxima quinta-feira sobre as eleições autárquicas. O ministro dos Negócios Estrangeiros, Durão Barroso, diz estar disposto a bloquear as negociações do Uruguay Round para a liberalização do comércio mundial, por o acordo que parece ir firmar-se entre a Comunidade e os EUA prejudicar os têxteis portugueses. A greve decretada pelos sindicatos mineiros da Rússia, a seis dias das eleições, foi suspensa depois de um acordo de última hora com o Governo.

As importantes credenciais que a CDU revelou desde o início da preparação das eleições autárquicas apresentam-se reforçadas quando se aproxima o momento de votar.

A incomparável obra realizada pela CDU, a honestidade da sua gestão, a qualidade das suas propostas e a preparação e competência dos seus candidatos estão em grande evidência na campanha eleitoral, incluindo nos debates na televisão e em outros meios de comunicação social.

A legenda de que «a CDU é de confiança» ganhou uma enorme consistência, que radica tanto naquelas razões, como na alegria, beleza, rigor e sobriedade da sua propaganda, o que vai seguramente confirmar-se nas opções do eleitorado.

Esta circunstância adquire ainda maior saliência em face das campanhas milionárias, pelos fabulosos gastos (e também pelo mau gosto) das outras principais forças concorrentes — o PSD e o PS. Ambos revelaram, mais uma vez, que não são as populações que as preocupam e que quaisquer meios lhes servem para chegar ao triunfo e contabilizarem a tomada de autarquias.

O PSD usa da maneira mais escandalosa os meios e os poderes do Estado, como se de uma coutada partidária se tratasse, ao serviço da sua campanha eleitoral. Recorre, com o maior descaramento, ao argumento dos «favores do Governo» de que pode beneficiar uma autarquia gerida pelo PSD (confessando assim as discriminações antidemocráticas que pratica sem apagar a péssima imagem da sua gestão autárquica). Põe os membros do Governo a fazer uma verdadeiro porta-a-porta autárquico com promessas, demagogia e algumas inaugurações. O próprio Primeiro-Ministro faz intensa campanha autárquica há vários meses, fazendo constar que «sai» ou que «entra» para concitar maiores atenções da comunicação social.

Entretanto, ao envolver-se e ao envolver tão profundamente o Governo na campanha eleitoral do PSD, Cavaco Silva procedeu de certa maneira como o aprendiz de feiticeiro.

O desgaste do Governo provocado pelo fracasso da sua política, principalmente nos domínios económico e social, constitui um sério motivo de fragilização das posições eleitorais do PSD.

Por outro lado, o previsível mau resultado eleitoral do PSD vai fragilizar ainda mais a posição do Governo e das suas bases de apoio e pôr ainda com mais força na ordem do dia a necessidade da sua substituição.

Tudo indica que com a remodelação governamental anunciada na

passada quinta-feira, Cavaco Silva pretendia sair deste círculo vicioso.

Mas tudo indica também que longe de aplacar o descontentamento e reduzir a crescente impopularidade do Governo, a remodelação surge como uma autoconfissão do fracasso da sua política e um novo factor de debilitamento eleitoral do partido que a suporta.

O PS, que desenvolve uma campanha tanto ou mais despendiosa do que o PSD, sendo mais que duvidosa a sua compatibilidade mesmo com os parâmetros da nova lei, tem-se distinguido pela utilização dos piores golpes eleitoralistas e de propaganda provocatória anticomunista.

Os candidatos do PS, especialmente, na Área Metropolitana de

Tudo indica também que longe de aplacar o descontentamento e reduzir a crescente impopularidade do Governo, a remodelação surge como uma autoconfissão do fracasso da sua política e um novo factor de debilitamento eleitoral do partido que a suporta.

Lisboa, mas também noutros concelhos de maioria CDU, são aqueles que procuram deliberadamente lançar a confusão no espírito dos eleitores procurando responsabilizar as autarquias por graves omissões em áreas da manifesta competência do Governo e da administração central, como a habitação social, a segurança das populações, a crise económica e social, entre outras. Isto é, na sanha de atacarem a CDU, absolvem o Governo.

A maior especialidade que o PS revelou na presente campanha eleitoral foi, no entanto, a manipulação de sondagens na tentativa de através delas intoxicar a opinião pública em seu benefício, designadamente, favorecendo-se em detrimento da CDU.

Nesta operação não podia agir, nem age, sozinho. Conta é claro com uma empresa da especialidade — a Euroexpansão — e com alguns meios de comunicação social, nomeadamente, do grupo Pinto Balsemão.

As pretensas sondagens que o «Expresso» veiculou, no passado sábado, mais parecem apelos de propaganda do PS, elaborados nos respectivos gabinetes partidários, e cheiram que tresandam a

publicidade paga, não se sabe em que espécie de moeda.

Não é de agora o facciosismo do «Expresso» em relação às candidaturas que apadrinha e a animosidade contra as que são apoiadas pelo PCP.

Nas anteriores eleições autárquicas, em 1989, o «Expresso», no que se refere ao concelho de Lisboa, deu sempre a vitória à coligação encabeçada por Marcelo Rebelo de Sousa, contra a coligação «Por Lisboa», encabeçada por Jorge Sampaio. Em Novembro os números que apresentava eram de 40 contra 37 e mesmo mais próximo das eleições, contrariando toda a evidência ainda, insistia em dar 42,6 para Marcelo e 40,6 para Sampaio. O resultado foi muito mais que o oposto: 49 por cento para a coligação «Por Lisboa» e 42 por cento para a coligação da direita. Quem não se lembra também dos 6 por cento que as sondagens do «Expresso» davam persistentemente à candidatura presidencial de Carlos Carvalhas, em 1991, quase até ao dia da votação, em que o candidato do PCP teve mais do dobro daquela percentagem?

Quanto à Euroexpansão é aquela empresa de sondagens em que o PS está sempre a ganhar. Está tudo dito!

Outra tivesse sido a orientação do PS e não precisava de recorrer a estes truques de manipulação, sendo ainda maiores as dificuldades do PSD e do Governo de Cavaco Silva. Mas o PS não só não quis entender-se com o PCP, nos dezoito municípios onde em conjunto seria fácil derrotar o PSD, como em muitos casos designou a CDU como o seu principal inimigo eleitoral.

A poderosa dinâmica da campanha eleitoral da CDU ganha assim em confronto com as das outras principais forças concorrentes redobrados incentivos para se intensificar e desenvolver nestes derradeiros dois dias de campanha.

Abundam os motivos de confiança, por isso mesmo, é necessário reforçar ainda mais a presença da CDU nas ruas e o contacto dos seus candidatos e activistas com as populações.

A campanha confirmou mais uma vez que a coligação que se expressa na sigla PCP-PEV e que conta com a participação da ID e numerosos democratas independentes traz consigo uma experiência e um projecto ímpares em «trabalho, honestidade e competência», que a tornam uma alternativa em todas as autarquias. Confirmou também que o reforço dos seus resultados eleitorais será um importante contributo para uma alternativa democrática no Governo e na política do país.

Resultam reforçadas, pois, as razões para, no dia 12, votar CDU e nas demais coligações de que o PCP faz parte.

Avante!

Proletários de todos os países UNI-VOS!

PROPRIEDADE: Partido Comunista Português, Rua Soeiro Pereira Gomes — 1699 Lisboa CODEX. Tel. 793 82 72

DIRECÇÃO E REDACÇÃO: Rua Soeiro Pereira Gomes — 1899 Lisboa CODEX. Tel. 796 97 25/796 97 22. Telex 18390 Fax: 795 22 64

ADMINISTRAÇÃO: Editorial «Avante!», SA — Av. Almirante Reis — 90, 7ªA, 1100 Lisboa. Capital social: 15 000 000\$00. CRC matrícula: 47058. NIF — 500 090 440

DISTRIBUIÇÃO: DISTRIBUIÇÃO ADE's Editorial Avante! — Av. Almirante Reis, 90, 7ªA, 1100 Lisboa — Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 Fax: 815 34 95

Alterações de remessa: Até às 17 horas de cada sexta-feira: Tel. (01) 815 34 87/8153511

DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL INTERPRESS — Sociedade Distribuidora de Jornais e Revistas, Lda, Sector de Distribuição.

Sede: Rua do Norte, 115, 1ª, 1200 Lisboa. Tel. (01) 342 07 84/342 23 49/342 22 04. Delegação Centro: Praceta Dr. Alberto Oliveira, 4, 3000 Coimbra. Tel. (039) 71 35 77. Delegação Norte: R. Monte dos Pipos, 326, Guifões, 4450 Matosinhos. Tel. (02) 953 15 66/953 17 49/953 17 50

ASSINATURAS: Av. Almirante Reis, 90-7ªA 1100 Lisboa — Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

PUBLICIDADE: Av. Almirante Reis, 90-7ªA 1100 Lisboa — Tel. (01) 815 34 87/815 35 11 — Fax: 815 34 95

Composto e impresso na Heka Portuguesa, SA R. Elias Garcia, 27 Venda Nova — 2700 Amadora Depósito legal nº 205/85

TABELA DE ASSINATURAS*

PORTUGAL (CONTINENTE) — 50 números: 5.400\$00; 25 números: 2.700\$00

REGIÕES AUTÓNOMAS — 50 números: 6.786\$00

ESPAÑA — 50 números: 8.326\$00

MACAU — 50 números: 13.042\$00

GUINÉ-BISSAU E S. TOMÉ E PRÍNCIPE — 50 números: 14.066\$00

EUROPA (e ARGÉLIA, MARRÓCOS, TUNÍSIA) — 50 números: 14.960\$00

EXTRA-EUROPA — 50 números: 18.760\$00

* IVA e portes incluídos

Nome _____
Morada _____ Tel. _____
Código Postal _____
Enviar para Editorial «Avante!» acompanhado de cheque ou vale de correio.

PCP

Carlos Carvalhas em Sesimbra

Um passado de realizações que se projecta no futuro

Concelho dos mais preservados no quadro da Área Metropolitana de Lisboa e um dos que maiores potencialidades tem para oferecer, Sesimbra recebeu, faz hoje oito dias, o Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas. Foi uma visita breve, em plena campanha, a um município onde a gestão dos comunistas e seus aliados ao longo de cinco mandatos operou mudanças profundas na realidade local, conferindo-lhe uma dinâmica de desenvolvimento e progresso.

“Quando a CDU chegou à Câmara, o concelho estava em ruínas, particularmente as freguesias da Quinta do Conde e do Castelo, sendo geral a ausência de abastecimento de água, luz e estradas, enquanto as escolas eram quase inexistentes”, lembrou a propósito Ezequiel Lino, presidente da edilidade, cargo a que se recandidata pela Coligação.

As palavras foram proferidas num comício realizado no Zambujal, um dos lugares da freguesia do Castelo, perante uma vasta plateia de apoiantes que enchiam o amplo salão da Associação Cultural e Recreativa União de Trabalhadores.

Era a terceira etapa desta breve deslocação de Carlos

Carvalhas a este concelho Atlântico, iniciada poucas horas antes com um encontro na freguesia de Santiago, a que se seguiu um concorrido jantar em Alfirim que reuniu mais de 130 pessoas.

Confiança na obtenção de um bom resultado eleitoral, também aqui, é o traço dominante de uma campanha que se tem desenvolvido privilegiando o contacto directo com os eleitores. Um ambiente de confiança que esteve de resto bem patente no comício, clima plenamente justificado quer pelo mérito próprio que decorre da obra realizada, que os presentes tiveram oportunidade de rever num vídeo de 15 minutos que antecedeu a apresentação dos candidatos e o período de intervenções, quer pela fragilidade das outras candidaturas, sem projectos consistentes e sem pessoas com experiência e conhecimento da realidade concelhia.

Recuperar a maioria absoluta na Assembleia Municipal perdida há quatro anos por força de um acordo entre o PS, PSD e MDP e conquistar ao PS/PSD, que na altura se coligaram, a freguesia da Quinta do Conde, para além de manter e reforçar as suas posições nas duas outras freguesias, tais são,



A confiança na vitória da CDU foi reafirmada no comício que encheu o salão da Associação Cultural do Zambujal



“Os senhores ministros estão para o Primeiro-Ministro como os fusíveis estão para o sistema eléctrico: quando se queimam deitam-se fora para que o sistema se mantenha”, afirmou Carlos Carvalhas, a propósito da remodelação governamental, no jantar que reuniu mais de uma centena de apoiantes em Alfirim

Urge inverter a política para as pescas

— defende Carlos Carvalhas em Sesimbra

A situação das pescas, num concelho onde a actividade piscatória assume uma importância primordial no quadro das suas actividades económicas, não podia deixar de merecer uma atenção particular por parte do Secretário-Geral do PCP nesta sua deslocação a Sesimbra. Por si criticada foi, designadamente, a “falta de empenhamento do Governo na defesa dos nossos recursos e meios de produção”, facto que em sua opinião tem permitido que importantes unidades pesqueiras estejam a cair nas mãos de armadores estrangeiros, designadamente espanhóis, “daqui resultando uma ocupação dos nossos recursos pesqueiros em prejuízo de interesses nacionais presentes e futuros”.

Analisando a situação actual das pescas em Portugal, Carlos Carvalhas referiu que esta se caracteriza “por uma acentuada diminuição das capturas de pescado, por uma degradação progressiva dos recursos e pela perda de oportunidades de pesca em importantes pesqueiros exteriores”, verificando-se igualmente em sua opinião “um crescente abandono da actividade de numerosos pescadores e armadores e a manutenção de uma frota envelhecida”.

“Aqui em Sesimbra, a dois passos de Lisboa, a situação também não é brilhante”, observou, acrescentando que “não fosse uma classe piscatória com fortes tradições na pesca e capacidade de vida no mar em condições extremamente duras e sem compensações razoáveis, e a situação seria ainda pior, o que de resto é admitido pelo próprio Governo. 1992 foi um ano péssimo para as pescas, 1993 será ainda pior”.

Depois de recordar que para este ano está previsto o abate de cerca de 200 embarcações, e de realçar o “efectivo apoio” prestado pelas autarquias de maioria CDU aos pescadores, no quadro das atribuições autárquicas, Carlos Carvalhas chamou a atenção para a necessidade de modificar a política governamental em relação ao sector.

“É necessário, quanto a nós, proceder a uma inversão completa da política até aqui praticada”, sublinhou, enumerando de seguida algumas das principais propostas defendidas pelo PCP neste domínio:

- Promover um Plano Nacional de Pescas, articulado com as realidades regionais, visando apoiar e valorizar a actividade produtiva nacional;
- Substituir a política de abates de embarcações por medidas de apoio à reconversão e modernização da nossa frota;
- Implementar medidas de apoio técnico e financeiro e em particular à pesca artesanal;
- Intervir na fixação dos preços do pescado na primeira venda, de forma a assegurar um rendimento justo a armadores e pescadores, designadamente através da fixação de margens máximas de lucro na comercialização;
- Fixar mecanismos de compensação financeira aos pescadores em situações de impedimento do exercício da sua actividade e aprovar o Regime Jurídico de Contrato Individual de Trabalho a Bordo.

neste contexto, os grandes objectivos da CDU para estas eleições, como enunciou no comício o seu mandatário concelhio, Augusto Flor.

“As energias dos eleitos do PS/PSD têm sido consumidas a criticar a Câmara de forma cega e destrutiva”, explicou aquele militante comunista, assim justificando o mau trabalho desenvolvido por aqueles partidos na gestão da Quinta do Conde e a sua confiança numa vitória

da CDU que garantirá, observou, a “coordenação e a colaboração” com a câmara para levar a cabo o que falta fazer.

Um tema que foi também abordado por Ezequiel Lino, que se deteve a analisar detalhadamente na sua intervenção os *slogans* demagógicos utilizados pelas candidaturas do PS e do PSD, partidos que acusou de não terem “projectos credíveis para o futuro”.

Desmontados pelo presidente da Câmara de Sesimbra, que antecedeu Carlos Carvalhas no uso da palavra, foram concretamente os principais argumentos esgrimidos por aqueles partidos, como sejam a existência de algumas ruas por alcatroar na Quinta do Conde, a alegada oposição da população da Aldeia do Meco à Câmara, o deficiente saneamento básico na vila de Sesimbra e o arrastamento nas obras do porto de Sesimbra.

A este último respeito recordou as responsabilidades do PS quando foi Governo pela aprovação do projecto e lançamento das obras daquele porto, que não tive-

ram em conta os estudos de impacto ambiental então elaborados. Quanto ao saneamento básico, lembradas foram as diligências para a construção de uma ETAR junto do Ministério do Mar, que só muito tardiamente deu uma resposta, garantindo Ezequiel Lino que a Câmara tem projectos para o saneamento, tem promessas de financiamento da OID e “só não lançou a obra porque o Governo não quis”.

No caso da Quinta do Conde, onde “só a Câmara e a população é que têm investido”, segundo as suas palavras, trata-se igualmente de mais um exemplo revelador das “duas faces do PS e do PSD”, uma vez que qualquer deles nunca fez nada por aquele freguesia.

“Em 1978, quando se concluiu o plano de reconversão da Quinta do Conde e se entregou ao Governo, este respondeu que não contribuiria com nada para a recuperação daquela zona clandestina, argumentando que quem fez o clandestino que o pagasse. São agora aqueles partidos que vêm prometer este mundo e o outro àquela freguesia, quando tiveram 19 anos para o fazer, para investir e dar qualidade de vida às populações”, sublinhou Ezequiel Lino.

O carácter dúplice do PSD, defendendo uma coisa num lado e outra noutro, foi também comentado pelo cabeça de lista da CDU. “O PSD diz, sem vergonha na cara, que a população da Aldeia do Meco está contra a Câmara, quando eles votaram por unanimidade a proposta do Plano Director Municipal (PDM)”, concluiu Ezequiel Lino, que se questionou sobre a credibilidade de tais candidatos para dirigir os destinos do concelho.

■ JC



A importância das próximas eleições autárquicas, designadamente pelas incidências que terão no quadro político nacional, a crise económica e social, e a presente ofensiva contra os direitos dos trabalhadores constituíram alguns dos temas abordados pelo Secretário-Geral do PCP, Carlos Carvalhas, na intervenção que produziu no decorrer do encontro com autarcas e sindicalistas realizado na passada quinta-feira, no Centro Vitória, em Lisboa.

Já bastam 8 anos de marasmo na Azambuja

Na batalha das autárquicas na Azambuja, a CDU chama a atenção dos eleitores para o prejuízo que trouxe ao concelho a interrupção, há 8 anos, do trabalho que os comunistas e seus aliados ali estavam a desenvolver e que foi travado por um casamento PS/PSD (seguido de divórcio). Quer a aliança de 1985, quer a maioria socialista presidida por João Benavente, desde 1989, nada fizeram e deixaram o concelho e as freguesias no marasmo. É a este marasmo que quer agora pôr termo a CDU - que tem como cabeças-de-lista concelhos Fernando Cid Simões (para a Câmara) e António José Rodrigues (que já foi presidente da CM e agora é o primeiro nome para a Assembleia Municipal).

A aposta forte da coligação PCP-PEV (que aqui também integra candidatos propostos pela UDP e muitos independentes) foi a principal mensagem transmitida durante a visita de Carlos Carvalhas ao concelho, na passada sexta-feira, que terminou com um entusiástico comício no salão dos Bombeiros Voluntários da Azambuja.

O secretário-geral do PCP e o candidato da CDU à presidência da Câmara da Azambuja chegaram cerca das 17 horas a Vila Nova da Rainha, onde eram aguardados pelo cabeça-de-lista da CDU na freguesia e por meia centena de pessoas, que aplaudiram as críticas ao executivo camarário e os apelos dos candidatos a que se retome o trabalho positivo interrompido em 1985. Estas ideias seriam igualmente sublinhadas noutros breves contactos com a população em Aveiras de Baixo, no Vale do Paraíso, em Manique do Intendente, em Vila Nova de S. Pedro e na Maçussa.

Entre os problemas mais frequentemente levantados, quer por Cid Simões, quer por Carlos Carvalhas, surgiram as consequências da política do Governo PSD/Cavaco Silva (nomeadamente, por terem mais incidência no concelho, as dificuldades dos agricultores, dos trabalhadores da indústria automóvel, dos

reformados e dos jovens) e a falta de resposta da Câmara Municipal a muitos problemas das populações (particularmente nas vias de comunicação e nos transportes, no saneamento básico, no incentivo ao desenvolvimento económico, na preservação do património histórico-cultural, na gestão das finanças municipais).

Manique do Intendente foi apresentada como uma freguesia «símbolo do trabalho da CDU», onde a lista vencedora nas últimas eleições foi, no concelho, «a única que cumpriu o prometido» - como salientou Cid Simões -, apesar de estes quatro anos terem representado um mandato

cheram o salão dos Bombeiros Voluntários da Azambuja, entrevistaram António José Rodrigues (que criticou a gestão financeira «extremamente incorrecta» dos últimos oito anos e se afirmou convicto de que «estão criadas condições para o eleitorado voltar a depositar em nós a sua confiança»), José



Azambuja - noite chela de entusiasmo na sessão de apresentação dos candidatos aos órgãos do concelho e das freguesias



Maçussa - para a lista da CDU foram escolhidos na freguesia os candidatos que melhor contributo podem dar

que «não tem sido fácil» e durante o qual os comunistas e seus aliados foram forçados a trabalhar «praticamente sozinhos» - nas palavras do recandidato à presidência da Junta, Herculano Martins. No Largo de Pina Manique - onde teve lugar o mais participado dos mini-comícios deste fim de tarde no concelho da Azambuja - também Carlos Carvalhas realçou a diferença entre o trabalho da Junta de Freguesia e a actuação da Câmara Municipal que, a poucos dias das eleições, mandou aqui asfaltar à pressa uma estrada... onde depois vai ser necessário abrir roços para água e esgotos.

O momento mais forte desta jornada pelo concelho foi, como se previa, a sessão de apresentação dos cabeças-de-lista da CDU nas nove freguesias e dos candidatos à Câmara e Assembleia municipais. Perante as centenas de pessoas que en-

António Lavado (que trouxe a saudação dos candidatos propostos pela UDP) e Joaquim Félix (candidato à presidência da JF da Azambuja, que denunciou o mau relacionamento actual entre a Junta e a Câmara).

Cid Simões voltou a criticar o abandono a que todo o município está votado desde 1985. Depois de prever que «está a chegar o momento de deitar mãos ao trabalho», o candidato da CDU à presidência da

Câmara Municipal da Azambuja apresentou um vasto rol de acções e projectos que integram o programa eleitoral que, «com as populações e em relacionamento fraternal com as freguesias», a coligação se propõe levar a cabo nos próximos 4 anos, caso a 12 de Dezembro consiga a maioria no executivo municipal.

Carlos Carvalhas começou por referir os problemas colocados durante os contactos com a população nas freguesias, para de seguida apontar as responsabilidades da política e do Governo do PSD no agravamento das dificuldades da agricultura e da indústria, dos jovens, dos trabalhadores, dos reformados. Devido ao falhanço de tal política e à grande contestação que suscitou «o Primeiro-Ministro viu-se obrigado a fazer mais uma remodelação», considerada como «golpe de aflito» pelo

secretário-geral do PCP, contrariando assim quem a classificou como um golpe de mestre.

O dirigente comunista criticou as «promessas e mais promessas» que caracterizam a actuação do PSD no Governo e nas autarquias, como na Azambuja, quando esteve coligado com o PS. Mas, como «dos casamentos há hábitos que ficam», também tem sido essa a atitude do presidente socialista João Benavente, que «há anos anda a prometer uma coisa chamada Lusolândia» e agora repete a promessa, e que imita no concelho o estilo do ministro PSD das Obras Públicas («alcatroar à pressa um conjunto de estradas nas últimas duas semanas, que já estão cheias de buracos, quando não há saneamento básico e aquilo tem que ser arrancado para colocar as canalizações»).

■ DM



Vila Nova de S. Pedro - o castro é uma lixeira, os moradores estão abandonados pela Câmara e pela falta de dinamismo da Junta



Aveiras de Baixo - votar na CDU é também uma forma de penalizar os responsáveis pela desertificação e a crise da agricultura



Vila Nova da Rainha - é necessário votar CDU e retomar o trabalho interrompido



Vale do Paraíso - a CDU concorre com uma lista de gente disposta a trabalhar, com um grande peso de jovens e muitos independentes



Manique do Intendente - a CDU cumpriu o que prometeu há 4 anos, quando a população lhe deu a maioria

PCP

Carvalhas em Oeiras e Sintra

Uma grande confiança nos resultados eleitorais

A afirmação de uma grande confiança nos resultados eleitorais do próximo domingo, e da necessidade de um último e decisivo esforço de esclarecimento - "dirigimo-nos à sensibilidade e à inteligência dos eleitores", foi insistentemente repetido por Carvalhas - marcaram as diferentes intervenções de candidatos e do secretário-geral do PCP, na digressão, sábado passado, por terras de Cascais, Oeiras e Sintra.

Discurso de confiança que se baseia no sentimento de que há reconhecimento por parte do eleitorado da obra realizada pelas equipas e os eleitos da CDU, onde tal tem sido possível, e mesmo onde não é fácil.

"Nós, em Barcarena, temo-nos substituído ao poder central", foi sublinhado no almoço-convívio de candidatos e apoiantes da CDU no Grupo Recreativo de Tercena.

Um obra - desprovida de apoios - que já conta entretanto com realizações concretas em vários domínios, de um centro de enfermagem à organização de espaços verdes, passando por iniciativas concretas dirigidas à infância, juventude e terceira idade, e pela recuperação de habitações de famílias carenciadas.

E que se afirma face às "obras apenas para inglês ver" do modelo de gestão PSD em Oeiras, como foi denunciado pelo candidato à Câmara Municipal de Oeiras, Tavares da Cruz.

Um trabalho concreto realçado com ênfase por Carlos Carvalhas - "Não temos os grandes meios de comunicação, mas temos a arma do trabalho dos nossos militantes".

Também no comício realizado no auditório da igreja de Rio de Mouro, o trabalho realizado pelos vereadores CDU mereceu destaque na intervenção do candidato Lino Paulo. Trabalho que abarca domínios tão diversos como a saúde, ensino, património, recuperação de bairros clandestinos, progra-

mas de realojamento de famílias que vivem em baracas, mercados e abastecimento público. E engloba ainda a luta pela qualidade do meio ambiente, pela qualidade urbanística, contra os "crimes urbanísticos" votados pelo PSD, e por vezes também pelo PS.

Em ligação estreita com esta acção concreta, ao serviço das populações, está um estilo de funcionamento que nomeadamente se reflecte na composição das listas CDU. Nas palavras de Carlos Carvalhas na festa convívio no Cacém, "gente que conhece os problemas, que contacta as populações". Uma ideia que viria a ser retomada em Rio de Mouro, com o sublinhar da elevada presença de jovens nas listas CDU. Como de independentes, a reflectir o carácter unitário do movimento. E ainda de mulheres, concretização prá-



Na feira de Tires



Almoço em Tercena



"Espaço CDU", no Cacém

tica do "princípio que defendemos de participação em igualdade".

Um estilo de funcionamento que passa pelo diálogo permanente com as populações. "O trabalho só se faz junto das populações", afirma Lino Paulo. "A centralização é uma máquina de

criar dificuldades", por um lado e "facilidades por outro". Facilidades geradoras de corrupção.

E Lino Paulo apresenta o exemplo concreto da forma como foram elaborados os documentos programáticos da CDU. Com base em "largo e abrangente diálogo,

aberto a diferentes propostas", e que passou por dezenas de encontros, nomeadamente em todas as freguesias do concelho, abertos a toda a população.

Em referência à realidade política nacional em que estas eleições se enquadram, Carvalhas abordou na sua

intervenção no Cacém a concretização de uma remodelação governamental que não é um "golpe de mestre", mas um golpe de afilto, é a confissão do fracasso de uma política e é a prova que vale a pena lutar e que a luta deve continuar".

"Não é com operações de cosmética, seja com o anúncio de milhões, seja com remodelações que se dá resposta aos graves problemas do país, mas sim com uma nova política - frisou. Remodelações tem havido várias mas a política tem-se mantido, para mal do país e dos trabalhadores".

À boca das urnas, a expectativa é de confiança nos resultados eleitorais.

"Posso dizer, com os pés assentes na terra, que há um grande clima de confiança, de simpatia e de reconhecimento do trabalho realizado pela CDU nas autarquias", afirmou Carlos Carvalhas no comício de Rio de Mouro, em Sintra. E contrapôs, num balanço da primeira metade da campanha, a realidade do apoio que tem sentido por parte dos "trabalhadores, agricultores, reformados, jovens e mulheres" aos resultados de sondagens que "alguns meios de comunicação social têm divulgado". Sondagens que "servem os interesses de quem as encomenda e das forças políticas com que as empresas estão conotadas", e que visam de facto "os desenraizados, os desiludidos", os indecisos, alvo de uma política-espectáculo, de que a análise dos factos está naturalmente ausente.

Por tudo isso, "é necessário fazer ainda um grande esforço". Como afirmaria uma vez mais o secretário-geral do PCP no comício de Rio de Mouro, "as eleições dizem respeito a todos e cada um de nós. A todos os que pensam ser necessária uma verdadeira mudança".

Incidente em Pêro Pinheiro

Segunda-feira passada, em Pêro Pinheiro, um jovem apoiante da CDU, Nuno Almeida, foi alvejado a tiro de caçadeira quando procedia à afixação de propaganda.

Em comunicado em que manifesta total solidariedade ao jovem alvejado, o Gabinete de Imprensa da CDU de Sintra sublinha que este incidente, "a exigir naturalmente a punição do responsável, não desviará a linha fundamental de intervenção da CDU, orientada para o esclarecimento e o convencimento do valor e do mérito da candidatura da CDU à Câmara Municipal de Sintra, confiante na vitória da CDU e do seu candidato Lino Paulo".



Comício em Rio de Mouro



Pormenor da mesa do jantar da CDU em Alcobaça, vendo-se ao centro o candidato à presidência da CM, Rogério Raimundo



Aspecto parcial do almoço em Leiria

Com Carlos Brito Campanha no distrito de Leiria

Três iniciativas da CDU no Distrito de Leiria — nomeadamente nos concelhos de Leiria, Alcobaça e Nazaré — mobilizaram muitas centenas de pessoas nesta campanha eleitoral autárquica. Carlos Brito, director do «Avante!» e membro da Comissão Política do CC do PCP, esteve presente nas duas primeiras, proferindo as respectivas intervenções de encerramento.

Começando pela Nazaré, a CDU iniciou a sua campanha com a apresentação pública da lista numa sessão realizada no Casino da Nazaré. Perante uma assistência de 150 pessoas, «os cabeças de lista fizeram a apresentação dos membros das respectivas listas à Câmara e Assembleia Municipais e às três Juntas de Freguesia do concelho (Nazaré, Valado de Frades e Famalicão), havendo alegria, participação e grande presença da juventude, que apresentou um grupo musical e cantares que animaram a festa, com baile pela noite dentro», segundo nota da CDU local.

Em Leiria realizou-se um almoço de dinamização da campanha eleitoral, bastante animado e concorrido. Usaram, sucessivamente, da palavra José Augusto Esteves, membro do Conselho Nacional do PCP e cabeça de lista da CDU à Assembleia Municipal, João Carlos Oliveira Lázaro, do PEV e o segundo na lista à Câmara Municipal, Sérgio Carvalho Jorge da Silva, candidato à presidência da Câmara Municipal de Leiria, e Carlos Brito, que encerrou a sessão.

Na sua intervenção, o candidato da CDU à Câmara Municipal de Leiria, Sérgio Carvalho Jorge da Silva, afirmou a dado passo:

«É preciso responder às gritantes carências do concelho e impedir uma política autárquica como a que vem sendo

praticada. Nesta situação adquire um especial significado a forma como os homens e as mulheres da CDU nas autarquias compreendem e praticam o exercício do poder. Os eleitos da CDU não procuram servir-se do poder mas com o seu exercício procuram servir as populações e o concelho. É por isso que o nosso lema tem sido e é trabalho, honestidade e competência.»

Em Alcobaça teve lugar um jantar de campanha, também particularmente participado, onde a animação e a confiança foram as notas dominantes. O dr. Basílio Martins presidiu à sessão, sucedendo-lhe, no uso da palavra, Cide Neves, estudante da JCP e da Juventude CDU, que realçou os problemas no Ensino e a luta actualmente travada pelos estudantes contra a política governamental neste sector.

José Subtil, cabeça de lista da CDU à Assembleia Municipal de Alcobaça, e Rogério Raimundo, candidato à presidência da Câmara Municipal, foram os oradores seguintes, deixando clara a necessidade do reforço da CDU para a melhoria da intervenção autárquica neste concelho e enunciando um conjunto de propostas concretas em prol do bem-estar colectivo e do desenvolvimento deste laborioso município da Zona Centro. Carlos Brito encerrou, também aqui, esta iniciativa eleitoral com uma intervenção.

desenvolvimento harmonioso, atrair novos investimentos, aproveitar os recursos existentes... apesar das dificuldades criadas, aqui como por todo o País, pela política do PSD e de Cavaco Silva.

Carlos Carvalhas passou o último domingo de campanha eleitoral em concelhos do Sul do distrito de Setúbal onde a CDU é maioritária nas autarquias, onde o trabalho das câmaras e juntas de freguesia é reconhecido e valorizado pelas populações, onde os índices de conforto e qualidade de vida dos cidadãos são dos mais elevados do País e onde, com o conhecimento da realidade e o indispensável contributo dos moradores, se constrói mesmo um futuro melhor. Nuns concelhos vai mudar o presidente da Câmara, outros renovam-se as listas, em todos se reconhece o valor da obra feita pelos comunistas e seus aliados nas últimas duas décadas de poder local democrático, em todos se propõe às populações dar no próximo mandato um salto qualitativo procurando fomentar o

CDU confiante em Alcácer do Sal A passagem do teste

desenvolvimento harmonioso, atrair novos investimentos, aproveitar os recursos existentes... apesar das dificuldades criadas, aqui como por todo o País, pela política do PSD e de Cavaco Silva.

A jornada começou em Alcácer do Sal, com um mini-comício que juntou no Largo dos Açougues, numa manhã que começava fria e húmida, uma centena de pessoas para ouvirem o secretário-geral do PCP e o cabeça-de-lista da CDU para a Câmara Municipal, Rogério Brito, apresentados pela actual presidente da CM, Gracieta Baião. O antigo deputado do PCP (na Assembleia da República e no Parlamento Europeu) apontou como grandes problemas do concelho o desemprego, que força muita gente a emigrar, e a falta de apoio aos idosos. Saliendo o contraste com

a CDU, que elaborou o seu programa eleitoral e faz a sua campanha «com consciência e sem demagogia», Rogério Brito acusou o PS, o PSD e o CDS de fugirem ao debate sério e recorrerem a «aldrabices». A propósito denunciou várias obras que os candidatos daqueles partidos prometem fazer no concelho, para as quais o PCP propôs, «pela quarta ou quinta vez», que fossem destinadas verbas no Orçamento de Estado para o próximo ano e que, «também pela quarta ou quinta vez», tiveram na AR os votos contra do PSD e as abstenções do PS e do CDS.

«É reconhecido o bom trabalho» desenvolvido pela CDU em Alcácer do Sal, notou Carlos Carvalhas logo a iniciar a sua intervenção, pedindo de seguida uma salva de palmas para a presidente cessante, no que foi



Grândola - o maior almoço-convívio de sempre em campanhas eleitorais



Sines - a valorização de duas décadas de trabalho com resultados evidentes



Santiago do Cacém - quando as eleições estão longe, todos elogiam a acção da CDU na Câmara

PCP

do Sal, Grândola, Sines e Santiago do Cacém testemunho e o salto qualitativo



Rio de Moinhos - toda a aldeia no largo da Igreja, para ouvir Carlos Carvalhas e os candidatos da CDU

pronta e generosamente atendido pelos homens, mulheres, e jovens ali presentes. Reacção idêntica seria, pouco mais tarde, a dos populares que se concentraram na Praça Bernardim Ribeiro, no Torrão, freguesia onde a CDU teve maioria relativa e «os eleitos das outras forças já mostraram» o que fizeram, como referiu Joel Avença, contando que a última Assembleia de Freguesia não pôde reunir por falta dos membros mais responsáveis do PS e do PSD.

Com o secretário-geral do PCP a apelar novamente a que ninguém deixe de votar CDU no próximo domingo, porque «todos os votos são contados», a manhã terminou em grande, no largo da igreja de Rio de Moinhos, onde se reuniu a aldeia em peso e onde, com emoção bem patente nos olhos vermelhos de algumas mulheres, Rogério Brito recordou o tempo em que não havia desemprego e «o pão que se produzia era distribuído por todos», afirmando que a CDU e o PCP se recusam a ser «a comissão liquidatária do Governo que tem vindo a destruir o País».

Também em Grândola - onde o almoço-convívio da CDU juntou umas quatrocentas pessoas no novo pavilhão de feiras - estas eleições marcam a *passagem do testemunho* da presidência, de Matos Gago para Fernando Travassos, sublinhada com uma ovação a homenagear o trabalho dos autarcas comunistas, «verdes» e independentes nos últimos 19 anos. Aqui, como na sessão que se seguiu, em Melides, o arquitecto sem filiação partidária que encabeça a lista da CDU para o executivo municipal (e que foi apresentado pelo presidente da Assembleia Municipal como o mais activo eleito deste órgão no último mandato) incluiu esta experiência de 19 anos entre os trunfos da coligação nestas eleições, somando-lhe a qualidade das listas e dos candidatos e o programa eleitoral. Especialmente criticado foi o primeiro candidato do PSD para a CM, Libânio Miqueli-



Melides - contra a demagogia dos outros, a experiência, os candidatos e o programa da CDU



Vila Nova de Santo André - nasceu oficialmente neste mandato e já caminha pelo seu pé

na, que já reconheceu publicamente que não quer ser apenas vereador e foi acusado de conhecer «só algumas famílias de Grândola». Em Melides, numa nova referência às práticas pré-eleitorais «do PSD, dos ministros e dos governadores-civis», Carlos Carvalhas começou a sua intervenção prevenindo as pessoas que encheram o salão da Casa do Povo: «não trazemos nenhuns cheques do Orçamento de Estado para distribuir». Apesar disso, não lhe foi regateado apoio nas críticas à política do Governo e aos candidatos do PSD «que prometem trazer para o concelho o desenvolvimento que o seu partido não traz para o País».

As posições dos autarcas da oposição, com quem no geral a CDU procura trabalhar em conjunto, foram também alvo de sérios reparos de Ramiro Beja, que é de novo candidato à presidência da CM de Santiago do Cacém e que relatou, num jantar que reuniu mais de três centenas de pessoas na



Torrão - os mais responsáveis eleitos do PS e do PSD nem apareceram na última Assembleia de Freguesia



Alcácer do Sal - o PSD promete aqui uma coisla, mas vota outra no parlamento



Brescos - depois do saneamento básico, a Junta de Freguesia quer agora avançar com os arruamentos

capital do concelho (como já antes havia referido nos Brescos e em Vila Nova de Santo André), como «ao longo do mandato recebemos elogios de todas as áreas, mas aproximam-se as eleições e logo começam a chover críticas e até inventam pretextos para nos criticar». Também neste concelho, onde a CDU está confiante em manter a maioria absoluta na Câmara, o trabalho tem sido apontado ao futuro e prepara-se para o próximo mandato um «salto qualitativo», apesar das dificulda-

des criadas pelo Governo, sobretudo ao não dar cumprimento à lei das finanças locais: além de importantes obras em Santiago e nas freguesias, está já aprovado e homologado o plano director municipal e estão criadas importantes bases de desenvolvimento.

Num outro jantar que encheu de apoiantes e candidatos da CDU o Salão do Povo, Francisco do Ó Pacheco, várias vezes eleito presidente da CM de Sines, lembrou os frutos de «20 anos de

trabalho desinteressado» dos comunistas e seus aliados, não apenas no concelho e no litoral alentejano, como na «alteração radical» do Alentejo. Depois de «anular o caos» e colocar Sines entre os concelhos mais desenvolvidos do País, como salienta no seu folheto concelhio, a coligação PCP-PEV pretende agora abrir novas portas ao desenvolvimento. E começou, como Francisco Pacheco fez questão de salientar, por abrir as listas a novas pessoas, com novas ideias e novas forças (destacou, nomeadamente, que são propostos em lugares elegíveis candidatos com pouco mais de 20 anos). Foi também neste jantar-convívio que Carlos Carvalhas salientou a diferença entre os resultados do trabalho das autarquias CDU no litoral alentejano e as do PS no litoral algarvio ou no Grande Porto, afirmando que «estas diferenças têm que ser marcadas e temos que mostrar as razões por que as nossas autarquias vão à frente».

■ DM/CN



Ponto alto em Sintra

O «mega-almoço» de 28 de Novembro foi o ponto alto da pré-campanha da CDU em Sintra, marcando o arranque para uma campanha eleitoral aguerrida e participada, na batalha pela conquista da maioria na Câmara e pela eleição de Lino Paulo para presidente



A festa CDU na Sociedade Filarmónica Recreio Artístico da Amadora



Na mesa do comício, Carlos Carvalhas e candidatos da CDU ao concelho da Amadora

Comício na Amadora

A obra feita é o grande trunfo eleitoral

A sala da Sociedade Filarmónica Recreativa Artística da Amadora foi pequena para a multidão participante da iniciativa que na semana passada iniciou o período da campanha eleitoral para as autárquicas daquela concelho. Numa noite húmida e fria, o calor humano dentro da sala enrubescou o ambiente, primeiro com a animação de um duo de músicos a tocar o irresistível apelo à dança de músicas africanas e latinas, depois com um comício onde foi manifesta a grande confiança num resul-

tado positivo no próximo dia 12 para a CDU.

As atenções centravam-se, naturalmente, nas intervenções de Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP e do presidente da Câmara e de novo candidato pela CDU à renovação do mandato, Orlando de Almeida, que começaria por falar do «belo arranque de campanha» que representou aquele comício naquele espaço tão ligado à história da cidade, «pólo vivo da cultura, do desporto, do recreio, do convívio, exemplo forte do que é hoje

uma cidade acordada, desperta e actuante».

Orlando de Almeida falaria da obra feita: «a Amadora está completamente diferente da cidade cinzenta dos anos 60 e 70». «Percebemos bem que quem aqui chega em tempo de eleições para fazer um *biscate* eleitoral não sinta, não perceba nem conheça as transformações havidas», diria o edil, numa referência a candidaturas de outros partidos às próximas eleições e que acusam a CDU de nada ter feito pelo concelho.

«A gestão da CDU mudou radicalmente para melhor o rosto da cidade da Amadora», disse Orlando de Almeida a lembrar que «quando em 1980 tomaram posse os primeiros órgãos do Poder Local autónomos do concelho de Oeiras, a situação era dramática». Foi o tempo das ruas degradadas, bairros ilegais, ausência de zonas verdes e saneamento, recolha de lixo apenas uma vez por semana, falta de equipamentos desportivos, culturais, etc, etc.

«Metemos mãos à obra, trabalhámos, envolvemos os munícipes nessa transformação, vencemos batalhas, atingimos metas: a CDU e o Partido souberam estar à altura das suas responsabilidades, na transformação do dormitório de então numa

cidade com vida própria e em desenvolvimento».

Orlando de Almeida falaria do muito que há ainda a fazer para melhorar a vida das populações no concelho, lembrando que a CDU tem sido a única força política capaz de dar à Amadora um lugar destacado no âmbito da Área Metropolitana de Lisboa, capaz de articular o seu desenvolvimento com o de toda a região, conciliando e envolvendo a cidade nos grandes projectos estruturais previstos.

De entre as prioridades para os próximos quatro anos, Orlando de Almeida - que desmentiria formalmente boatos postos a circular sobre uma sua alegada intenção de demissão após o acto eleitoral de 12 de

Dezembro - apontou a execução do Plano Director Municipal, e o desenvolvimento do sector da habitação, um dos problemas de sempre no concelho ao qual o Poder Central não tem dado a resposta que lhe compete e seria necessária.

Antes do presidente da Câmara, Aníbal Ramos, do Conselho Nacional da UDP, falou do acordo eleitoral que leva aquele partido a apoiar a CDU na Amadora, justificando, em sua opinião, pela necessidade de reforçar a luta contra o PSD de Cavaco Silva e pelo facto de a gestão da CDU ter feito melhorar a vida na cidade: «a Amadora já não é um simples dormitório de Lisboa como há 13 anos».

■ PT

Carlos Carvalhas

Governo desestabiliza o país e hostiliza o Poder Local

A constante hostilização do Poder Local por parte do Governo e a denúncia da ilusória «estabilidade» com que o Primeiro-Ministro, Cavaco Silva, justifica a alegada necessidade de um voto no seu partido, foram dois dos temas da intervenção do secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, no comício da CDU na Amadora, em início oficial da campanha eleitoral para as eleições autárquicas do próximo domingo. Carvalhas lançaria o desafio ao PSD de tomar posição, publicamente, antes das eleições autárquicas, sobre o procedimento que vai adoptar acerca dos lugares a ocupar por Portugal no Comité das Regiões, previsto no Tratado da União Europeia: irá Cavaco Silva nomear essas pessoas ou respeitará o direito do Poder Local de escolher os seus representantes?

«Portugal tem doze representantes, que deveriam ser representantes das regiões e do Poder Local», diria Carvalhas, para acrescentar: «o Governo, porém, não permitiu a criação das regiões, e prepara-se, seguramente, para, de forma escandalosa, se substituir ao Poder Local na nomeação de grande parte dos representantes portugueses», facto que «demonstra, uma vez mais, o centralismo e autoritarismo do Governo e a sua hostilização do Poder Local».

«O PCP declara que os lugares que os membros designados pelo Governo ocuparem no Comité das Regiões, são lugares usurpados, sem qualquer representatividade e fará tudo para combater mais esta manobra escandalosa do PSD», frisou o secretário-geral do PCP.

«Desafiamos o PSD a dizer, publica-

mente, agora e não depois das eleições autárquicas, que procedimento vai adoptar nesta matéria», disse.

Carlos Carvalhas acusou o Governo PSD de defender a estabilidade mas, na realidade, praticar a desestabilização: à pergunta «mas que estabilidade é esta da política do PSD», o próprio dirigente comunista responderia:

«É a estabilidade do apoio concedido em benefícios fiscais às actividades especulativas e parasitárias, penalizando a actividade produtiva e o investimento criador de empregos.

«É a estabilidade da entrega das alavancas fundamentais da economia ao capital estrangeiro, com a falência de cada vez maior número de empresas no sector industrial e as dificuldades crescentes no comércio e no turismo.

«É a estabilidade da venda da agricultura ao estrangeiro e a condenação à ruína da nossa agricultura.

«É a estabilidade da concentração da riqueza num pólo e o desemprego, o trabalho precário, os salários em atraso e a extensão da pobreza no outro.

«É a estabilidade das persistentes manifestações de autoritarismo, de arrogância e intolerância, a estabilidade do espancamento dos trabalhadores da TAP e dos estudantes e da autoglorificação governamental».

Carlos Carvalhas deixaria, no entanto, um sério aviso: «a essa estabilidade, que é uma profunda desestabilização económica, social e institucional, a CDU consagrará o melhor das suas forças para lhe dar um decidido e frontal combate».



Carlos Carvalhas e Orlando de Almeida foram muito aplaudidos



Muita gente nova esteve neste comício

Álvaro Cunhal em festas e comícios

Alcochete, Montijo e Setúbal

Sábado. Alcochete foi a primeira etapa desta jornada do Presidente do Conselho Nacional do PCP. No restaurante "Gonçalves", participou num festivo almoço-convívio, com cerca de duzentas e cinquenta pessoas, em ambiente entusiástico. Acompanhado pelos camaradas Manuel Sobral, da Comissão Política, Virgolino, da DORS, e por dirigentes concelhios do Partido e activistas e candidatos independentes, da UDP e da Juventude, Álvaro Cunhal assistiu ainda à apresentação - pelo único orador do convívio, Francisco Pinheiro, da Concelhia de Alcochete do PCP -, dos principais objectivos da CDU nestas eleições para as freguesias, Câmara e Assembleia Municipal.

Previsto um encontro com a população à saída do almoço, este transformara-se afinal num verdadeiro comício, já que os que acompanharam Álvaro Cunhal à saída do restaurante, somados às muitas centenas de pessoas que o aguardavam no Largo de S. João, formaram uma multidão de perto de um milhar de participantes que saudaram entusiasticamente os candidatos que foram sendo apresentados à medida que subiam para a improvisada tribuna. Ali tomaram a palavra, entre outros, o Presidente e novamente candidato Miguel Boeiro que, muito aplaudido pela população, manifestou a alegria que era receber o presidente do Conselho Nacional do PCP, "um combatente pela liberdade, exemplo de verticalidade, honradez e coerência ideológica", cuja visita àquela "vila de trabalho, de operários e salineiros, é estimulante".

"A superioridade da CDU é a obra feita", disse Miguel Boeiro no seu discurso, salientando que "só quem for cego não vê o conjunto de grandes obras realizadas no concelho, que o transformou, tornando-o melhor e mais bonito". O candidato salientou que tais obras se realizaram aproveitando com rigor os fundos colocados à disposição da autarquia, e apontou as mais significativas, no âmbito da frente urbanística e da habitação; da construção e renovação de estradas; da valorização da frente ribeirinha; das grandes infra-estruturas para a cultura; no apoio a três dezenas de colectividades; nas importantes obras da área do desporto. Salientou também que, apesar da política de

destruição do PSD no Governo, a autarquia dirigida pela CDU promoveu o desenvolvimento económico, criando condições para a instalação de duas dezenas de indústrias não poluentes no concelho, mantendo com os empreendedores um diálogo franco e minimizando as burocracias. Referindo ainda as obras de apoio ao Ensino e à Saúde, da competência do Governo, Miguel Boeiro lembrou também a acção da CDU no plano das lutas reivindicativas.

Apontando a pouca seriedade das acusações dirigidas pelo PSD à Câmara CDU e a cumplicidade do PS com o partido do Governo, o candidato perguntou, no meio de aplausos: "Se os nossos adversários não são sérios quando atacam a Câmara, como poderiam ser sérios se tomassem o poder?"

Álvaro Cunhal, que falou a encerrar o comício, e cujo início do improvisado custou a fazer-se ouvir por entre os aplausos e os gritos de apoio à CDU, começou por dizer que, numa campanha eleitoral, trata-se de ver quem ganha. "Mas", sublinhou, "por algumas razões que foram referidas, nós estamos aqui não para ver, mas para anunciar que vamos ganhar!"

Montijo

Álvaro Cunhal, depois de uma curta visita à zona ribeirinha de Alcochete, deslocou-se para o Montijo. Também aqui à beira-Tejo, com o sol das cinco da tarde a espelhar-se na água, junto às instalações do Refeitório dos Trabalhadores da Câmara, centenas de pessoas aguardavam, e a chegada do dirigente comunista coincidiu com um desfile de juventude que ali foi manifestar o seu apoio à CDU. O salão foi pequeno de mais, e muita gente ficou à porta. Na mesa, além de dirigentes do PCP, alguns destacados candidatos - Jacinta Ricardo, presidente da Câmara; Jorge Peixinho, candidato à Assembleia Municipal; Antero Brotas, à Assembleia de Freguesia do Montijo. O camarada Paleta, do CC e da DORS, que deu boas notícias da campanha e exortou a mais iniciativas, apresentou a mesa e os oradores. Falaram Cipriano Pisco, da UDP, Jorge Humberto, da Juventude, Álvaro Saraiva, dos Verdes. Jorge Peixinho, que todos saudou e em particular a presença de

Álvaro Cunhal, afirmou que a importância que a si lhe atribuem "é certamente devida à relevância que a CDU atribui à cultura". E sublinhou o muito que nessa área tem sido feito, desde o que respeita ao meio ambiente e ao património, como em relação às iniciativas e obras de cultura, de que salientou nomeadamente a Biblioteca e o Museu. O candidato, muito aplaudido, falou ainda dos projectos, das ideias que não faltam nem à CDU nem a si próprio, que se insere "nessa verdadeira avalanche renovadora".

De pé, a sala saudou Jacinta Ricardo, que começou por manifestar a sua confiança e optimismo nos resultados destas eleições, dada a receptividade e reconhecimento de milhares de pessoas "com quem nestes dias contactámos, de que o Executivo CDU fez obra e agiu sempre em defesa dos interesses do Montijo e das suas gentes".

"No essencial", disse Jacinta Ricardo, "cumprimos com a propostas apresentadas e, tão importante como isso, criámos condições para o desenvolvimento futuro da nossa terra".

"Foram só três os eleitos pela CDU", lembrou mais adiante a candidata, que falou, entusiasticamente aplaudida, das importantes obras realizadas, "mas conseguimos nunca esmorecer e levar por diante o compromisso assumido!"

Álvaro Cunhal, na sua intervenção, diria que, em relação às eleições no Montijo, nada iria acrescentar. Apenas que os montijenses têm todas as razões para votar na CDU no próximo dia 12. Referiu-se ainda ao cumprimento, no fundamental, do programa, um traço geral das autarquias conduzidas por esta força política. E aproveitou para falar da força que a CDU hoje apresenta, dos apoios maiores que tem em relação a eleições anteriores, lembrando os principais e muito claros objectivos que a mobilizam - manter e reforçar as suas posições.

Setúbal

A noite caíra já quando Álvaro Cunhal chegou a Vendas de Azeitão, onde se realizou um jantar e foram apresentados os candidatos da CDU às freguesias de S. Simão e de S. Lourenço, concelho de Setúbal. Mais de uma centena de pessoas, que



Alcochete



Montijo

no final do jantar realizado nas instalações do "Grupo Musical União e Progresso", cresceram em número, com mais gente que apareceu para assistir às intervenções, conviveram e aplaudiram os oradores. O camarada Marcelino falou do programa da Coligação para a Freguesia de S. Simão, dominada pelo PS, e cumprimentou o camarada Diamantino pelo excelente trabalho desenvolvido pela CDU na freguesia de S. Lourenço. Também estavam presentes os camaradas Heitor Matos, candidato à presidência da Câmara de Setúbal, que manifestou a confiança num bom resultado, e ainda Regina Marques e Hilário Cabaço, candidatos à CM, e Manuel Salazar, mandatário da CDU no concelho.

O Presidente do Conselho Nacional do PCP, lembrando as boas razões que há para votar na CDU, sublinhou que os seus programas não são para caçar votos, são projectos para resolver os problemas das populações. E que por essas razões, tanto em S. Simão, como em S. Lourenço, freguesias de Azeitão, como em geral no concelho

de Setúbal, é necessário que nem um voto falte.

A jornada encerrou em Setúbal, em grande festa. Não cabia mais gente no antigo cinema "Bocage", onde Álvaro Cunhal chegou com atraso e muitas pessoas se amassavam na rua para recebê-lo e aos candidatos que o acompanhavam desde Azeitão. Manuel Salazar abriu a sessão apresentando os candidatos às autarquias do concelho e o convidado "muito especial" que era o camarada Álvaro Cunhal. E deu a palavra a Heitor Matos, que iniciou o seu discurso sublinhando a necessidade e a urgência de votar CDU para mudar a gestão autárquica de Mata Cáceres, do PS, no concelho, e para castigar o Governo do PSD e a sua política.

"Também em Setúbal, Mata Cáceres pratica a política do oásis", acusou Heitor Matos, apontando ao ainda presidente da Câmara o facto de preferir alindar com alcatrão as ruas da cidade em vez de se debruçar seriamente sobre os problemas sociais, sobre a gravidade da situação habitacional, sobre os problemas da segurança e

do ambiente. Questões que, apesar de serem no essencial do âmbito das competências governamentais, mereceram sempre da parte da CDU uma grande atenção.

Heitor Matos acusou ainda Mata Cáceres de esbanjar dinheiros públicos em benefício de poucos e prejuízo de muitos; de pouca transparência e ausência de planificação; de despudor e arrogância na sua gestão, de tal forma que muitos socialistas se têm afastado dela por não pactuarem com tais actuações. "Só a CDU pode alterar este estado de coisas", disse.

Álvaro Cunhal, a encerrar as intervenções a que se seguiu um espectáculo musical, recordou, por seu lado, que esta situação, numa autarquia liderada pelo PS, não é uma situação particular, e que só a CDU está à altura de a poder resolver. "A nossa gente é diferente", disse. "E entende que o exercício do poder político em geral não é para servir clientelas, mas servir as populações, para resolver os problemas das populações".

■ Leandro Martins



Azeitão



Setúbal



Ramada: o vigor da visita a Loures começou logo de manhã



A escada de acesso à Junta de Freguesia de S. Julião do Tojal deu um mini-comício que decorria no largo, entre foguetes

Álvaro Cunhal no concelho de Loures

«Temos gente capaz e de confiança e

Não houve nevoeiro que resistisse à calorosa passagem de Álvaro Cunhal pelo concelho de Loures, no passado domingo: sempre acompanhado por Demétrio Alves, o "actual e futuro presidente da Câmara Municipal de Loures" (como várias vezes foi afirmado), o presidente do Conselho Nacional do PCP cumpriu uma jornada de vigor crescente, em que os foguetes entusiasmados de S. Julião do Tojal, pelo meio-dia, foram os primeiros sublinhados. Sempre recebidos pelos respectivos candidatos dos locais previstos na digressão, o visitante e o anfitrião foram ao encontro de uma realidade eleitoral de qualificação simples: confiança e entusiasmo

Um nevoeiro persistente, que nunca limpou completamente em todo o dia, abriu alas para o primeiro encontro da jornada: freguesia da Ramada, a dois passos de Odivelas. Eram 11 horas da manhã, e foi fácil desbravar o imbricado de ruas que conduzia à praça

breve plataforma entre "socialcos de prédios" que a selvajaria urbanística dos anos 60/70 engendrou naquelas colinas. "Quem não se lembra - perguntava o camarada Ferreira, actual presidente da Junta e de novo candidato - do tempo em que só havia aqui um caixote



Severiano Falcão, ex-presidente do município de Loures, usando da palavra no almoço do Zambujal

Demétrio Alves (que repetiria ao longo do dia e da viagem pelo concelho) de que a pretensa "alternativa PS" na direcção do concelho de Loures significaria o retomar de antigas incúrias e a obstrução ao trabalho que, ao longo dos anos e com a competência de que a CDU se pode orgulhar, tem vindo a reordenar e a desenvolver o concelho de Loures. Álvaro Cunhal reforçaria o tema recordando a característica essencial da CDU: a de trabalhar para servir as populações e não interesses particulares ou de grupo, dando expressão concreta à democracia participativa.

Foguetes em S. Julião do Tojal

A etapa seguinte apontou para a freguesia de S. Julião do Tojal, onde a CDU sempre obteve uma fortíssima votação. Álvaro Cunhal visitou, sucessivamente, o Clube União Recreativo, o novo Centro de Dia (quase todo custeado pela Junta e pela Câmara) e as novas instalações da Junta de Freguesia, num magnífico edifício cuja recuperação e arranjo, totalmente custeados pela Câmara Municipal de Loures, ascenderam a qualquer coisa como 100 000 contos. Entre foguetes lançados pela população, este investimento da Câmara seria assinalado por

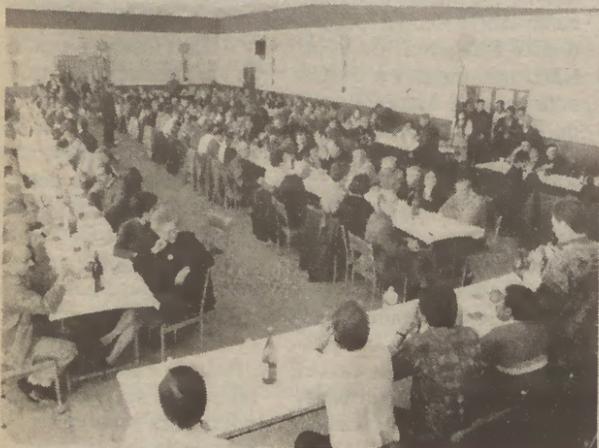


Comício no S. Joanense, em S. João da Talha

quico onde a preservação do património e características rurais tem andado a par da promoção do desenvolvimento, numa harmonia que já rasgou largos horizontes para o futuro próximo, nomeadamente com a despoluição do rio Trancão e a instalação do Mercado Abastecedor da Região de Lisboa no território da freguesia. "Tudo isto vai acontecer num

quadro de desenvolvimento equilibrado e harmonioso", garantiu Demétrio Alves.

Álvaro Cunhal, dando nota da forte presença da juventude na campanha da CDU, apontou para o presidente da Junta de Freguesia de S. Julião do Tojal, Joaquim Frija Ferreira, que vai entrar no seu terceiro mandato, e exemplificou, nele, a acertada opção da CDU



O almoço do Zambujal estava previsto para 200 e tal pessoas... e transbordou para as 300

escolhida para o encontro com a população porque, de todos os transeuntes que interceptámos na sua azáfama matinal de breves compras domingueiras, ouvimos a antecipada resposta, quando falávamos do largo da Ramada de Baixo: "ah, sim! É por causa do comício com o Álvaro Cunhal!" - e apontavam, sorridentes, o caminho.

A música, os jovens e as bandeiras deram, logo ali, as primeiras notas de vigor, chamando a população ao largo rasgado quase à força numa

do lixo?" Os aplausos dos presentes mostraram que se estava ali também por causa da memória, mesmo sem a presença desses exemplos extremos de abandono e desprezo pelas populações: a limpeza e o saneamento, o arranjo e a criação de espaços urbanos, o ordenamento do caos bem visíveis na própria praça e disciplinando décadas de incúria, eram a prova viva e irrecusável do que valem as gestões CDU. Daí o segundo grande aplauso da manhã para a afirmação de

Pontinha e St.º António dos Cavaleiros

A visita de Álvaro Cunhal ao concelho de Loures teve um «prelúdio» já na semana passada, mais concretamente na noite de terça-feira, dia 30 de Novembro, quando o presidente do Conselho Nacional do PCP se deslocou a Santo António dos Cavaleiros para um jantar com candidatos e apoiantes da CDU nas instalações da Associação de Mora-

dores e, mais tarde, para um comício da CDU na Escola do Bairro Falcão, na Pontinha.

Usaram da palavra Severiano Falcão, ex-presidente do município de Loures, que fez uma vigorosa intervenção sobre os reformados, Demétrio Alves, presidente do município, e Álvaro Cunhal.





ótimo «balcão» para o



S. Julião do Tojal: a popularidade de Demétrio Alves foi sempre uma evidência, na jornada do passado domingo



essa está na CDU»

em investir sempre na renovação dos quadros e na juventude. Na verdade Frija Ferreira tinha pouco mais de 20 anos quando assumiu pela primeira vez a direcção da autarquia.

“Temos o que temos porque somos o que somos!”

Aliás Joaquim Frija Ferreira daria boa nota do empenho autárquico da CDU, ao discursar um pouco mais tarde no almoço realizado no salão dos Bombeiros Voluntários do Zambujal, afirmando, nomeadamente, que “temos o que temos porque somos o que somos!” e que “temos motivos para estar satisfeitos, mas realizados, nunca!”, isto após enunciar o vasto trabalho realizado pela Junta na Freguesia e elogiado a grande colaboração e apoio da Câmara, “que pratica uma efectiva descentralização de competências”.

O almoço do Zambujal foi um dos momentos altos da digressão de Álvaro Cunhal pelo concelho de Loures. Previsto para 250 pessoas que quase chegaram às 300, a refeição (abundante, diversificada e de qualidade) foi um produto completo da militância e do empenho voluntário, traduzindo-se não apenas numa vigorosa manifestação popular de apoio à CDU, mas também num generoso contributo para a campanha, a que se somou quase 70 contos obtidos em ofertas durante a iniciativa.

Na mesa estavam, além dos já citados e entre outros, Manuel Veiga, presidente da Assembleia Municipal de Loures e de novo candidato ao cargo (que, aliás, acompanhou desde o início a visita de Álvaro Cunhal), José Júlio C. Morais, presidente da Junta de Santo Antão do Tojal (vizinha de S. Julião), e Severiano Falcão, ex-presidente da Câmara Municipal de Loures, que proferiu uma vibrante intervenção

a sublinhar o trabalho realizado pela CDU.

Demétrio Alves falou a seguir, “viajando” qualificadamente pelo concelho a que preside. Mostrando, mais uma vez, a familiaridade com que trata todos os assuntos do município, resumiu com precisão as realizações da Câmara nas diversas áreas de intervenção, os problemas que se enfrentam, as opções tomadas, as obras em desenvolvimento e as perspectivas futuras.

“O medo que dê votos!”

Respondendo às insinuações dos adversários de que a Câmara de Loures, por ser comunista, teria menos “capacidade negocial”, Demétrio Alves foi conciso: “A experiência mostra que não precisamos de ninguém que venha negociar por nós - o que não entramos é em negociatas, como o PS!”. E citou exemplos de bom relacionamento institucional e prático, quer se fale do Governo, da Igreja, das minorias étnicas e religiosas ou de todo o tipo de organização popular, desportiva, cultural ou associativa em actividade no concelho.

Continuando a responder a algumas “farpas” da oposição, recordou que a recuperação dos clandestinos, agora tão reclamada, era, há bem pouco, definida pelos seus actuais paladinos por uma ideia singularmente oposta - a de que se deve “arrasar tudo” - estando a ser feita ao longo dos anos graças à persistência e empenho dos executivos CDU.

“A melhor propaganda é o trabalho realizado no passado e no presente!”, resumiu, concluindo: “se alguém tem medo das sondagens fabricadas que por aí andam a inventar derrotas para a CDU, então peguemos no medo, desfaçamo-lo em bocadinhos e transformemos cada um em dois novos votos!”. E concluiu: “Temos

gente capaz e de confiança e essa está na CDU!”.

Álvaro Cunhal, que encerrou a sessão, recordou que o trunfo fundamental dos comunistas e dos seus aliados na CDU é a obra feita. “E não apenas a obra feita, mas também a obra em andamento!”, sublinhou, recordando que a CDU é uma grande força nacional também nas autarquias, administrando com competência e eficácia cerca de 50 municípios e um terço do território nacional, incluindo a maioria da Área Metropolitana de Lisboa. Quanto à recente “remodelação” governamental, o presidente do Conselho Nacional do PCP considerou-a uma manifestação de fraqueza e de medo pela iminente derrota eleitoral do PSD. “Vamos infligir-lha!”, exortou.

À beira-Tejo

Seguiu-se S. João da Talha, uma das freguesias de Loures à beira-Tejo e “encravada” em território de Vila Franca de Xira. O encontro com a população deu-se na sede do Sport Clube Sanjoanense, cujo salão ficou à cunha para ouvir os oradores, nomeadamente o presidente da Junta CDU (e de novo candidato), Joaquim Guerreiro. A passagem por esta “banda ribeirinha” do município de Loures continuou num encontro-convívio com a juventude na Casa da Cultura de Santa Iria da Azóia, onde uma animadíssima multidão de jovens fez vibrar as confortáveis instalações, sucedendo-se, às 19 e 30, um jantar volante no Centro de Dia local, que se encontrava igualmente apinhado de gente e de entusiasmo. A jornada terminaria em Camarate, já noite dentro, numa sessão de esclarecimento no Grupo Desportivo Águias de Camarate, que rematou bem uma visita onde, repetimo-lo, o entusiasmo e a confiança na vitória foram as notas dominantes.



A exuberância da juventude no encontro na Casa da Cultura de Santa Iria da Azóia

Grande comício-festa com Carlos Carvalhas CDU encheu o Coliseu do Porto com alegria e confiança num bom resultado a 12 de Dezembro



Com o Coliseu do Porto a «rebrantar pelas costuras», realizou-se no passado dia 1, naquela cidade, o Comício/Festa de arranque da campanha eleitoral para as autarquias do distrito do Porto.

Com efeito, mais de cinco mil pessoas encheram por completo a maior casa de espectáculos do Porto, tendo ficado uma grande parte em pé.

Era uma massa humana esfusiante de alegria, entusiasmo, determinação e confiança num futuro melhor que só a CDU pode proporcionar.

A Juventude, bastante numerosa, não deixou de marcar a sua presença, destacando-se pela sua saudável e contagiante irreverência e pela sua convicção nos ideais e na prática da CDU nas autarquias e noutros órgãos em que esteja representada.

A Festa começou com a actuação da «Brigada Vítor Jara» que, sempre muito aplaudida, entusiasmou todos os presentes com a sua música, a sua vivacidade e alegria, em perfeita sintonia com o ambiente que se vivia.

Imediatamente após a sua actuação, o apresentador, Alexandre Falcão, leu um texto de apoio à CDU dos arquitectos Alcino Soutinho, Álvaro Siza Vieira, Anni Gunther, António Madureira, Augusto Amaral e Domingos Tavares, no qual estes artistas denunciam a obra de fachada a que o Porto tem vindo a ser sujeito em prejuízo dos mais carenciados o que é incompreensível depois de quase vinte anos de democracia e progresso e também de esperanças sempre adiadas.

Mais adiante, numa referência à recuperação do centro histórico que todos dizem defender, perguntam por que é que a zona ribeirinha se degrada cada vez mais.

O Porto da exclusão social

A terminar dizem que precisam de gente que comande, de políticos que decidam, de autarcas municipais e de freguesias que saibam privilegiar os interesses do povo, os interesses de todos.

Com a presença de Carlos Carvalhas, secretário-geral do PCP, deu-se então início ao comício, presidido por Emílio Peres candidato à presidência da Assembleia Municipal do Porto que começou por dar as «boas-vindas» àquele momento de alegria, por aquilo que vamos viver, pela nossa presença, por aquilo que somos. Somos a CDU. A razão por que aqui estamos e porque andamos nesta luta, a maneira como procedemos e o nosso entusiasmo são a garantia duma grande vitória da CDU, que tem um programa para melhorar a vida das popula-

ções, no que as autarquias têm grande importância e influência. De seguida chamou para o palco os presidentes das Juntas de Freguesia de Miragaia, Pedrouços, S. Pedro da Cova, Lomba, Rio Mau, Sebolido e Santo Isidoro, os candidatos às Câmaras e Assembleias Municipais do distrito do Porto e ainda delegações das formações políticas integrantes da CDU (Intervenção Democrática, Partido Ecologista «Os Verdes» e Partido Comunista Português). A primeira intervenção esteve a cargo de Ilda Figueiredo, candidata à Presidência da Câmara Municipal do Porto, que começou por aludir às visitas já efectuadas às zonas degradadas da cidade do Porto, aos bairros e ilhas onde se deparou com situações cada vez mais chocantes e frequentes, de pobreza extrema, de carências em habitação social e saneamento básico ao que se junta uma dramática situação de desemprego, sobretudo dos mais novos e das mulheres e reformas de miséria dos mais idosos.

É assim que, em vastas zonas do Porto, por detrás da aparência do asfalto e do betão, crescem as situações de exclusão social e criam-se condições propícias ao aumento da marginalidade e da insegurança das populações. Obviamente que o executivo camarário tem fortes responsabilidades em tudo isto e, particularmente, o seu presidente, Fernando Gomes, que têm demonstrado uma completa insensibilidade para estes gravíssimos problemas sociais.

Em boa verdade é inadmissível que a rede municipal de esgotos sirva apenas 47 por cento da população, que os autarcas continuem a menosprezar investimentos em infra-estruturas de saneamento básico, só por que são obras feitas debaixo da terra e, por isso, não dão nas vistas.

A CDU já demonstrou que a gestão municipal privilegiou um sector restrito da população, deu prioridade à especulação imobiliária, às infra-estruturas necessárias aos construtores dos grandes centros de serviços que estão já a preocupar os pequenos e médios comerciantes para quem o futuro é cada vez mais incerto.

É tempo de mudar

São incontáveis os maus exemplos deste executivo camarário. É tempo de mudar de gestão municipal, não só para uma resposta verdadeira e eficaz aos problemas, mas também como forma de combater a desilusão que se apoderou de muitos municípios do Porto, que se sentem traídos, e tendem a não acreditar em nada nem em ninguém.

Mas, com o trabalho que a CDU já efectuou e vai continuar a realizar, está a renascer a esperança e a confiança na CDU como a única alternativa global de gestão municipal.

Assim, com confiança, audácia e determinação vamos trabalhar para reforçar a CDU, para ter mais eleitos, multiplicando a nossa mensagem pela cidade, nestes poucos dias que faltam para as eleições de 12 de Dezembro.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra Adrião Cunha, candidato à Presidência da Câmara Municipal de Penafiel, que disse querer fazer e assumir, com a CDU, Penafiel como a capital do Vale do Sousa. Para isso foram desenvolvidos projectos e apresentadas propostas tendo em vista, duma forma credível, o desenvolvimento harmonioso do concelho.

Penafiel necessita duma Câmara que se assuma como agente incentivador da actividade económica concelhia e isso só com a CDU será possível. De facto, com a CDU na vereação tudo será feito para a criação de mais empregos, melhorando-se assim a qualidade de vida dos munícipes.

Mais adiante, Adrião Cunha disse recusar que o concelho continue a vogar ao sabor de opções pessoais e partidárias, sem um objectivo definido e que não se pode aceitar a saúde como uma roleta, a justiça como um balcão, a cultura um necrotério.

A terminar afirmou que, para que o futuro seja efectivamente diferente para melhor, a CDU é a força necessária no próximo executivo camarário.

O Porto para todos

Falou em seguida Raul Medina, um jovem estudante universitário e candidato à Assembleia Municipal de Vila Nova de Gaia que começou por salientar que a CDU encara a juventude como uma força social com problemas próprios, como uma força activa da sociedade, com aspirações justas a uma vida melhor e com uma maneira muito própria, original, alegre e porque não irreverente de agir e de lutar por um país melhor. Por isso os jovens acreditam na CDU, por se aí que encontram um espaço onde participam de igual para igual. Disse, ainda, Raul Medina, que a CDU está sempre ao lado dos jovens, como exemplo citou a «guerra das propinas» assumindo uma posição clara e coerente na defesa do ensino superior. Os estudantes encetaram uma luta sem tréguas. Depois da batalha campal quase todos se vêm agora pôr ao lado dos estudantes, mesmo aqueles que até então boicotaram manifestações e acções de luta contra as propinas como foi o caso da FAP.

A concluir disse que a CDU não encara o Porto como ruas e prédios, como alcatrão e betão. Para a CDU o melhor do Porto são as gentes que nele vivem e trabalham. Temos a certeza de que com a CDU vai ser «O Porto para Todos».

A encerrar o comício interveio Carlos Carvalhas, secretário-geral do Partido Comunista Português, que começou por fazer uma saudação muito calorosa aos presentes, ao povo do Norte e do Porto e aos candidatos da CDU e ainda uma saudação especial para a juventude.

Estamos na recta final depois de uma pré-campanha magnífica pela nossa postura e pelo nosso trabalho no interesse do Povo.

Uma campanha de propostas e programas e não de falsas promessas, mas sim de obra feita.

Por isso, reforçar a CDU é dar voz às populações.

As nossas listas, referiu Carlos Carvalhas, têm uma elevada percentagem de jovens e independentes e são aquelas que têm maior número de mulheres.

É sabido que na periferia da cidade do Porto vive uma grande parte da população. A degradação das zonas habitacionais, o tempo perdido nos transportes impedem-na de usufruir de uma vida melhor que lhes permita retemperar forças para, com o seu trabalho, contribuir para o desenvolvimento da socie-



Temos que dizer aos trabalhadores que em 12 de Dezembro votem na CDU, a única força que sempre tem estado ao seu lado. Aos reformados que vivem de reformas de miséria; aos jovens com trabalho precário; aos emigrantes que são obrigados a procurarem noutros países melhores condições de vida; aos estudantes que lutam por um ensino melhor e contra as propinas e as bastonadas que votem na CDU a única força que está sempre do mesmo lado da sua barricada.

Votemos na CDU para estarmos aqui a comemorar uma grande vitória no dia 12 de Dezembro.

Acabada a intervenção de Carlos Carvalhas, muito viva e entusiasticamente aplaudida, deu-se por encerrado o comício. Então, de imediato, o palco foi invadido por jovens e outros apoiantes que vitoriam a CDU e dançaram ao som da «Carvalhesa».

■ Celso Cunha

dade. E tudo isto é culpa do Governo que não tem uma política integrada de desenvolvimento.

É certo que as autarquias CDU têm feito um magnífico trabalho ao serviço das populações. Mas a sua actividade tem sido limitada pela falta de recursos.

Mas, a resolução dos problemas autárquicos não resolve os problemas do País.

Numa caça descarada aos votos, o Primeiro-Ministro lançou de novo o espantinho da estabilidade política e social.

São o desemprego, os salários em atraso, a arrogância, os espancamentos que contribuem de facto para a famigerada desestabilização de Cavaco Silva. Porém, as culpas só a ele e ao seu Governo podem ser assacadas. Mas a CDU faz-lhe um frontal combate.

O mesmo lado da barricada

Em seguida, Carlos Carvalhas saudou vivamente todos os trabalhadores em luta pela manutenção dos seus postos de trabalho e reiterou-lhes a solidariedade incondicional da CDU.

Falou em seguida na governamentalização do PSD que está dominada pelo clientelismo, a especulação financeira e o autoritarismo. Aliás o «quero, posso e mando» vê-se em todas as atitudes do Governo.

Continuando, Carlos Carvalhas desafiou o Governo para que diga agora e não depois das eleições autárquicas quais os critérios que vai adoptar para a nomeação dos representantes de Portugal no Comité das Regiões pois que, tudo indica, o Governo se prepara para diminuir o peso do poder local naquele Comité.

Carlos Carvalhas denunciou em seguida a postura do Governo e do PSD nesta campanha eleitoral onde gastam rios de dinheiro. Nós não faremos isso pois que não temos recursos e, mesmo que os tivéssemos, nunca procederíamos dessa forma pois sabemos que há milhares e milhares de famílias com fome.

Aliás o PSD e o seu Governo esqueceram-se também de investir na saúde, na cultura, no ensino, no domínio económico, desenvolvendo uma campanha autárquica de autêntica, indisfarçável e descarada caça ao voto.

O essencial da campanha do PSD anda a ser feito pelo Primeiro-Ministro em carros do Estado e, apesar disso, diz que esta campanha nada tem a ver com o Governo.

A CDU tem desenvolvido nas autarquias uma actividade para minorar as deficiências do Governo. Vamos pois para esta campanha com a certeza de que temos obra feita.

Temos todos que nos mobilizar para uma grande vitória no dia 12 de Dezembro.

CDU quer gestão competente para Torres Vedras

Com cerca de dois milhões de contos de dívidas, a Câmara de Torres Vedras tem o seu futuro comprometido pela gestão ruínosa do executivo PS. No próximo mandato já se sabe que metade do orçamento da autarquia será para pagar o serviço da dívida. Talvez por isso, ninguém acredita que os socialistas mantenham a autarquia que tão mal geriram: «Pelo menos, a maioria absoluta perdem de certeza» — dizem-nos com convicção.

O descontentamento da população é claro e os torrienses procuram uma alternativa credível que garanta o desenvol-

vimento do concelho onde as carências ao nível da infra-estruturas básicas são muitas.

«Essa alternativa só pode ser a CDU», disse na passada sexta-feira Francisco Manuel Fernandes, candidato da CDU à presidência da Câmara, no decorrer de um encontro com a população realizado no fim de tarde de sexta-feira, e em que participou Álvaro Cunhal.

Perante centenas de pessoas concentradas no Largo de São Pedro, o candidato da CDU, cujo trabalho como vereador do desporto e assuntos sociais a população conhece e

valoriza, não escondeu as inúmeras dificuldades que a autarquia terá de vencer no próximo mandato, mas afirmou que os eleitos da Coligação irão lutar com empenhamento para ultrapassá-las e dar um salto qualitativo no desenvolvimento do concelho.

O bom trabalho dos eleitos da CDU viria a ser lembrado por Álvaro Cunhal que interveio a seguir. Como afirmou, mesmo quando não estão em maioria, realizam um trabalho importante em prol das populações, que marca a diferença em relação às outras.

Depois do jantar-convívio promovido na freguesia da Maceira, em que participaram mais de 200 pessoas, Álvaro Cunhal dirigiu-se para a A-dos-Cunhados, para uma sessão de esclarecimento, realizada nas instalações da Associação de Socorros.

Nesta sessão, dirigida por Jorge Humberto, intervieram e responderam a várias perguntas da assistência, José Manuel, cabeça de lista e presidente da freguesia da Carvoeira, conquistada ao PSD nas eleições de 1989; Conceição Carichas, cabeça de lista à Assembleia Municipal; Juvenal Martins, candidato à Junta de Freguesia de A-dos-Cunhados; João Moraes, candidato à CM, e o cabeça de lista à Câmara, Francisco Fernandes, que só chegou ao local mais tarde, após o debate radiofónico com os candidatos das outras forças políticas concorrentes à Câmara.



Álvaro Cunhal no Largo de São Pedro com a população de Torres Vedras



Jantar em Maceira

PCP

Artistas intelectuais apoiam a CDU em Sintra

Apoiam, entre outros, a candidatura da CDU a Sintra os seguintes artistas e intelectuais:

Pintores/Artistas Plásticos

António Castilho; António Foigado; Eduardo Neves; Luís Ralha; Paulo Barreto; Pedro Monteiro; Rogério Ribeiro.

Escritores

José Saramago; Alexandre Cabral; António Modesto Navarro; Carlos Porto; Ernesto Melo e Castro; Glória Marreiros; José Felicidade Alves; Mário Carvalho; Mário Ventura Henriques; Serafim Ferreira; J. Colaço Barreiros, tradutor; Luís Pignatelli, tradutor; Luiz Francisco Rebelo, dramaturgo; Virgílio Martinho, dramaturgo.

Cinema

Manuel Costa e Silva; Octávio Espírito Santo; Teresa Villaverde; Vasco Granja; Vasco Pimentel; Henrique Espírito Santo.

Música

Alfredo Flores; Álvaro Salazar; Bernardino Nascimento; Carlos do Carmo; Carlos Paredes; Fernando Flores; Fernando Lopes Graça; Francisco Seia; Humberto Ávila; Janita Salomé; João Fernando;

Jorge Peixinho; Luísa Basto; Maria Guinot; Nuno Gomes dos Santos; Paulo Teixeira; Samuel; Vítor António Pereira; Vitorino.

Actores/Encenadores/Coreógrafos

António Anjos, actor; António Montez, actor; Armando Caldas, actor e encenador; Fernando Lima; João Miranda, bailarino; Irene Cruz, actriz; José Morais e Castro, actor e encenador; José Peixoto, encenador; Linda Silva, actriz; Magda Cardoso, actriz; Mariana Vilar; Mário Pereira, actor; Maria Emília Correia, actriz; Rui Mendes, actor e encenador; José Gomes, actor; José Eduardo, actor; Jorge Silva, actor; Luís Alberto, actor; Fernanda Lapa, actriz e encenadora; Fernanda Alves, actriz; André Gago, actor; Cândido Mota, profissional de rádio e TV; Fernanda Montemor, actriz; Carlos Santos, actor; António Machado, actor; Carmen Santos, actriz; Canto e Castro, actor; Henrique Viana, actor; José Brás, actor; Mário Jacques, actor; Manuel Mendonça, actor; Natália Vieira, actriz; Vítor Ribeiro, actor; Maria Dulce, actriz; Estrela Novais, actriz; Carlos Gonçalves, actor; Carlos Porto, crítico de teatro.



Lino Paulo, o prestigiado vereador da CDU em Sintra que é, de novo, candidato à presidência do município, tem encontrado exuberante confirmação da popularidade e apoio que goza no Concelho sintrense

Abaixo-assinado de apoio à CDU

«Oeiras merece melhor!»

Em abaixo-assinado de apoio às candidaturas da CDU no concelho de Oeiras, sob a consigna «Oeiras Merece Melhor» (cujos nomes transcrevemos em baixo), afirma-se:

— «considerando o trabalho que desde o 25 de Abril, os eleitos da CDU na Câmara Municipal de Oeiras têm realizado nos pelouros sob sua responsabilidade: Cultura, Desporto, Educação, Saúde, Serviços Municipalizados e Transportes;

— «a competência e prestígio social e profissional dos elementos que constituem as listas da CDU;

— «a seriedade e o conhecimento dos problemas do concelho;

«Estas são credenciais suficientes que nos levam a considerar as listas da CDU a mais sólida alternativa para servir as autarquias de Oeiras.

«Por isso decidimos exprimir o nosso apoio à CDU e apelar ao voto nas suas listas.»

Amílcar Campos, engenheiro; Alfredo Perrulas Quaresma, ex-internacional de futebol; Armando Caldas, encenador; Arnaldo António Pereira, gestor r. humanos; António Leitão Rosado, reformado/presidente da URPIA; Adélia Goulart, professora; António Machado, actor; Augusto da Silva Gomes, industrial; Armando José Carrapiço, engenheiro; Águeda da Silva R. Conhago, téc. contas; António Lourenço Gonçalves, téc. acção social; Cremilda Gil, actriz; Carlos Amaro, engenheiro; Carlos A. Guerreiro Soares, bancário/pres. dos Bomb. Barcarena; Carlos José Direitinho Tavares, meteorologista; Carlos Frederico A. A. da Silva, professor; Carlos Manuel M. da S. Salazar D'Eça, téc. paramédico; Carlos Alberto Franco de Carvalho, bancário/dir. da Simecq; Carlos Almeida, téc./C.T. Beiersdorf; Carlos J. S. Ribeiro (Cagé), operário/dir. sindi-

cal; Dálio Cipriano Cabrita Calado, com. de bordo/Ex-dir. F. P. Judo; Diogo Neves, estudante/pres. A. E. Belém/Algés; Dantas Ferreira, engenheiro; Ernesto Pereira, comerciante; Frederico Mirão, engenheiro; Francisco Silva, engenheiro; Fernando M. dos S. Cabrita, professor; Fernando Torres, pres. G. R. Tercena; Fernando Cabrita, engenheiro; Helena Seródio, prof. universitária; Henriqueta Maia, actriz; Herculano Coelho, dir. A. Morad. 18 de Maio; Henrique Pinto Gonçalves, Professor; José Adelino Pires de Mendonça, jurista; José Manuel Ferreira, professor; José Ferreira Vicente, comerciante; João Augusto Ranhola, pres. da A. Rec. L.-a-Velha; Jorge Waldemar Lourinho Ribeiro, oficial do Exército; José Manuel A. Silva Salavisa, comissário de bordo; José Neves de Almeida Oliveira, arquitecto; José Manuel da P. A. Isidro, pres. do S. C. L.-a-Pastora; João Fernando Canastra, comerciante; José da Felicidade Alves, editor; Jorge Nogueira, f. judicial; Leonor Moniz Pereira, prof. universitária; Luzia Maria R. M. Lieberman, téc. estudos de mercados; Melo de Carvalho, professor; Martins Alves, jurista; Maria

Arlanda Claudino Nené, professora; Maria Adelaide Filipe, massagista; Mário Nunes Viegas, engenheiro; Maria Alexandre N. Proença, comerciante; Manuel V. O. Dias Duarte, professor; Mário Alberto Gonçalves Salgado, analista informática; Marina Manuela S. Antunes, téc. superior S. Sociais; Maria da Graça R. S. Pestana, investigadora; Miguel C. A. Pinto, professor; Orlando Serafim Branco da Ponte, prof. treinador de basq.; Orlando Leitão, médico; Olga Loyoa da Cunha, secretária; Paulo Medina, professor; Pedro Maia, comandante da TAP; Paulo Correia da Fonseca, biólogo; Ricardo Júlio Faria da Costa, geólogo; Vasco Ágoas; Vítor Nascimento, téc. EDP/dirigente sindical; Virgílio Miguel, operário/C.T. Autosil



Tavares da Cruz (ao lado de Carlos Carvalhas), candidato da CDU à presidência da Câmara Municipal de Oeiras, numa das numerosas iniciativas da Coligação Democrática Unitária no Concelho

Arlanda Claudino Nené, professora; Maria Adelaide Filipe, massagista; Mário Nunes Viegas, engenheiro; Maria Alexandre N. Proença, comerciante; Manuel V. O. Dias Duarte, professor; Mário Alberto Gonçalves Salgado, analista informática; Marina Manuela S. Antunes, téc. superior S. Sociais; Maria da Graça R. S. Pestana, investigadora; Miguel C. A. Pinto, professor; Orlando Serafim Branco da Ponte, prof. treinador de basq.; Orlando Leitão, médico; Olga Loyoa da Cunha, secretária; Paulo Medina, professor; Pedro Maia, comandante da TAP; Paulo Correia da Fonseca, biólogo; Ricardo Júlio Faria da Costa, geólogo; Vasco Ágoas; Vítor Nascimento, téc. EDP/dirigente sindical; Virgílio Miguel, operário/C.T. Autosil



Arquitectos portuenses apoiam CDU

Durante um encontro realizado no Teatro Rivoli, que reuniu cerca de duas centenas de intelectuais, foi divulgado um texto colectivo de arquitectos portuenses de apoio às candidaturas da CDU, designado "Sentir a Cidade" e que destacamos a seguir.

Além das intervenções a cargo de Emílio Peres e Ilda Figueiredo, o actor Alexandre Falcão leu um texto de César Príncipe. O encontro incluiu um concerto pelo pianista Fausto

Neves e uma exposição de artistas plásticos onde figuravam nomes como Alberto Pêssimo, Acácio Carvalhão, Américo Moura, António Bronze, António Fernando, Carlos dos Reis, Elsa César, Emílio Remêlho, Fernando Oliveira, Gémeo Luís, Guima, Henrique Silva, Isabel e Rodrigo Cabral, Jaime Azinheira, José Paiva, Luísa Gonçalves, Manuela Bronze, Roberto Machado e Valdemar Santos.

«Sentir a cidade»

Vista do Sul, para quem atravessa o rio, a cidade dos brilhos e reflexos, com nevoeiros escorrendo pelas pedras viscosas das encostas da Sé e Miragaia, aparece como cenário de encanto recheado da arte maior das suas torres barrocas. No entanto, de cores e brilhos não se constrói a felicidade dos seus habitantes. Para além da primeira colina, pelas ruas da cidade adentro, vivem trezentas mil almas angustiadas por um dia-a-dia turbulento e difícil. Para uns mais que para outros, diferente para todos, mas difícil quanto já não se compreende depois de quase vinte anos de democracia e progresso, depois de quase vinte anos de esperanças sempre adiadas.

Viver e sentir o Porto, no amor que todos os portuenses lhe devotam, vale por dizer construir no espaço das nossas ruas e praças,

das nossas casas e sítios, a dimensão do equilíbrio, do conforto e da beleza que justifique o nosso orgulho e a tradição humanista e progressiva das nossas gentes.

Por isso os problemas do Porto são acima de tudo problemas da nossa angústia de ver o tempo correr ao tempo em que a incapacidade dos eleitos deixa correr também a oportunidade de construir o nosso futuro. Ao menos no que ao espaço urbano diz respeito, porque tantas outras oportunidades se perdem também no orgulho sectário e insensível de quem nos governa de longe.

Assumem as gentes do Porto as ideias para a sua cidade. Ideias-desafio que passam por coisas simples de propor e discutir, ainda às vezes complicadas de aceitar.

Por exemplo, defender a reconstrução do centro histórico, dos grandes e pequenos centros com tradição.

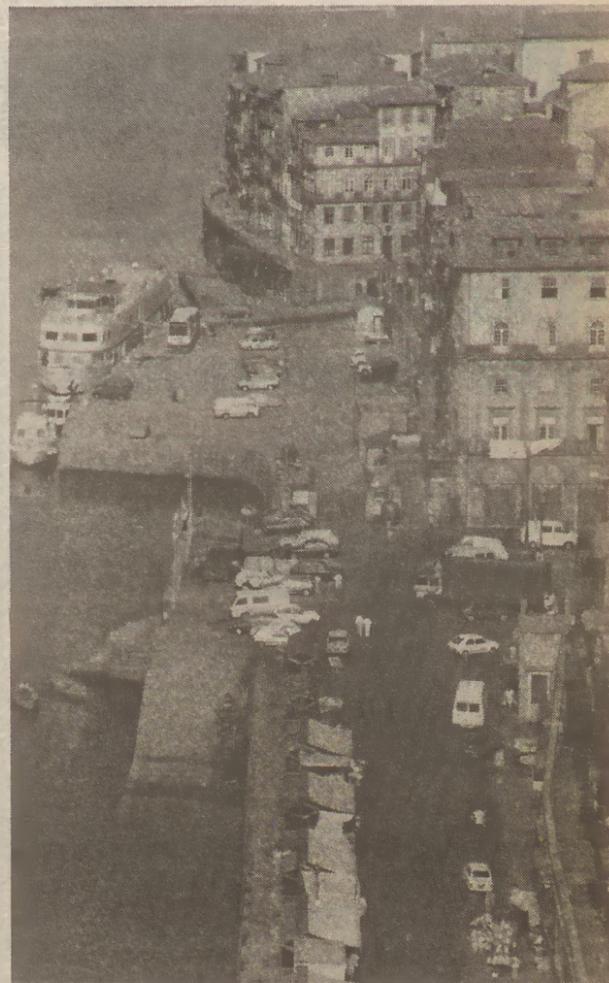
Se é certo que todos o defendem, porque é que as zonas ribeirinhas se degradam mais e mais? Porque é que ao esforço intenso de reconstrução dos primeiros anos depois de Abril se seguiu um período tão longo de avanços lentos, de trabalhos arrastados? A reconstrução da zona histórica do Porto é um capital de esperança para o povo das áreas pobres da beira-rio, ainda que o progresso não toque desde logo a todos, porque a todos pode vir a tocar no futuro.

Quebrar a fronteira do medo que separa o povo do Porto dos bairros degradados, abrir a cidade à população, limpar as ruas estreitas de imundícies, rixas e receios é um objectivo que passa primeiro que tudo pela reconstrução das casas e dos sítios. Devolver a cidade ao povo é garantir a todos as formas dignas de viver na sua cidade, no seu

bairro, na sua vizinhança.

E por dentro da cidade estreita deixar penetrar o sol. Em cada recanto uma praça ou um jardim. O Porto ainda tem muitos espaços verdes, mas quase ninguém os vê porque estão escondidos por detrás dos prédios, em suas cameleiras floridas de camélias vermelho em branco. Se a cidade respira nos jardins privados das casas que os têm, tem de permitir também que respire nas ruas e praças mais do que S. Lázaro, do que a Cordoaria ou o Palácio, mais do que nas Praças da República e do Marquês. Os pequenos jardins têm de descer também ao rio, ultrapassar os Museus de Macieirinha ou de Guerra Junqueiro e infiltrar-se pelos pequenos espaços para tomar conta dos velhos e das crianças.

Uma cidade para o povo terá que ter também menos gases irrespiráveis no ar,



menos fumos de óleos e gasóleos, menos ruído ritmado dos motores de combustão. Não é fácil fazer parar o trânsito. Então deixá-lo andar para sair, encontrando caminhos fáceis e deixando às pessoas os seus tempos de andar, com montras, com luzes, com festas, com prazeres.

Vamos privilegiar o colectivo, qualificando o transporte rápido e eficaz das nossas massas trabalhadoras. Se o automóvel individual vai cada vez mais rápido e perigoso, por vias e cinturas sempre a andar, porque há-de o trabalhador demorar horas de casa ao emprego, do emprego a

casa. Porque não ter tempo de levar os meninos à escola em autocarros pontuais? O complexo problema do tráfego imundo e imenso numa cidade estreita e velha de séculos, exige opções por vezes difíceis, mas a primeira terá de ser olhar o colectivo, resolver os espaços da vida e da dinâmica da cidade numa perspectiva que sirva o seu progresso e o seu povo.

Os arquitectos são loucos. Visionários da cidade perfeita porque entendem que o espaço da cidade é o lugar da vida quotidiana do maior número e, portanto, o lugar onde é preciso construir a felicidade. Oscar Niemeyer, o arquitecto brasileiro que deu forma às mais importantes construções de Brasília, quando perguntado como seria a cidade do futuro, respondeu: «É, com certeza, uma cidade socialista». Os arquitectos não crêem que a construção da cidade do futuro se faça pelos seus desenhos, transformando as cidades. Mas entendem que o seu material de trabalho, a sua contribuição para a construção de novas ideias de progresso passa pelos seus desenhos, como estímulo para novas conquistas. E precisam de gente que comande, de políticos que decidam, de autarcas municipais e de freguesia que saibam privilegiar os interesses do colectivo, os interesses do povo, os interesses de todos.

Por isso, manifestamos o nosso apoio às candidaturas da CDU à cidade do Porto.

Arquitectos:

Alcino Soutinho
Álvaro Siza Vieira
Anni Gunther
António Madureira
Augusto Amaral
Domingos Tavares



As sondagens Expressamente mistificadoras

Alguns exemplos recentes

A CDU comenta As sondagens do último sábado

A edição do semanário «expresso» do passado sábado publicou resultados de sete sondagens sobre as intenções de voto nas eleições de domingo próximo nos concelhos de Cascais, Faro, Sintra, Gondomar, Beja, Lisboa e Porto. A responsabilidade técnica da sondagem foi da empresa «Euroexpansão» e os comentários da responsabilidade do jornal.

No mesmo dia o Gabinete de Imprensa da CDU divulgava, a esse propósito, o comentário que a seguir reproduzimos:

«1. A opinião pública está hoje - último dia em que legalmente é permitida a publicação de sondagens - a ser bombardeada com numerosas notícias sobre resultados de sondagens relativas a eleições autárquicas em importantes municípios que apresentam como característica geral um manifesto propósito de favorecer o PS em detrimento da CDU.

«Neste âmbito, o conjunto de sondagens e de interpretações políticas hoje divulgadas pelo «Expresso» não podem deixar de ser classificadas como uma mera operação política por conta do PS.

A este respeito, é indispensável lembrar que as sondagens hoje publicadas pelo «Expresso» são todas realizadas pela Euroexpansão - empresa tradicionalmente identificada nos meios políticos pela sua devoção ao PS - e que, como tem sido referido em diversas notícias, tem feito sondagens por encomenda dos candidatos PS às Câmaras da Amadora, de Loures e de Sintra.

«2. De referir ainda que o empenho do «Expresso» em propagandar uma dinâmica vitoriosa do PS propostamente relacionada com um alegado «esvaziamento eleitoral» do PCP vai ao ponto de cometer a desonestidade política de sentenciar que tal suposto «esvaziamento» poderia mesmo conduzir à perda da CDU de Câmaras consideradas seguras na Área Metropolitana de Lisboa quando a verdade é que não publica qualquer sondagem sobre qualquer município actualmente gerido pela CDU na Área Metropolitana de Lisboa.

«3. O Gabinete de Imprensa da CDU, no sentido de chamar a atenção para a diversidade de resultados que têm sido publicados e para a prudência e reserva com que deve ser avaliada a credibilidade de muitas sondagens, considera útil chamar a atenção para que, em contraste com os resultados hoje divulgados pelo «Expresso»:

«- a ponderação dos dados reais (constantes do respectivo relatório) da sondagem Universidade Católica/Independente e da sondagem Euroteste/Público sobre Cascais, longe de revelarem qualquer quebra de votação na CDU neste concelho, traduziam a consolidação e avanço da sua votação em 1989, o mesmo acontecendo com diversas sondagens sobre o concelho do Porto;

«- a ponderação dos dados reais (constantes do respectivo relatório) da sondagem U. Católica/Ind. sobre Sintra revelavam que a candidatura da CDU era a que apresentava um maior crescimento de intenções de voto por comparação com a participação na amostra de inquiridos que declararam ter votado CDU em 1989, o que significaria que o candidato da CDU ocuparia actualmente o primeiro lugar nas intenções de voto (aliás, quanto a Sintra, caberia à Euroexpansão explicar a sensível diferença de resultados entre a sondagem que fez para o «Expresso» e a sondagem que, conforme notícia no «Semanário» de hoje, terá feito para Edite Estrela praticamente no mesmo período);

«- a sondagem de há dois dias da TVI sobre Faro apresentava o candidato da CDU como estando apenas a dois pontos do candidato com maior quota de intenções de voto.

«4. O gabinete de Imprensa da CDU chama a atenção para que nas sondagens Euroexpansão/Expresso hoje divulgadas, as percentagens de indecisos são invariavelmente baixas em relação aos valores apresentados por muitas outras sondagens e salienta que o tratamento jornalístico destas como de outras sondagens não presta aos leitores quaisquer informações que permitam confiar que as amostras de inquiridos correspondem à influência relativa das diversas forças políticas medida pelo voto de 1989.

«5. Contrariamente ao que as sondagens convenientemente afeiçoadas aos interesses do PS procuram fazer crer, todas as indicações disponíveis confirmam uma poderosa dinâmica da campanha da CDU, a real perspectiva da consolidação e reforço das suas posições e um movimento geral de confiança num seu expressivo êxito eleitoral».

As presidenciais de 1991

• «Expresso» de 20 de Outubro de 1990



Carlos Carvalho 5%



Basílio Horta 8%



Mário Soares 70%

• «Expresso» de 17 de Novembro de 1990



Carlos Carvalho 6%



Basílio Horta 15%



Mário Soares 63%

• «Expresso» de 1 de Dezembro de 1990



Carlos Carvalho 6%



Basílio Horta 15%



Mário Soares 64%

• «Expresso» de 8 de Dezembro de 1990



Carlos Carvalho 7%



Basílio Horta 17%



Mário Soares 61%

• «Expresso» de 28 de Dezembro de 1990



Carlos Carvalho 6,3%



Basílio Horta 13,1%



Mário Soares 59,6%

• Os resultados em 13 de Janeiro de 1991 foram:



Carlos Carvalho 12,9%



Basílio Horta 14,1%



Mário Soares 70,4%

As autárquicas de 1989

• «Expresso» de 4 de Novembro

Marcelo 38% Sampaio 34% Martinho 4%

• «Expresso» de 18 de Novembro

Marcelo 40% Sampaio 34% Martinho 4%

• Brito perde avanço no Porto

MARCELO Rebelo de Sousa ganhou um significativo avanço em relação a Sampaio no Porto, a 80 por cento no PSD e no CDS, penetrar em quase dez por cento.

• «Expresso» de 7 de Outubro

Marcelo 36% Sampaio 31% Martinho 6%

MARCELO Rebelo de Sousa surge com cinco pontos de avanço sobre Jorge Sampaio (36% contra 31%) na primeira consulta a um Painel regular EXPRESO/Euroexpansão sobre as autárquicas nos concelhos de Lisboa e Porto.

• «Expresso» de 1 de Dezembro

Marcelo com 2% sobre Sampaio depois de ter perdido o debate

• Os resultados em 17 de Dezembro foram:

49%

Por Lisboa Jorge Sampaio

42%

PSD+CDS+PPM Marcelo Rebelo de Sousa

44,5%

PS Fernando Gomes

31,8%

PSD Carlos Brito

traduziu na diminuição da vantagem do primeiro sobre o segundo.

Indecisos aumentam no Porto

cisos a aumentar, provocando quedas em todas as candidaturas, à excepção da de Fernando Gomes que, por essa via, se aproximou de Carlos Brito.

resultados inferiores a dez por cento, o que parece afastá-los da luta pela presidência da Câmara. Assim, Fernando Cabral (CDS) conta com 9,5 por cento.

A evolução exemplar

Candidatos	Autárquicas de 1989					Resultado Final
	Sondagens «Expresso»/Euroexpansão					
	7/10/89	21/10/89	4/11/89	18/11/93	1/12/89	
Marcelo R. Sousa	36%	34,9%	37,8%	40,2%	42,6%	42%
Jorge Sampaio	31%	30,0%	33,9%	33,5%	40,6%	49%
Carlos Brito	24,1%	27,9%	26,0%	24,5%	31,9%	31,8%
Fernando Gomes	19,5%	18,9%	19,8%	20,6%	27,4%	41,5%
Oliveira Dias	8,3%	8,4%	8,3%	8,1%	9,5%	10,2%

AUTÁRQUICAS - ÚLTIMO PAINEL LISBOA

Marcelo 35%; Sampaio 30% Martinho 4% Brito com 9% de avanço no Porto

MARCELO Rebelo de Sousa mantém o avanço de cinco pontos sobre Jorge Sampaio na corrida para a presidência da Câmara de Lisboa. Os resultados do painel quinzenal EXPRESO/Euroexpansão são:

descida de um terço das intenções de voto que recolhia há quinze dias, o que pode indicar que a bipolarização começa a fazer sentir os seus efeitos.

resultados da última quinzena, surgindo destacado na corrida. Fernando Gomes desceu ligeiramente, enquanto os dois restantes candidatos, Brito e Oliveira Dias, mantêm-se em níveis baixos.

TRABALHADORES

REFORMADOS EM VIGÍLIA

Milhares de reformados, pensionistas e idosos, vindos de todo o País, concentraram-se em Lisboa, no passado sábado, para protestar contra a política do Governo, repudiando, em particular, os aumentos das pensões sociais decretados recentemente.

A marcha de protesto subiu a Rua Augusta, da Praça do Comércio para o Rossio, onde os presentes aprovaram uma moção a entregar ao Governo e aos grupos parlamentares.

Durante a jornada de luta, promovida pelo MURPI e pela Inter-Reformados, foi aprovada uma moção, por unanimidade e aclamação, que repudia os miseráveis aumentos impostos pelo Governo e defende que as pensões mínimas se aproximem rapidamente do salário mínimo nacional. O documento reclama ainda a anulação do cálculo legal de pensões, que a ser aplicado «prejudicaria fortemente os futuros reformados».

A moção exige ainda a extensão do 14º mês a todos os reformados e pensionistas, bem como o pagamento das dívidas do patronato à segurança social e defende que o seu financiamento «obedeça ao princípio da solidariedade nacional entre gerações».

PORTUCEL HOJE EM GREVE

Os trabalhadores do grupo Portucel cumprem hoje e amanhã períodos de greve nas unidades de Viana, e de Setúbal e Cacia. Esta decisão foi aprovada em plenários realizados no decorrer da última semana, como resposta à recusa dos representantes das administrações em garantirem aumentos salariais que reponham, no mínimo, o poder de compra perdido.

Os trabalhadores querem ainda que seja respeitado o acordo colectivo de trabalho comum às oito empresas criadas na sequência do recente desmembramento da Portucel efectuado em Maio último.

TAP PÁRA DIA 16

Os trabalhadores da transportadora aérea nacional voltam a parar na próxima quinta-feira, exigindo que a administração e o Governo negociem de forma séria e satisfaçam as reivindicações de defesa do emprego, dos direitos e do futuro da empresa. Num plenário realizado durante a paralisação, também de cinco horas, na passada segunda-feira, foi anunciado que hoje a administração vai receber a estrutura sindical, enquanto dia 13 o ministro dos Transportes reunirá com delegações da CGTP e da UGT. José Ernesto Cartaxo, que interveio no plenário em nome da Inter, alertou que «não podemos alimentar falsas expectativas» quanto àquelas reuniões «tendo em conta o conhecimento que temos dos comportamentos de Santos Martins e Ferreira do Amaral em relação a todo este processo». No plenário participou também Torres Couto, em representação da UGT.

LAR/EUROAIR

Os trabalhadores da Lar/Euroair acusam a administração de endossar a terceiros a responsabilidade de declarar a falência da empresa. Numa reunião do pessoal de terra e de cabina realizada na semana passada, os sindicatos foram mandatados para denunciar aos órgãos de soberania e à opinião pública a situação dos trabalhadores, que estão há 11 meses sem salário e serão os mais penalizados com a decisão de falência.

Administração Pública quer contraproposta salarial

Vários milhares de trabalhadores da Função Pública concentraram-se terça-feira da passada semana, junto ao edifício da Assembleia da República para protestar contra a lei dos disponíveis e a política salarial do Governo para o sector.

A manifestação decorreu com muita animação onde não faltaram o ritmo dos bombos a acompanhar as palavras de ordem.

Perante o olhar atento da Polícia de Intervenção, os manifestantes efectuaram o enterro simbólico do Primeiro-Ministro e de alguns dos seus ministros.

As palavras de ordem reivindicavam a manutenção dos postos de trabalho, melhores salários, respeito pelos direitos laborais e a demissão de Cavaco Silva. Entre os manifestantes estavam trabalhadores da Administração Local, dos professores, médicos-enfermeiros e sapadores bombeiros, provenientes de vários pontos do País.

A coroar esta acção, uma delegação sindical entregou uma resolução ao Presidente do Parlamento exigindo uma «contraproposta salarial realista».

Esta exigência tinha sido aprovada por unanimidade, horas antes, pelos mais de 3 mil trabalhadores que estiveram reunidos em plenário



nacional, no Pavilhão Carlos Lopes, em Lisboa.

O plenário defendeu ainda a suspensão da aplicação da lei dos disponíveis e a concretização de um

calendário para a negociação, manifestando a sua firme determinação de recorrer a outras formas de luta durante o mês de Dezembro, caso o Governo não dê resposta satisfatória às reivindicações apresentadas.

Carlos Mamede, dirigente da Plataforma Reivindicativa da Administração Públi-

ca afirmou na intervenção de abertura do plenário que se a Secretaria de Estado do Orçamento não responder satisfatoriamente às reivindicações os trabalhadores voltam para a rua na semana seguinte.

O plenário contou ainda com a intervenção de Carvalho da Silva, coordenador da CGTP-IN, que exortou os presentes a continuarem a luta.

Recorde-se que desde o passado dia 8 de Outubro, data em que a secretária de Estado Manuela Leite propôs ao sector o congelamento dos salários, que não há qualquer negociação com os sindicatos da Administração Pública.

Vidreiros marcham até Lisboa para exigir emprego

Perto de uma centena de vidreiros chegaram a Lisboa na passada sexta-feira depois de uma marcha de dois dias desde a Marinha Grande.

A acção visou alertar a opinião pública para a situação em que se encontra o sector, tendo ainda como objectivo entregar ao Presidente da República, Primeiro-Ministro e ministro da Indústria um dossier que fundamenta a suas reivindicações.

Nomeadamente, os trabalhadores exigem a reestruturação do sector da cristalaria, a possibilidade de acesso aos fundos comunitários por parte das empresas, a criação de uma linha de crédito, com juros bonificados, e a resolução dos salários em atraso.

Após serem recebidos por Mário Soares, os vidreiros deslocaram-se à Assembleia da República onde se encontraram com parlamentares do PCP, PS e UDP que prometeram visitar em breve a Marinha

Grande para verificar no local os problemas sociais resultantes da crise que abala o sector.

Nesta acção dos vidreiros integraram-se Maria do Carmo Tavares e José Ernesto Cartaxo, ambos membros da Comissão Executiva da CGTP-IN, bem como Joaquim Dionísio, membro do Conselho Nacional.

Este acto de solidariedade reflecte a posição da central que já propôs no Observatório de Emprego que a Marinha Grande seja considerada região em crise, merecedora por isso de um plano de emergência.

O presidente da Câmara da Marinha Grande, Barros Duarte, entendeu também acompanhar a última etapa da marcha para demonstrar a sua solidariedade com os vidreiros, para os quais aquela autarquia há muito que pediu ao Governo a tomada de medidas concretas.



Deficientes pedem demissão do secretário nacional da Reabilitação

A Associação Portuguesa de Deficientes (APD) que promoveu uma vigília no Rossio, na passada sexta-feira, (na foto) reivindica a demissão do secretário nacional de Reabilitação, acusando-o de surdez face aos problemas dos deficientes.

A exigência, no entender da APD, surge reforçada na sequência da demissão do ministro do Emprego e Segurança Social, Silva Peneda, de quem o secretário nacional de Reabilitação, António Charana, era «elemento de confiança».

A APD que se queixa de falta de diálogo, fez esta exigência precisamente no dia em que se comemorava o Dia Internacional do Deficiente.

Outras críticas da APD referem-se nomeadamente à falta de regulamentação da Lei de Bases da Prevenção, Reabilitação e Integração de Pessoas Deficientes.

Entretanto, no mesmo dia, uma delegação portuguesa de deficientes, composta por 24 elementos de 12 organizações, participava no Parlamento Europeu de Deficientes, em Bruxelas, que debateu a problemática dos deficientes à escala dos doze Estados membros da CE.

TRABALHADORES

«Mera operação de cosmética»

CGTP comenta remodelação ministerial reafirmando que vale a pena lutar

Na passada sexta-feira a CGTP divulgou, através do seu departamento de informação, o comunicado que aqui transcrevemos comentando a remodelação ministerial anunciada quinta-feira à tarde.

Consciente da derrota que espera o partido do Governo no próximo acto eleitoral de 12 de Dezembro, o Primeiro-Ministro, numa autêntica operação de cosmética, anunciou uma remodelação ministerial.

É este o reflexo do descontentamento generalizado e da luta dos trabalhadores, dos estudantes e de outros sectores da população contra a política do Governo.

Com esta operação, o Governo quer disfarçar as consequências das suas erradas opções políticas e a sua incapacidade de responder aos problemas que afectam a nossa economia e a nossa sociedade.

Esta mexida na equipa governativa representa uma tentativa desesperada de Cavaco Silva destinada a minorar os efeitos da derrota eleitoral que espera o seu partido. Só que, quando a estratégia está errada de raiz, a substituição de pessoas nada resolve.

A vida mostra que a sua política está profundamente errada e desajustada da realidade empresarial e social do nosso país.

A CGTP-IN foi a primeira organização a alertar para as consequências desastrosas que a continuação dessa política acarretaria para as empresas e para os trabalhadores e suas famílias. Por isso, tem estado na linha da frente dos que exigem uma política realmente diferente, uma política que defenda o aparelho produtivo, que promova a elevação do bem-estar e do nível de vida dos portugueses e a livre negociação colectiva e que combata o desemprego, o trabalho infantil e a miséria.

Nada disto o Governo tem feito e nada nos diz que daqui para a frente vai ser diferente. Não basta substituir ministros. É preciso alterar toda a política económica, financeira, social e cultural que tem sido seguida.

É preciso adoptar medidas que combatam o crescimento do desemprego e que levem à criação de mais emprego.

É preciso que os nossos salários subam e se aproximem progressivamente da média dos salários europeus.

É preciso abandonar a política de convergência nominal e adoptar políticas de convergência real com a Comunidade Europeia.

É preciso abandonar as medidas gravosas aprovadas em matéria de segurança social e saúde.

É necessária uma política que promova a livre negoci-

ação colectiva e que salguarde os direitos dos trabalhadores e das suas organizações representativas.

É necessária uma política diferente, que garanta o presente e gere novas esperanças para o futuro.

Conscientes de que vale a pena lutar, os trabalhadores vão continuar, com a firmeza que os tem caracterizado, a exigir respostas positivas para os seus problemas e para os problemas do país.

USL

A remodelação governamental foi também analisada na primeira reunião da Comissão Executiva da União dos Sindicatos de Lisboa, recentemente eleita. Num comunicado que divulgou ao princípio da noite de sexta-feira, este organismo afirma que, ao mudar ministros mantendo a mesma política, o propósito de Cavaco Silva é «criar falsas expectativas em vésperas de eleições». Manifestando a sua solidariedade para com as lutas dos trabalhadores e dos estudantes, a executiva da USL apela à «preparação de acções de rua que conduzam à grande e verdadeira remodelação, a única que serve os interesses dos trabalhadores e da população: a mudança desta política».

Professores não auguram melhorias

«A indicação de Manuela Ferreira Leite para ministra da Educação não augura quaisquer melhorias no clima de tensão que se vive no sector», afirma o Sindicato dos Professores da Grande Lisboa, numa nota assinada pelo seu presidente, Paulo Sucena, e que foi divulgada sexta-feira de manhã. Para o SPGL, «a actual secretária de Estado do Orçamento não mostrou, até hoje, ser possuidora de um projecto político capaz de retirar a educação do caos em que, durante mais de um decénio, a mergulharam os responsáveis que o PSD colocou a dirigir o Ministério da 5 de Outubro. Pelo contrário, Manuela Ferreira Leite sempre demonstrou, no plano negocial, uma total insensibilidade perante os problemas do ensino e dos professores, pautando o seu pensamento de governante pela lógica do cifrão. A futura ministra nunca se afastou da ideia de que em educação não se investe, corta-se é nas verbas».

A direcção do SPGL considera que a substituição de Couto dos Santos foi um acto a que Cavaco Silva se viu obrigado «perante a avassaladora contestação» ao ministro que o chefe do Governo nomeara «com o objectivo principal de domesticar professores e estudantes», o que não foi conseguido. Depois de lamentar que a substituição de Couto dos Santos por Manuela Ferreira Leite pareça não ter aberto portas para a mudança de política educativa, o SPGL afirma

que «a uma política de cariz meramente economicista na educação, que esta indicação ministerial indicia, responderão os professores e suas organizações sindicais com uma acção responsável e determinada na defesa da qualidade do ensino, do incremento de uma reforma educativa que contribua para a modernização e democratização do sistema educativo, assim como se baterão por um Estatuto de Carreira Docente que seja um instrumento aliciente para os professores que nela já se encontram e para os que nela pretendam ingressar».

Médicos esperam negociações concretas e objectivas

A FNAM «aguarda que o novo ministro da Saúde inicie, logo após a sua posse, negociações concretas e objectivas, com vista à resolução integral dos vários e graves problemas que afectam os médicos», afirma aquela federação num comunicado de imprensa em que dá nota do aumento da adesão à greve dos médicos no segundo dia de paralisação, o que mostra «o apoio da esmagadora maioria dos médicos às reivindicações contidas no pré-aviso, que terão de ser devidamente valorizadas pelo poder político».

A demissão do ministro da Saúde foi anunciada no final do primeiro dia de greve, 2 de Dezembro. Ao princípio da noite, a federação divulgou um comunicado da sua

comissão executiva em que comentava o acontecimento em quatro pontos:

1 - «A demissão de Arelindo de Carvalho é o corolário lógico de uma acção ministerial desastrosa, que criou conflitos, conduziu a uma degradação acentuada do funcionamento dos serviços de saúde e não resolveu qualquer dos graves problemas que afectam este delicado sector.»

2 - «A greve nacional dos médicos continua a ser válida (...). A convocação desta greve não foi determinada por razões pessoais, ou seja, não foi convocada contra o ministro, mas devido a importantes problemas que se arrastam há cerca de 4 anos, sem solução e que resultam de uma política de saúde errada, sucessivamen-

te elogiada pelo Primeiro-Ministro.»

3 - «Assim, como os problemas que motivaram a convocação da greve continuam por resolver, não existe nenhuma decisão para alterar a decisão tomada.»

4 - «Quanto ao novo titular do Ministério da Saúde, a FNAM aguarda que se iniciem os contactos negociais, para avaliar se as coordenadas da política de saúde do Governo se mantêm ou sofrerão uma alteração significativa.»

A Federação Nacional dos Médicos anunciara, nessa tarde, que a greve estava a registar «um grau de adesão, a nível nacional, superior a 90 por cento». Na ocasião a FNAM condenara o «enorme desespero político» do Ministério, acusando-o de

ter recorrido a boatos, nomeadamente que sábado e domingo também seriam descontados nos vencimentos como dias de greve, o que é «uma falsidade sem qualquer fundamento legal».

Comentando as «percentagens ridículas» de adesão à greve apresentadas à comunicação social por elementos de administrações hospitalares, a federação afirma que tais declarações «são integralmente desmentidas pela realidade dos factos» e que «a posição destes gestores reforça ainda mais a exigência, contida no pré-aviso de greve, de revogação imediata da Lei de Gestão Hospitalar e não surpreende, dado o seu comportamento sistemático de *comissários políticos*».

A federação refuta as afirmações, contidas no comunicado que o Ministério fez publicar em alguns jornais na véspera da greve e onde afirma que os problemas estariam resolvidos. Considerando este acto revelador de «profunda hipocrisia e desonestidade política», a FNAM afirma que «ainda há duas semanas, nas reuniões efectuadas com as organizações sindicais médicas, o Ministério da Saúde recusou assumir quaisquer compromisso para a resolução dos vários problemas que afectam os médicos». «Neste momento, nada está resolvido nem existem quaisquer documentos do Ministério entregues para apreciação das organizações sindicais médicas», esclarece o comunicado, admitindo que, «se o Ministério da Saúde não iniciar negociações sérias e objectivas, a FNAM irá recorrer a novas formas de luta, incluindo a greve, de modo a que as justas reivindicações dos médicos sejam atendidas».



Comunicações em protesto no Terreiro do Paço

Dirigentes, membros das comissões de trabalhadores das empresas de comunicações da Telecom, CTT, Marconi e TDP concentraram-se na passada sexta-feira, frente ao Ministério das Obras Públicas, Transportes e Comunicações, para protestarem contra a grave situação vivida em todas as empresas do sector, decorrente da tentativa de retirada de direitos e regalias e de redução de postos de trabalho. Os trabalhadores, que tinham pedido uma audiência a Ferreira do Amaral entretanto ausente no Alentejo, manifestaram-se ainda contra a anunciada fusão das telecomunicações, que englobará os TLP, Telecom e Marconi, caso ela venha a provocar o despedimento de sete mil trabalhadores, e reduzir direitos e regalias já conquistados.

África

A resolução pacífica de conflitos é o tema de uma mini-cimeira da Organização de Unidade Africana (OUA), que reúne no Cairo representantes de onze países africanos, entre os quais o presidente angolano, José Eduardo dos Santos.

Angola, Burkina Faso, Camarões, Djibuti, Egipto (presidente em exercício da OUA), Etiópia, Gana, Níger, Senegal, Tunísia e Zimbabwé são os países que participam na mini-cimeira.

A criação do mecanismo interafricano de gestão de conflitos, decidida na cimeira da OUA realizada em Junho na capital egípcia, foi analisada durante uma reunião a nível de ministros dos Negócios Estrangeiros em 17 de Novembro passado em Adis Abeba.

Multipartidária

O foro multipartidário de negociações da África do Sul encerrou formalmente na madrugada de dia 2 um processo de dois anos de debates, aprovando a reincorporação no país dos bantustões.

O conselho de negociações fixou a reincorporação dos bantustões para Abril de 1994, quando das primeiras eleições multirraciais no país.

"Isto é um momento particularmente simbólico, porque foi declarado o fim do sonho verwoerdiano de fragmentação da África do Sul", afirmou o presidente nacional do Partido Comunista Sul-Africano, Joe Slovo, no final dos debates.

Os acordos serão agora submetidos à sessão extraordinária do Parlamento, que tem agendadas, entre outras tarefas, a ratificação da Constituição provisória a vigorar durante os próximos cinco anos.

O foro multipartidário aprovou ainda um pacote legislativo - a submeter igualmente a ratificação parlamentar - sobre a criação de governos locais não-raciais, que permite aos Conselhos municipais que resistem à mudança em curso no país a opção por uma introdução faseada da nova ordem de governo local.

Rússia

Seis dias das eleições e do referendo de 12 de Dezembro, o presidente russo Boris Ieltsin decretou a quase duplicação do salário mínimo, que servirá de base ao cálculo das reformas e das bolsas.

Uma sondagem divulgada na véspera indica que para uma larga maioria dos eleitores (59%), o candidato que privilegie "medidas sociais a favor dos mais desfavorecidos" merece mais confiança do que aquele que se propõe "desenvolver a iniciativa privada" (1%). Na mesma ordem de ideias, 44 por cento das pessoas consultadas desejam "mudanças progressivas" em vez de "reformas radicais" da economia (30%).

Ianomani

O governo da Venezuela anunciou que dezanove índios ianomani foram encontrados mortos na zona do Alto Caura, perto da fronteira com o Brasil.

O ministro venezuelano da Saúde, Pablo Pulido, indicou que os corpos não apresentam sinais de violência, adiantando que aparentemente os índios morreram intoxicados devido talvez à presença nos rios de mercúrio que os garimpeiros utilizam na busca de ouro.

Em meados deste ano, pelo menos outros dezanove índios ianomani foram assassinados por garimpeiros brasileiros que actuam em território venezuelano.

Alemanha

Os sociais-democratas e o Partido do Socialismo Democrático (PDS) obtiveram melhores resultados do que o Partido do chanceler Helmut Kohl nas eleições autárquicas de dia 5 em Brandenburgo, no leste alemão.

Foi o primeiro escrutínio eleitoral a nível de Estado no leste alemão desde a unificação em Outubro de 1990.

Este escrutínio é considerado como um teste importante para compreender o estado da opinião pública no leste da Alemanha antes da maratona eleitoral do próximo ano.

Em 1994 haverá na Alemanha pelo menos 19 actos eleitorais, um dos quais para o Parlamento.

Venezuela

Rafel Caldera, candidato do Partido Convergência Nacional, foi eleito domingo passado presidente da Venezuela com 28,51 por cento dos votos, de acordo com os primeiros números oficiais divulgados pelo Conselho Eleitoral Supremo.

A seguir a Caldera, que é pela segunda vez presidente do país, o mais votado foi Andres Velasquez, candidato da Causa Radical (movimento populista e sindicalista).

De acordo com estimativas não oficiais, a afluência às urnas foi inferior a 20 por cento.

Estudantes

Milhares de alunos do ensino secundário manifestaram-se em Itália em protesto contra um projecto de reforma escolar que aponta para a privatização do sistema de educação.

Três manifestações separadas desfilarão nas ruas da capital italiana, com relevo para uma marcha de 10 000 alunos, convocada pela "Esquerda Juvenil" que cortou diversas ruas do centro da cidade em protesto contra a "escola jurássica" (decreto que prevê a redução do número de salas de aula).

Noutras cidades os estudantes reuniram-se em assembleias permanentes.

Uma semana antes tinham-se já registado manifestações, com dezenas de escolas ocupadas pelos alunos em vários pontos do país.

Itália

Vitória das forças de esquerda

A segunda volta das eleições municipais parciais realizadas domingo passado em 129 municípios italianos deu uma clara vitória às forças de esquerda, num quadro político em que simultaneamente se regista um preocupante ascenso da extrema-direita.

Os grandes perdedores do escrutínio, a Democracia Cristã e o Partido Socialista, partidos particularmente ligados aos processos de corrupção que marcam a vida política italiana e têm

vindo a ser publicamente desvendados, e que entretanto governaram a Itália perto de 50 anos, estiveram totalmente ausentes da corrida eleitoral nas grandes cidades.

Os candidatos das alianças de esquerda foram todos eleitos em Roma, Nápoles, Trieste, Génova e Veneza, entretanto seguidos pelos candidatos do MSI (Movimento Social Italiano, extrema-direita) no Sul e a Liga, partido federalista, no Norte. Em Roma, Nápoles, Gé-

nova, Veneza e Trieste, os candidatos das coligações de esquerda (Partido Democrático de Esquerda - PDS, Refundação Comunista, Verdes, Movimento Anti-máfia) obtiveram respectivamente 53,11%, 55,%, 59,2%, 55,4% e 53,2% dos votos. Nestas mesmas cidades a votação da direita oscilou entre os 40,8 e os 4,89 por cento.

Entretanto já se admite a possibilidade de realização de eleições legislativas antecipadas. O secretário-geral

do PDS, Achile Occhetto, afirmou ser agora seu objectivo "o governo nacional", e considerou os resultados eleitorais como uma "jornada histórica".

Entretanto, em Milão, a Liga do Norte, o movimento federalista liderado pelo senador Umberto Bossi, rejeitou a hipótese de aliança com os neofascistas do Movimento Social Italiano (MSI), de Gianfranco Fini, nas eleições antecipadas a realizar provavelmente em Março.

PCP saúda

Refundação Comunista

e Partido Democrático da Esquerda

O Secretariado do Comité Central do Partido Comunista Português enviou à Direcção Nacional do Partido da Refundação Comunista a seguinte saudação:

Queridos camaradas

A vitória dos candidatos democráticos nas eleições municipais em Itália reveste-se de uma importância política com grande projecção internacional. O combate ao avanço das forças da extrema-direita, racistas e xenófobas é uma tarefa central da hora presente, na luta em defesa dos interesses dos trabalhadores e da democracia e por uma Europa de paz, progresso social e coopera-

ção. Apreciamos altamente a acção do PRC na luta por tais objectivos e a sua grande contribuição para a convergência e unidade de acção consequente das forças democráticas e antifascistas, que tornou possível derrotar as perigosas pretensões das forças de extrema-direita.

Em face dos complexos e difíceis desafios que hoje se colocam aos trabalhadores e ao povo italiano desejamos-vos, queridos camaradas, os melhores sucessos à vossa acção em prol do fortalecimento do PRC, força necessária e insubstituível para a defesa dos interesses dos trabalhadores e do povo italia-

no, a unidade das forças antifascistas e a superação da profunda crise económica, social e política que atinge o vosso país.

Foi igualmente enviado um telegrama - que transcrevemos - à Direcção Nacional do Partido Demo-

crático da Esquerda.

Saudamos vossa importante contribuição vitória antifascista eleições 5 Dezembro, fazendo votos cooperação democrática progressista na defesa interesses trabalhadores e democracia Lisboa 6/12/93.

Solidariedade com Cuba

Uma delegação do núcleo de Setúbal da Associação de Amizade Portugal/Cuba composta por Odete Santos, Filomena Nóbrega, Graça Freixo e José Abreu, deslocou-se a Cuba, onde, integrada na delegação portuguesa, presidida por Armando Fonseca, presidente da Direcção Nacional da Associação, participa no Congresso das Organizações Não Governamentais Europeias que têm desenvolvido acções de solidariedade com povo cubano.

O Congresso, que terminará no dia 11 de Dezembro, incluirá debates e mesas-redondas sobre a «Economia em Cuba»; «O Bloqueio dos Estados Unidos à República Cubana»; «A Democracia em Cuba e os Direitos Humanos»; «A Política Exterior da Revolução Cubana» e visitas aos hospitais, ao Centro de Biotecnologia, encontros com as crianças de Chernobil que são trata-

das em Cuba, com ex-combatentes de Moncada, de Playa Giron e com organizações estudantis e juvenis.

Entretanto, antecedendo a partida para Havana, o Núcleo de Setúbal da Associação de Amizade Portugal-Cuba reuniu para debater o anúncio de que o governo dos Estados Unidos da América vai propor na Assembleia Geral das Nações Unidas um Projecto de Resolução sobre uma suposta situação de violação dos Direitos Humanos em Cuba.

O Núcleo de Setúbal alerta para o facto de se tratar de uma manobra de diversão do governo dos EUA, que assim pretende fazer esquecer que a Assembleia Geral das Nações Unidas condenou muito recentemente, por larga maioria, o vergonhoso, desumano e ilegal bloqueio económico, comercial e financeiro imposto pelos EUA a Cuba.



Dia da Palestina assinalado em Portugal

"Hoje, há motivos de sobra para reforçar a atenção, o acompanhamento e a intervenção solidária, em apoio à luta do povo palestino pela concretização dos seus inalienáveis direitos históricos", afirma-se em declaração destinada a assinalar a passagem do "Dia internacional com a luta do povo da Palestina", subscrita pela CGTP-IN, Conselho Português para a Paz e Cooperação, Movimento Democrático de Mulheres, Movimento dos Educadores para a Paz, Movimento Português contra o Apartheid, Municípios pela Paz, Ambiente e Cooperação, Núcleo de Intervenção e Solidariedade com os Povos e Voz do Operário.

Reafirmando a sua "total solidariedade com a luta do povo da Palestina pelo direito à reconstrução do seu Estado, pela paz e a cooperação na região", os signatários da declaração expressam a sua "firme disposição em continuar a trabalhar por forma a materializar essa solidariedade e a sensibilizar o povo português para o apoio à causa da Palestina".

Manobras dos EUA

■ Miguel Urbano Rodrigues

A sessão de Outono da Assembleia Parlamentar da União da Europa Ocidental mereceu desta vez, da parte da NATO, atenção suficiente para justificar o envio ao plenário de Paris, como estrela principal do mesmo, o seu secretário-geral, Manfred Woerner.

O tema mais importante da sessão era precisamente o relativo à relação, sempre equívoca, entre a UEO e a NATO.

A poucas semanas da Cimeira da NATO (10 e 11 de Janeiro) da qual se esperam importantes decisões, o porta-voz mais qualificado da Organização deslocou-se à capital francesa para transmitir, com muitos sorrisos, os recados dos EUA. Woerner, que é alemão mas pensa como americano, foi muito claro na mensagem:

1. A definição de Maastricht segundo a qual a UEO será o pilar europeu da Aliança Atlântica não pode levar a esquecer a realidade: a NATO não está disposta a abdicar do seu papel hegemónico na área da segurança.

2. A NATO é uma organização político-militar e não uma organização exclusivamente militar.

3. Os países do Leste não serão admitidos na NATO, mas isso não significa que esta não reserve para si o papel fundamental no diálogo sobre segurança, travado tanto com a Rússia como com os demais Estados da região.

4. Em caso de necessidade, e para certas tarefas, a NATO poderá eventualmente pôr forças suas à disposição da UEO. Mas a duplicação de estruturas militares «não é necessária nem possível».

Woerner ofereceu alguns rebuçados aos parlamentares da UEO, mas a sua conclusão foi categórica. Usando uma linguagem muito suave, foi à capital francesa relembrar que as relações transatlânticas serão o que «europeus e americanos quiserem fazer delas»... com a condição de que tudo seja feito de acordo com a vontade da NATO, isto é, de Washington...

Três dias depois do elíptico discurso parisiense do secretário-geral da NATO, os ministros dos Negócios Estrangeiros dos países da Organização (nove dos quais são membros do Conselho da UEO) trocaram impressões sobre as novas tarefas do Conselho de Cooperação do Atlântico Norte - COCONA - o qual, um dia depois, com eles se reuniu.

Que discutiram? Procederam a uma primeira abordagem daquilo a que os americanos chamam «o *partnership for peace*», expressão que pela sua ambiguidade está a gerar confusão.

Trata-se de uma proposta de Clinton que será submetida à Cimeira da NATO. O *partnership for peace* seria uma aliança entre a NATO e os países do Centro e do Leste da Europa. Washington recusa o alargamento da NATO, pedido (em certos casos implorado) por alguns dos antigos membros do Tratado de Varsóvia, mas, mantendo-os fora da Organização, pretende estender a eles a influência da Aliança. Com esse objectivo foi criado o COCONA. A diferença entre o *partnership para a Paz* e o COCONA é subtil. Neste último as questões são debatidas colectivamente, com a presença dos seus 38 membros: os 16 da NATO e os restantes do Centro e do Leste

(incluindo repúblicas asiáticas da CEI). Ora, no âmbito do *partnership*, cada membro do Leste, na situação de queixoso, poderia ser ouvido a sós pelos parceiros da NATO... Um sistema de autêntica tutela.

Como era inevitável, algumas questões delicadas foram suscitadas na Assembleia Parlamentar da UEO. Mas Manfred Woerner respondeu o que quis, fugindo a debater os problemas de fundo.

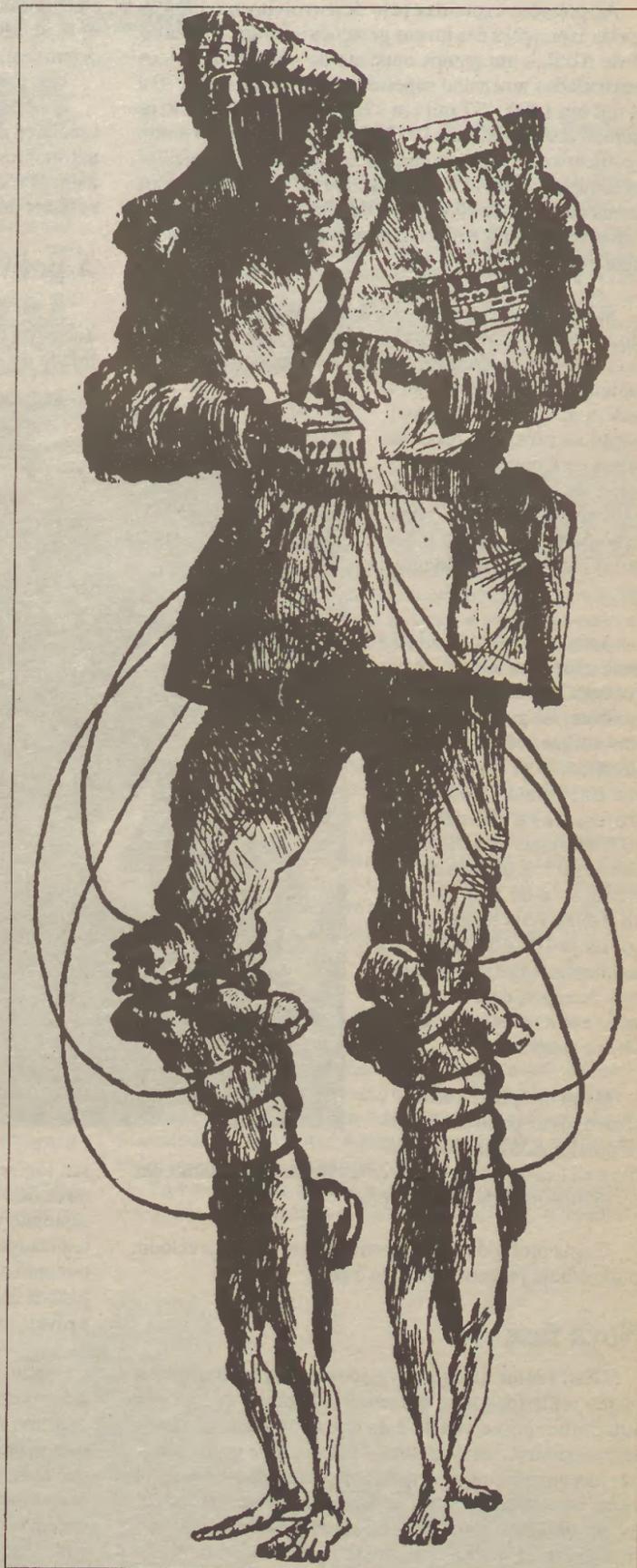
Curiosamente, os responsáveis franceses e alemães pela Defesa reuniram-se simultaneamente em Bonn e divulgaram uma Declaração comum ambígua, alusiva à preparação da próxima Cimeira da NATO. O texto alude à necessidade do «pólo europeu da Defesa» e manifesta o desejo de ver a UEO aumentar a sua capacidade operacional e assumir o papel determinante na elaboração da «política comum de segurança e defesa da União Europeia». Esse documento suscitou críticas imediatas da esquerda porque implica a aceitação de toda a engrenagem farisaica de Maastricht. As teses básicas dos EUA são, aliás, referendadas, incluindo o *partnership for peace*. Faltou apenas o reconhecimento público de que a UEO, afinal, pouco mais é do que uma ficção.

Ieltsine

Em Paris, durante a Assembleia Parlamentar da UEO, a situação existente na Rússia em vésperas das eleições foi amplamente debatida. O pretexto foi a discussão no plenário do Relatório Wintgens do senador belga sobre as relações entre a UEO e os países da Europa Central e do Leste.

Ao intervir no debate, chamei a atenção para as últimas atitudes de Boris Ieltsine, personagem tratada pelos oradores com «uma benevolência que as suas palavras e acções não justificam».

«A menos de duas semanas das eleições russas convocadas em circunstâncias absolutamente anormais, as piruetas imprevisíveis do presidente Ieltsine — sublinhei — não são de molde a inspirar confiança nos seus compromissos. Deixo de lado as posições contraditórias que sucessivamente assumiu no tocante à data das eleições presidenciais. Lembro apenas que o projecto da futura Constituição se apresenta como espelho da sua concepção da democracia. Ao presidente da Rússia são por ela atribuídos mais poderes do que aqueles que, somados, tinham o czar e o secretário-geral do PCUS na época de Staline. Pergunto também o que significa a introdução da águia imperial dos Romanov no rublo e na bandeira da Rússia.»



As relações UEO-NATO discutidas em Paris

Publicamos abaixo algumas passagens da intervenção do deputado comunista Miguel Urbano Rodrigues durante o debate sobre as relações entre a UEO e a NATO travado na Assembleia Parlamentar da primeira daquelas organizações, em Paris:

«O próprio facto de que a Cimeira de 10 de Janeiro seja o resultado de um pedido do governo dos EUA convida à reflexão. O sr. Baumel pensa, e tem razão, que o objectivo do presidente Clinton é a obtenção de um êxito aparente da sua política externa ao reafirmar a importância da NATO considerada como instrumento da política americana. Seria esse mais um motivo para que as propostas da nossa Assembleia fossem mais modestas e prudentes porque até hoje a política externa do Presidente Clinton apresenta um balanço muito negativo de fracassos que levaram a Administração americana a perder prestígio e credibilidade, contribuindo para a desordem e instabilidade crescentes.

(...) O texto que vamos votar abre a porta a uma maior intervenção da NATO nos assuntos do nosso Continente. Tendo em vista que um importante sector da opi-

nião pública americana também reagiu negativamente a qualquer tipo de envolvimento das forças militares dos EUA no espaço da ex-Jugoslávia, sobretudo na Bósnia Herzegovina, não é razoável que a Assembleia Parlamentar da UEO se regozije com a decisão da NATO de participar eventualmente em operações fora da zona definida pelo Tratado do Atlântico Norte, nomeadamente nos conflitos que se desenrolam no território da ex-Jugoslávia.

(...) Permito-me recordar que o deputado (britânico) Marshall sublinhou que o contrato transatlântico que servia de base às tradicionais relações entre a Europa Ocidental e os EUA foi concebido para garantir a supremacia dos EUA na NATO. Neste contexto pergunto: que género de cooperação está a ser encarado e que decisões poderão ser tomadas na cimeira de Janeiro para abrir a porta ao *partenariat*,

perante a ambição de hegemonia dos EUA?

Cito textualmente palavras do sr. Marshall: «É muito difícil saber até que ponto os EUA e certos países europeus, membros da NATO, permitirão a este pilar europeu conquistar alguma independência e ser algo mais do que um simples anexo da NATO».

(...) O tipo de situações que durante 40 anos serviram para justificar o reforço permanente da NATO já não existe. Porquê, então, agitar fantasmas para tornar ainda mais transparente a hegemonia militar americana na Europa? O desastre somali convida-nos a reflectir sobre o perigo, esse bem concreto, da confusão estabelecida entre os fins humanitários e as ambições estratégicas.

(...) Uma política de segurança deve assentar antes de mais em mecanismos preventivos de natureza pacífica. Ora, infelizmente, as teses sobre o recurso à força para defender e restabelecer a paz ganharam terreno desde a guerra do Golfo. Os resultados são negativos e mesmo perigosos.

(...) Para mim, a afirmação de Maastricht segundo a qual a UEO deve ser o pilar europeu da NATO continua a ser um enigma. Até hoje a UEO, como nos recorda o sr. Marshall, tem desempenhado mais o papel de objecto que o de sujeito. A alternativa, aliás, não é clara para mim. Não creio que o eventual alargamento da NATO possa ser uma contribuição positiva para a manutenção da paz. Pelo contrário, identifiquei nesse projecto um factor de futuras tensões na Europa e na Ásia. Mas não sou também um entusiasta do aumento do papel operacional da UEO. No quadro de desordem internacional em que vivemos, caracterizado pela instrumentalização progressiva das Nações Unidas, a eliminação gradual dos blocos militares aparece-me, na longa duração da História, como caminho e condição para a conquista de uma paz duradoura. Pelos motivos expostos, não poderei aprovar o relatório do sr. Baumel. Votarei contra a recomendação ao Conselho de Ministros.

Foi esse, registre-se, o único voto contrário à Recomendação do Relatório sobre as relações entre a UEO e a NATO.

A crise universitária

As pressões exercidas pelo desenvolvimento do país e pelas aspirações das jovens gerações levaram, depois do 25 de Abril, a um grande aumento do número de alunos matriculados no ensino superior — de 49 mil em 1970 a 84 mil em 1980, 157 mil em 1990 e 200 mil, segundo as estimativas oficiais, em 1992. Cresceram de modo muito significativo as pós-graduações e o número de professores ultrapassou os 15 mil. O número de estabelecimentos do ensino superior elevou-se também, a rede escolar tornou-se mais densa e diversificaram-se as especializações oferecidas.

Mas as modificações verificadas não deram satisfação, nem do ponto de vista quantitativo nem qualitativo, às exigências de democratização e de modernização do conjunto do sistema, na perspectiva da imperativa aproximação ao nível dos restantes países da Comunidade Europeia e da correspondência às legítimas aspirações da população portuguesa e, de modo muito particular, da juventude.

As taxas de frequência do ensino superior situam-se em Portugal num nível ainda modesto, há grandes problemas no que toca à qualidade do ensino e às condições em que trabalham estudantes e professores e são cada vez mais sensíveis as consequências negativas da falta de planificação e de coordenação no desenvolvimento dos novos pólos e cursos, das assimetrias entre vários domínios do saber, e da desarticulação entre os ensinos secundário e superior.

Os princípios, valores e objectivos da política educativa proclamados na Constituição e na Lei de Bases do Sistema Educativo permanecem, em grande medida, por cumprir.

E uma profunda crise universitária acabou por eclodir, como é hoje patente para todo o país.

Nova fase

Num sector cujas convulsões pareciam definitivamente remetidas para a memória honrosa da luta pela autonomia universitária e da resistência antifascista e anticolonialista; esmagados — estudantes e professores — por mecanismos de agravada competitividade; desenvolvidos esquemas de interferência governamental na vida das escolas e narcotizada a sua autonomia através do subfinanciamento crónico das instituições; triunfantes concepções e políticas neoliberais que ameaçavam tudo submeter; — o mal-estar, o descontentamento, a crítica, a resistência e a luta voltaram a surgir à luz do dia, dialeticamente gerados, afinal, pelas consequências da política levada a cabo por sucessivos ministérios da Educação, da responsabilidade do PSD. E quebrando a passividade dos anos oitenta, marcam de novo a consciência e a intervenção de milhares de estudantes e de grande número de professores e a posição dos órgãos escolares das mais importantes universidades.

Verdadeiros símbolos da política educativa da direita — como a PGA, que conjugada com o sistema de *numerus clausus*, deu expressão viva ao carácter discriminatório e injusto do acesso ao ensino superior e como, mais recentemente, a lei nº 20/92 do aumento das propinas, peças-chave do processo de mercantilização e de privatização do ensino — acabaram por estar na origem das mais poderosas movimentações estudantis verificadas depois do 25 de Abril e das profundas modificações registadas no panorama político (e ideológico) na generalidade das escolas. O "pacto social" laranja estabelecido há um ano por Couto dos Santos com algumas Associações de Estudantes naufragou completamente e a JSD continuou a perder posições umas atrás das outras. A "menina dos olhos" de Couto dos Santos, a Lei nº 20/92 do aumento das propinas, soçobrou de facto no primeiro ano de aplicação e com ela o próprio ministro, e não se ouve hoje uma única voz em sua defesa.

Ao nível dos docentes, a sensível degradação das condições de trabalho — para o ensino e para a investigação —, associada à tentativa de imposição de rácios economicistas, ao bloqueamento de importantes aspectos do

estatuto da sua carreira, aos obstáculos à expansão e ao indispensável financiamento do ensino superior público, determinaram também uma postura crescentemente crítica.

E as posições que vêm sendo adoptadas pelos órgãos escolares de importantes universidades, no exercício da autonomia de que constitucionalmente dispõem, assumem já o carácter de resistência aberta às políticas mais nefastas do Governo.

A política do Governo

A par das orientações economicistas que conduziram à sensível degradação das condições de trabalho e da qualidade do ensino superior no conjunto do sistema e ao

incumprimento de medidas democratizadoras do seu acesso e frequência, o que tem marcado mais negativamente a política dos governos do PSD/Cavaco Silva têm sido os impedimentos colocados à expansão do ensino superior público (em especial do universitário), e a autorização e o apoio activo à proliferação de estabelecimentos e cursos privados.

Para dar a dimensão da fúria privatizadora do Governo bastará referir que desde 1992 o número anual de vagas de acesso ao ensino privado ultrapassou o número de vagas para o ensino público e que, a manter-se esta tendência, dentro de dois ou três anos teremos no nosso país um ensino superior maioritariamente privado.

A multiplicação de estabelecimentos, pólos e cursos privados para além de ter desatendido gravemente, pela sua lógica lucrativa, à qualidade científica e pedagógica do ensino — o que inevitavelmente afecta o valor real dos diplomas e defrauda legítimas expectativas e sacrifícios realizados por muitos jovens e suas famílias —, conduziu também a uma "oferta de ensino" completamente desajustada das oportunidades profissionais existentes ou previsíveis no futuro e das reais necessidades do país.

Outro aspecto da política do Governo, inseparável dos anteriores, diz respeito ao crescente ataque desencadeado contra o regime de autonomia das universidades e dos estabelecimentos do ensino superior politécnico. Este ataque assume a asfixia financeira e os rácios economicistas como instrumentos privilegiados de interferência nas decisões dos estabelecimentos públicos do ensino superior. Mas vem igualmente recorrendo, e cada vez mais, à aprovação de legislação específica com desrespeito pelas normas constitucionais e legais que consagram a autonomia dos estabelecimentos públicos do ensino superior — é o caso, aliás, da tentativa de fixação governamental do aumento das propinas e da transferência para as universidades, contra a sua vontade, das responsabilidades pela acção social escolar. E são conhecidas intenções do Governo no sentido de aprovar alterações à Lei nº 108/88 da autonomia universitária, na linha da concretização de um sistema de gestão governamentalizada e autoritária das instituições públicas do ensino superior.

A luta continua

A crise universitária ficou marcada nas últimas semanas por novos e significativos desenvolvimentos: a regulamentação repressiva aprovada em Conselho de Ministros visando excluir das universidades os alunos que legitimamente se recusam a pagar um aumento de propinas de carácter inconstitucional, os protestos estudantis e a inqualificável carga policial em frente da Assembleia da República, as paralisações e greves em numerosas escolas, as tomadas de posição dos órgãos escolares e a solidariedade activa de muitos docentes.

Neste quadro, a convocação pelas associações de estudantes de todo o país da manifestação nacional de 7 de Dezembro, pela revogação da lei nº 20/92 do aumento das propinas e por uma nova política para o ensino superior, o apoio dos órgãos escolares e a participação empenhada de muitos professores (com destaque para a solidariedade manifestada pela FENPROF e pelos Sindicatos de Professores que a integram), constitui um acontecimento com uma importância muito grande.

EDGAR CORREIA
Membro da Comissão Política

Desde logo por ter constituído uma acção de dimensão histórica que ilustra a emergência a nível nacional de um forte, unido e combativo movimento estudantil do ensino superior e também do ensino secundário, e que deu igualmente expressão a uma vasta frente de intervenção e de luta na área da educação e do ensino, que engloba os órgãos de muitas escolas, professores, pais e funcionários do sector. Depois porque a manifestação foi mantida num momento em que o Governo ensaiou, com a demissão de Couto dos Santos, uma manobra mistificatória a que as Associações de Estudantes — sublinhando que o problema é essencialmente da política errada do Governo e não de pessoas, insistindo na exigência da revogação da Lei nº 20/92 e reclamando firmemente outra política para o ensino superior — deram pronta e adequada resposta.

Finalmente por que esta acção, pela sua dimensão e expressão nacional e pela combatividade manifestada, não constitui uma acção terminal, antes assume claramente o carácter de um ponto de passagem para uma fase ainda mais massiva e generalizada de luta.

Programa de desenvolvimento do Ensino Superior

Sendo este o quadro e a perspectiva, poderia o PCP ter encontrado uma altura mais oportuna para apresentar a análise que é feita, ao nível da sua Comissão para o Ensino Superior, dos principais problemas e estrangulamentos, e da crise generalizada que se vive neste importante sector da vida nacional?

E o extenso documento que foi há poucas semanas apresentado publicamente — o Programa de Desenvolvimento do Ensino Superior^(*) — no plano da investigação das causas da situação, do reconhecimento da necessidade nacional de uma nova política democrática para o ensino superior, e da formulação de linhas programáticas que a consubstanciam — poderia encontrar uma melhor altura para contribuir para o urgente debate nacional em torno dos problemas que atingem as universidades e os institutos politécnicos?

A urgência de ser posto fim à política do PSD em relação ao ensino superior, como responsável pelo profundo descontentamento e pela crise existente neste importante sector educativo, e pela sua desadequação relativamente às necessidades do desenvolvimento do país, constitui a tese fundamental que a Comissão do Ensino Superior do PCP assume. E que é indispensável e possível implementar outra política nacional, uma política educativa de orientação democrática que concretize as linhas fundamentais consagradas na Constituição e na Lei de Bases do Sistema Educativo. Que, designadamente: ponha fim à crónica asfixia orçamental do ensino superior público e aos impedimentos colocados à sua indispensável expansão, através da eliminação das restrições quantitativas globais no acesso (*numerus clausus*); promova a qualidade científico-pedagógica do ensino e o melhoramento das condições para o sucesso escolar; implemente um novo e mais justo regime de acesso ao ensino superior; ponha fim à política de apoio activo à proliferação de estabelecimentos e cursos privados; dê cumprimento ao preceito constitucional da progressiva gratuidade do ensino público (o que impõe a revogação da Lei nº 20/92) e eleve significativamente o número de alunos abrangidos pela acção social escolar e os quantitativos dos apoios; e por último, mas não menos importante, defenda e aperfeiçoe as autonomias das universidades e dos estabelecimentos do ensino superior politécnico face ao continuado ataque de que têm sido alvo.

^(*) a edição deste documento pode ser solicitada às Direcções das Organizações Regionais do PCP, às Organizações da área do ensino ou, a nível central, à Área da Educação, Ciência e Tecnologia.



Luta dos estudantes

A política da carga policial e da queda do ministro

■ Pedro Tadeu

Na terça-feira passada estava agendada frente à Assembleia da República aquela que deverá ter sido a maior manifestação nacional de estudantes dos últimos anos. «Exigimos outra política educativa» era a palavra de ordem principal, para um protesto que se arrasta há dois anos, desde a decisão de aumentar substancialmente as propinas nos estabelecimentos de ensino superior público. A carga policial no passado dia 24 de Novembro sobre os estudantes que então se manifestaram frente ao Parlamento teve como consequência a condenação generalizada, pela opinião pública, do Governo, que apoiou a acção repressiva, e o reforço da luta estudantil, agora mais numerosa e apoiada pela onda de indignação que percorreu as faculdades de todo o país. No dia dos confrontos entre polícia e estudantes, um comunicado da JCP dizia que após «vinte anos em democracia» não se percebe «como ainda é possível este tipo de atitudes de carácter repressivo» entendendo a estrutura juvenil que «os gravíssimos problemas do Ensino Superior Público, de que o Governo é o principal responsável, só serão resolvidos pelo diálogo», e exigindo explicações pelo sucedido ao Governo e Primeiro-Ministro. Ricardo Oliveira, da Direcção Nacional da JCP e aluno no Instituto Superior de Economia e Gestão de Lisboa, comenta, em entrevista ao «Avante!» dada segunda-feira passada, a substituição de Couto dos Santos e o processo de luta estudantil em curso.

Na sequência da luta dos estudantes é de outros factos da vida política nacional, aconteceu a recente remodelação governamental e, entre outros, mudou o ministro da Educação. Esperam alguma mudança de política que apazigue o movimento estudantil, ou, pelo contrário, as tensões e o fosso que divide estudantes e governantes vai aumentar?

A mudança do ministro Couto dos Santos pela ministra Ferreira Leite é interpretada por nós como uma mera mudança de cara. Há dois anos, quando esta luta já decorria, Diamantino Durão foi substituído por Couto dos Santos e não houve qualquer mudança de política. Esta de agora traz-nos novas preocupações, devidas ao cargo que a ministra ocupou anteriormente: como secretária de Estado do Orçamento de Estado sabemos que (apesar de isso não ter passado para a opinião pública) ela terá sido a grande responsável pelo buraco orçamental de 1993; o fracasso nas negociações para o Acordo Social também ocorre, em grande parte, por causa dela (todas as informações que temos, vindas dos sindicatos, é que Manuela Ferreira Leite teve sempre uma postura que seria tudo menos dialogante) e, para além do mais, o Orçamento de 94 prevê para o Ensino Superior gravíssimos cortes orçamentais, cuja responsabilidade será certamente partilhada pela nova ministra.

Esta mudança de ministro, para além de não nos trazer perspectivas de mudança de política, traz-nos outra preocupação: será que estamos perante uma «ministra de contas» que não se preocupa, ou não quer sujeitar-se, ao diálogo que os estudantes andam a reivindicar?

Para muita gente que não siga de perto esta luta estudantil, poderá existir a ideia que o que está em causa, fundamentalmente, é o aumento substancial das propinas universitárias. Os estudantes, e também a JCP, querem mais do que isso...

Em termos gerais, digamos que a generalidade dos estudantes (e não somente a JCP, apesar de ser a única estrutura partidária que desde o princípio esteve ao lado dos estudantes nessa luta) não querem somente impedir o aumento das propinas. As propinas despoletaram toda a luta mas é todo o Ensino Superior em geral, toda a maneira como ele está a ser gerido, que nos leva a ir para a rua. É a questão do financiamento das universidades (onde se poderá englobar a questão das propinas), é a avaliação e a autonomia das universidades, o acesso, o estatuto do ensino particular e cooperativo, a acção social escolar, etc. No fundo, o que nos leva para a rua e o que faz a JCP lutar contra esta política do Governo, é todo o estado em que se encontra a educação, neste caso no Ensino Superior.

Mas há unanimidade entre os estudantes, relativa à condenação desta política educativa?

A generalidade dos estudantes é a favor de uma mudança radical desta política educativa.

O papel dos jovens comunistas

E a JCP tem ganho estudantes para essa posição? Mais os próprios estudantes do Ensino Superior que sem-

pre pensaram desta maneira, entre os quais estão estudantes comunistas que participam activamente e têm um papel fundamental - juntamente com outros democratas - para sensibilizar outros estudantes, outras forças políticas para a questão. A posição da JCP é de não intervir directamente neste processo, mas penso que com o decorrer do tempo tem vindo a ganhar mais estudantes para a luta: em termos de propinas a posição que tomámos para o boicote generalizado está a ganhar muitos adeptos e por outro lado as eleições para as Associações Académicas têm resultado em fortes derrotas para a JSD, um pouco por todo o lado, mesmo em locais onde dominavam há muitos anos...

Mas existem associações de estudantes ligadas à JSD que têm criticado o Governo...

Essas associações, no fundo, estão a tentar dar um golpe de rins para conseguir qualquer coisa dos estudantes, assim como «quem lava a cara». Eles vêem toda a contestação nacional existente, vêem o que aconteceu às associações dirigidas por elementos da JSD que não mudaram de posição de

apoio ou consentimento à política do Governo. A própria JSD já apareceu a criticar o Governo e foi por isso censurada pelo Conselho Nacional do PSD. É por isso que já antes do dia 24 essas associações de estudantes tinham denunciado o contrato social assinado com o Governo, falando de «falta de diálogo do ministro», apesar de, naturalmente, sempre ter havido diálogo entre o ministro e eles... No fundo, as propostas que a JSD apresenta para o Ensino Superior são coincidentes com as do Governo, daí tudo isto ser muito pouco consistente...

Aproveitamentos políticos

E o que tem feito a JCP ou o PCP, em termos concretos, nestas questões? Por exemplo, que fizeram para impedir o aumento substancial das propinas?

O Partido, desde sempre, tem apresentado várias propostas no sentido da revogação da Lei das Propinas, isto depois de na

Sim, mas a nossa luta não depende da decisão que o Tribunal Constitucional vier a tomar sobre essa matéria. Essa decisão é evidente que tem peso e poderá vir a ser muito importante para a nossa luta, mas importa mais mobilizar e fazer, por exemplo, o que está a suceder em muitas escolas, com o adiamento do prazo para o pagamento das propinas. Em locais como a Faculdade de Ciências ou o Instituto Superior Técnico o prazo passou de Dezembro para Março. Isto é: seja qual for a decisão do Tribunal Constitucional, a luta dos estudantes não vai parar.

A carga policial

A generalidade da opinião pública condenou a recente carga policial sobre uma manifestação de estudantes junto à Assembleia da República. O Governo, por seu lado, apoiou a acção policial. Para vocês a acção repressiva fazia parte da estratégia governamental?

Este tipo de acções, que não aconteceram recentemente só com os estudantes, pois dias antes o mesmo se passou numa manifestação de trabalhadores da TAP, são a forma que o Governo tem para «dialogar» com quem protesta. Isto é resultado do desespero de um Governo em altura de eleições autárquicas, quando existe uma grave crise económica e social, um grande descontentamento que não se fica por sectores limitados da sociedade e por já não ter maneira de contrariar esta luta estudantil que se arrasta há dois anos. No fundo só lhe é possível este «diálogo da bastonada».

Estamos convencidos que essa postura vai mudar durante algum tempo, dados os maus resultados para o Governo da violência da carga policial no passado dia 24 - a opinião pública tem muito peso - até porque, antes do mais, todas as manifestações que realizámos foram pacíficas e em nada justificaram cargas da polícia.

Infiltrações

Vocês têm alguma informação concreta sobre a alegada infiltração de elementos dos Serviço de Informações de Segurança (SIS) nas vossas manifestações, com a finalidade de aumentar a tensão e provocar a violência entre manifestantes e polícia?

Provas concretas, oficiais, não temos. Acontece que muitos colegas, muitos camaradas, dizem ter identificado (inclusiva-



Ricardo Oliveira ao «Avante!»: «as propinas despoletaram a luta, mas é todo o Ensino Superior em geral, toda a maneira como ele está a ser gerido, que nos leva a ir para a rua»

Assembleia da República ter votado contra ela. No Orçamento de 93 fez um pedido de revogação da Lei, voltando a repetir esse pedido agora na discussão do Orçamento para 94. O que se tem passado, já que falamos de Assembleia da República, é que há quem tente aproveitar-se politicamente com esta questão, nomeadamente o PS. Este partido defende a existência de propinas e só por estar na oposição é que diz que é contra elas. Nunca apresentou uma proposta alternativa, aparecendo após a manifestação do dia 24 a propor a revogação da Lei das Propinas, apesar de defender que as famílias deverão contribuir para o financiamento das universidades.

No meio disto tudo ainda há a questão da apreciação da constitucionalidade da Lei das Propinas...

mente nessa manifestação do dia 24 de Novembro) elementos do SIS a tentar exaltar as pessoas, a provocar, inclusivamente, a Polícia de Segurança Pública. De futuro tentaremos, sempre que os virmos, desmascará-los, obrigando-os a abandonar o local e apaziguando todos os focos de tensão que possam aparecer.

Porque é que a manifestação que foi convocada para terça-feira passada, incluiu também os estudantes do Ensino Secundário?

É que esses alunos também virão a apanhar com as consequências da política que tem vindo a ser seguida para o Ensino Superior, a começar pelo sistema de acesso, e serão eles que daqui a uns anos vão estar nas faculdades. Aliás a manifestação foi também aberta aos professores, pais e trabalhadores em geral, pois, de uma forma ou de outra, também eles sofrem as consequências dessa política.

Depois da manifestação de terça-feira, que passos vão os estudantes dar para prosseguir esta luta?

Iremos fazer um Encontro Nacional de Direcções de Associações de Estudantes em Vila Real onde se decidirá o processo de luta a seguir.

«Educação, Ciência e Cultura: as "poupanças" do Governo»

■ José Calçada

Os valores do Orçamento de Estado para 1994, nas áreas da Educação, Ciência e da Tecnologia, e da Cultura, se algum mérito possuem, será sem dúvida o de fazer cair a máscara de um Governo cujo discurso tinha vindo a insistir no carácter prioritário desses sectores, particularmente da Educação. Neste domínio particular, a clareza deste Orçamento é uma outra virtude que não podemos deixar de lhe assacar. Com este Orçamento, o que o Governo está a fazer é a hipotecar o nosso futuro, confundindo «poupança» com «estrangulamento» e «investimento» com «despesa»; o que o Governo está a fazer é, na verdade crua dos números, a assumir a irresponsável desresponsabilização do Estado em áreas inalienáveis. Na verdade, num País como é o nosso, com uma ainda tão significativa fragilidade do tecido socioeconómico — que outro significado encontrar para o facto, verdadeiramente histórico, de, pela primeira vez, o número de alunos admitidos no ensino superior privado ser superior ao do ensino superior público?... É uma situação chocante, mas não deixa dúvidas sobre a política profunda deste Governo.

Sobe e desce

Aliás, a área da Educação é infelizmente rica de exemplos a este respeito. E não se trata apenas do decréscimo real de 4,9% no seu Orçamento. Trata-se, ainda mais, do modo como dentro do próprio Orçamento há verbas que «sobem» e outras que «descem», comportando-se umas em relação às outras como líquidos em vasos comunican-

Básico e Secundário. Chegou também o novo modelo de administração e gestão das escolas, o qual pretende antes de tudo consolidar a figura centralista do director-executivo e, no meio de um grande vazio legal e da indefinição de outros órgãos, a pretexto da intervenção da comunidade, dar como salutar a desresponsabilização do Estado em áreas fundamentais, transformando as escolas em centros de pedatório auto-humilhantes — são as rifas, é o porta-a-porta às empresas, é o apelo despropositado (porque fora das suas competências) às autarquias, é o aluguer das instalações para a realização de casamentos, enfim, é tudo aquilo a que o Ministério chama eufemisticamente «criatividade». É assim que, hoje, já ninguém sabe que reforma está em curso, e ainda há poucos dias um ex-elemento da Comissão de Reforma do Sistema Educativo dizia que, e cito, «se anda a brincar com os nossos jovens». Sob a responsabilidade maior do senhor Primeiro-Ministro, a verdade é que, hoje, em termos orçamentais, o Ministério da Educação se assume cada vez mais como um mero «Departamento Sócio-Pedagógico do Ministério das Finanças». Eis o problema político deste Orçamento. Eis a responsabilidade política deste Governo.

Política de terra queimada

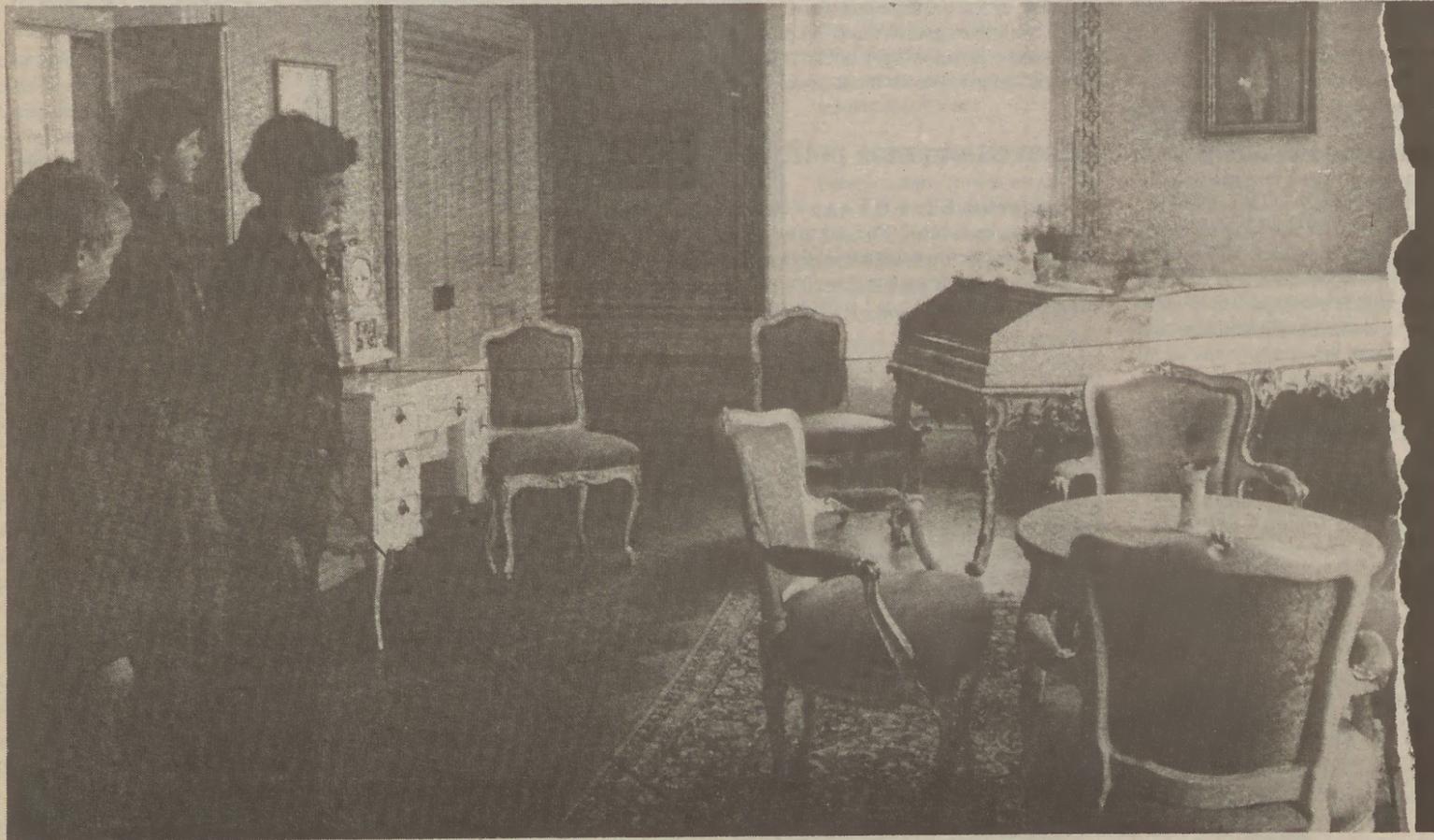
No domínio da Ciência e da Tecnologia, e da Cultura, o panorama não é de modo algum mais animador, e isto apesar do satélite «português» (o POSAT 1) e do Centro Cultural de Belém — ou talvez mesmo, também, por causa de um e de outro. É que o satélite, de português, só

gação para os subsídios, e há dependência — acrescida de esbanjamento, novo-riquismo e compadrio. E dizer-se, a respeito da implementação do novo Programa para a Ciência, o PRAXIS, que se confia no sector privado empresarial como a mola propulsora da investigação científica em Portugal — é deixar mais uma vez ao mercado aquilo que ele, de todo em todo, não está em condições de assumir; porque não tem tradição, porque não tem massa crítica quantitativa e qualitativa, porque não é essa a sua prioridade objectiva numa época de recessão e de crise, porque — finalmente — as poucas empresas que estariam em condições de fazer investigação, ou são multinacionais, ou, por virtude da fúria privatizadora do Governo, encontram-se nas mãos do capital estrangeiro, e possuem objectivos nesse domínio que dificilmente coincidirão com os interesses nacionais. Alguns números clarificados: calculadas em percentagem do PIB, as despesas na investigação e desenvolvimento tecnológico atingem na Europa 2,03%, nos Estados Unidos 2,79%, no Japão 3,11% (números de 1990) — em Portugal 1% (previsão para 1994)!

«Time-sharing» cultural

Na área da Cultura, o ex-libris é o Centro Cultural de Belém, e até nas GOP aparece uma referência à intensificação do papel por ele a desempenhar. A Fundação das Descobertas surge assim dotada com 1 750 000 contos, ou seja: quase o dobro da dotação de 995 000 contos atribuída para a instalação de arquivos e bibliotecas públicas.

Não que o Centro Cultural de Belém eventualmente não necessite de tais verbas com vista a garantir o seu funcionamento. Só que sempre alertámos para tal sorvedouro, e principalmente para o desequilíbrio que ele provocaria ao nível das necessidades do País — ao contrário do optimismo facilitista sistematicamente revelado pela SEC neste domínio. Aliás, a SEC revela o mesmo tipo de soluções mágicas para outras instituições — misturando, de um modo um pouco inesperado, vertentes de mercado e de fé, ou antes: de fé no mercado. É o caso da assumida insuficiência de verbas para a Fundação do Teatro Nacional de São Carlos. «O São Carlos tem de



conseguir vender as suas próprias produções», diz o senhor secretário de Estado da Cultura. E acrescenta: «Vamos todos rezar para que dê certo...» No entanto, por outro lado, e com a imaginação ou a traquinice, que se lhe reconhece, o senhor secretário de Estado da Cultura encontrou uma solução outra para o financiamento do Teatro Nacional D. Maria II. Confrontado com o rumor de que o Teatro iria ser privatizado, respondeu cuidadosamente que «não; o que se prevê na nova Lei Orgânica do Teatro D. Maria II é a possibilidade de, por concurso, se concessionar parte da temporada, por exemplo, entre Setembro e Dezembro; vamos concessionar, não vamos privatizar». Coitado do Almeida Garrett; nunca imaginou que o seu Teatro, o nosso Teatro, acabaria em regime de «time-sharing» cultural.

Na verdade, desde 1992 que o Orçamento de Estado para a Educação tem vindo a estagnar ou mesmo a declinar. Eram os tempos gloriosos em que ainda se falava da reforma educativa e em que o Governo ainda alardeava a educação como uma tarefa prioritária. Depois, passada a fase da propaganda, as realidades impuseram-se. Chegou o novo modelo de avaliação do ensino básico — mais conhecido como «O Modo Mais Barato e Mais Rápido de o Ministério se Ver Livre dos Repetentes que lhe Atravancam as Escolas» —, o qual se tem mostrado de tal modo contraditório que até já levou à instauração de procedimento disciplinar contra uma Escola onde o sucesso escolar, imagine-se!, foi considerado suspeitosamente excessivo pelo senhor secretário de Estado do Ensino

teve a propaganda, e esta serviu para ocultar a marginalização da generalidade da comunidade científica relativamente não apenas a este projecto mas a tudo o que se tem relacionado com aquilo a que o Governo chama de «reestruturação» e «racionalização» do sector da investigação e desenvolvimento tecnológico. «Reestruturação» e «racionalização» bem exemplificadas no caso do Instituto Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial: receberá menos 250 000 contos do que em 1993 e esta quebra nas verbas será minimizada através da colocação de cerca de 200 funcionários no quadro dos disponíveis! Tendo em conta a qualidade, mas igualmente a fragilidade quantitativa da nossa comunidade científica, este comportamento do Governo configura uma autêntica política de terra queimada, lesando gravemente o património científico do País e não o tendo minimamente em conta no sentido da afirmação da independência nacional. A cooperação internacional é fundamental, e é mesmo condição sem a qual a construção científica fica impossibilitada. A ciência dificilmente comporta fronteiras, sejam de que natureza forem.

Mas uma coisa é a cooperação — outra é a dependência estrita!

Este Governo não possui qualquer estratégia científica própria, e voga ao sabor dos ventos da CE e dos seus subsídios. E a questão é linear, apesar de tudo: ou há subsídios para a investigação, e há estratégia; ou há investi-

Assim vão a Educação, a Ciência e a Tecnologia, e a Cultura, sob a batuta do senhor Primeiro-Ministro Cavaco Silva e do seu Governo.

«Não há mal que sempre dure», diz o povo. Há que trabalhar com vista a criar as condições políticas para que o mal seja extirpado. O mais rapidamente possível. Este Orçamento para 1994 é intolerável — como se já não nos tivesse bastado as opções políticas perversas e os grosseiros erros de cálculo do orçamento anterior. A Educação não pode ser uma despesa; a Ciência não pode ser um luxo; a Cultura não pode ser um «elefante branco». Este Governo, para bem do País, não deve durar muito.

O Orçamento de Estado e as opções sociais do Governo

■ Paulo Trindade

A análise das Propostas de Lei das Grandes Opções do Plano e do Orçamento de Estado para 1994, no que respeita à política de emprego e à Segurança Social levamos a concluir que as mesmas assentam numa pseudocientificidade económica visando desresponsabilizar o Governo pela crise com que o País se defronta, justificar a intensificação da política de redução de salários reais e o ataque aos direitos dos trabalhadores, dos reformados e pensionistas.

Ao contrário de propostas credíveis para o País sair da crise estamos novamente confrontados com cenários construídos ao nível científico de um mero «borda de água».

Penalização dos trabalhadores

Aliás, o Governo apresentou à Assembleia da República uma proposta orçamental enquadrada na linha de actuação já desenvolvida em torno das negociações para o designado «Acordo de Política de Emprego» e que mereceu a recusa das organizações sindicais.

O Governo assenta toda a sua estratégia no pressuposto de que o desenvolvimento e a competitividade dependem da redução dos salários reais, isto é, na penalização daqueles que o ministro das Finanças pejorativamente qualificou como arraia-miúda.

E não venha o Governo com o argumento chantagista de que a redução salarial é a alternativa ao aumento do desemprego.

A primeira medida contra o desemprego terá que consistir na defesa dos postos de trabalho existentes sendo inaceitável que seja o próprio Governo a precarizar o emprego e a despedir trabalhadores na Função Pública bem como nas principais empresas do sector empresarial do Estado, para além de apoiar com dinheiros públicos medidas ditas de reestruturação de empresas privadas, visando essencialmente a redução dos postos de trabalho. A hipocrisia deve ter limites!

Está comprovado que sem uma política de relançamento económico, as medidas propostas pelo Governo para incentivar a criação de postos de trabalho são de eficácia nula.

Não é com o exclusivo recurso a «clubes de emprego», a acções de formação profissional e isentando as entidades patronais de pagamentos à Segurança Social que se poderá inverter a tendência para o aumento do desemprego.

Aliás, os 50 milhões de contos previstos para tal programa, e recentemente anunciados, não podem deixar de ser comparados com o montante concedido aos Mellos no Orçamento Suplementar de 93 para despedir 4000 trabalhadores da Lisnave. Este exemplo é elucidativo das opções sociais do Governo.

Por outro lado, basta também comparar-se o número de desempregados que o Governo afirma ir abranger com as medidas em causa — 100 mil durante todo o ano de 94 — com o número de trabalhadores atirados mensalmente para o desemprego — 30 mil no último mês — para se concluir que o principal efeito das acções previstas é essencialmente propagandístico.

Prosseguir o ataque ao poder de compra dos trabalhadores e aprofundar a chamada flexibilização do mercado de trabalho, num País como Portugal em que o factor trabalho é o mais baixo entre os parceiros comunitários é não contribuir para a modernização da própria economia.

O exemplo da Administração Pública

Por outro lado, é inaceitável que se pretenda reduzir o défice orçamental à custa dos trabalhadores da Função Pública, diminuindo-lhes os salários reais. A consumarem-se os intuítos governamentais para os trabalhadores

da Função Pública, o Governo estará na prática a impor um imposto excepcional a estes trabalhadores depois de já os ter tentado usar como carne para canhão nas suas tentativas de chantagem sobre as organizações sindicais nas negociações da Concertação Social.

Aliás, é curioso que o Governo em sede de Orçamento de Estado para 1994 se venha vangloriar dos êxitos da sua política de reestruturação da Administração Pública erigindo como instrumento fundamental o «prosseguimento de medidas de flexibilidade gestonária, de racionalização e de desintervenção da Administração, centrando-as nas suas missões essenciais e dando sequência às recomendações da Comissão de Qualidade e Racionalização da Administração Pública».

Em primeiro lugar as medidas de flexibilidade consistem na aplicação do diploma dos disponíveis. E, neste aspecto, é curioso que o Relatório do Orçamento de Estado para 1994 se limita a referir que «o número de funcionários integrados no quadro de excedentes interdepartamentais é de 563». E quantos são os disponíveis e que destino têm tido?

Só na Segurança Social foram 1668 e ao contrário do que se afirma nas propostas agora em apreciação o seu destino não foi nem o sector da Saúde nem o da Educação.

O destino desses trabalhadores foi o Ministério da Defesa, como reconheceu o secretário de Estado da Segurança Social e, noutros casos, foi a reforma.

Outro exemplo: na DG de Alfândegas reduziram-se 900 lugares de carreira mas, em contrapartida, aumentaram-se 23 lugares de chefe de Divisão! Mas que racionalização...

E, em segundo lugar, como pode o Governo vir dizer que vai dar sequência às recomendações da Comissão de Qualidade e Racionalização da Administração Pública se tais recomendações ou ainda não estão elaboradas ou, se estão, então, mantêm-se secretas...

E que dizer do facto dos disponíveis do INETI serem atirados para o Hospital de S. Francisco Xavier, cuja maioria de trabalhadores estão a contrato a termo ou a recibo verde, e a própria Administração do Hospital questiona as razões de tal afectação, pois diz nada ter a ver com tal mobilidade e não ter disponibilidade orçamental para pagar os respectivos salários?

Estes são alguns exemplos, e muitos outros poderiam ser dados da tal reforma estrutural da Administração Pública, que o Governo se propõe prosseguir em 1994.

Se o rigor do enquadramento macroeconómico do Orçamento de Estado para 1994 for idêntico ao rigor com que o Governo analisa e perspectiva a reestruturação da Administração Pública, a rainha das ciências, ou seja, a economia, para usar a adjectivação do Ministro das Finanças, bem pode exigir uma indemnização por ofensas à honra e dignidade.

Menos protecção social

Para completar o quadro orçamental de ataque aos direitos dos trabalhadores não podemos deixar de referir as intenções do Governo sobre Segurança Social:

Mais uma vez o Governo reincide em não cumprir a sua obrigação de proceder a uma adequada transferência para cobrir os regimes não contributivos ou reduzidamente contributivos.

Perante uma necessidade de financiamento de 336,8 milhões de contos, o Governo propõe-se transferir apenas 145,8 milhões de contos. Ficará assim a dever cerca de 200 milhões.

Acresce a este valor que, através do DL 329/93, o Governo impôs que o complemento social de pensão tenha uma natureza não contributiva, pelo que deverá ser financiado pelo OE. Assim sendo, a dívida total atrás referida será ainda superior.

Neste contexto, admitir, como faz o Governo, um empréstimo do Estado à Segurança Social representa uma atitude totalmente imoral, já que a Segurança Social tem vindo a ser sistematicamente descapitalizada pelo Governo, quer de forma activa, pela insuficiência das transferências, quer passiva, face à temporização com a dívida de 300 milhões do patronato.

Curiosamente, o Governo prevê uma redução da despesa quer com o abono de família quer com o subsídio de doença, o que significa que pretende manter uma política restritiva de acesso a estas prestações sociais...

Da mesma forma que é falsa a afirmação de que o IRS vai baixar, é falsa e destituída de escrúpulos a afirmação de que o Governo vai aumentar as pensões para melhorar o seu poder de compra.

Na verdade, os aumentos de pensões, aprovados sem audição dos parceiros sociais, variam entre 5% e 6,1%.

Expressas em valor diário representam 50\$00 para o regime geral, 33\$00 para os agrícolas e 30\$00 para a pensão social!

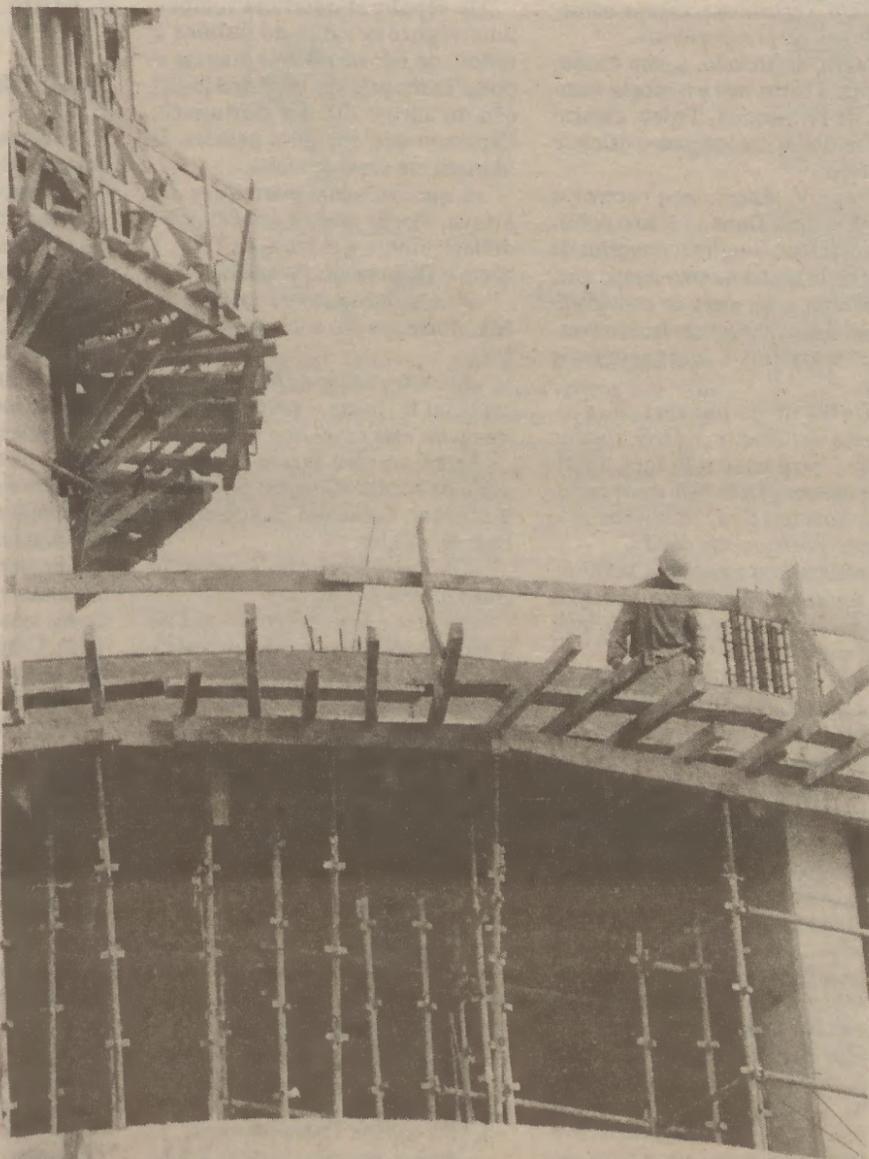
Mesmo fazendo as contas à maneira do Governo, ou seja, com a taxa de inflação de 5,5 prevista para 94, teríamos apenas um ganho de menos de 5\$00 dia para as pensões de regime geral, perdendo as restantes pensões 0,5% mês, ou seja, diminuem em valor real.

Acresce que, nesta análise, não tomámos em conta o facto de o Governo já ter imposto o aumento das rendas habitacionais que vai atingir muitos reformados e pensionistas em 10,125%. Nem contabilizamos os aumentos previstos nos impostos indirectos. Nem o aumento dos medicamentos.

Um «contrato» a rescindir

Nas palavras do ministro das Finanças, o Orçamento de Estado constitui um contrato de colaboração com os contribuintes.

Assim sendo, pelas razões atrás expostas, o PCP deixou bem clara a sua indisponibilidade para assumir o papel da parte colaborante com o primeiro outorgante — o Governo — porque aos «segundos outorgantes» — os trabalhadores portugueses, os contribuintes em geral — assiste o direito de rescisão com justa causa.



Um crime que agitou a Inglaterra

■ Manoel de Lencastro

Londres e todo o Sul de Inglaterra costumavam exprimir, poderosamente, o potencial da economia britânica, havia empregos à escolha, há 25 anos, raramente alguém supunha que a Grã-Bretanha viesse a conhecer os dias cinzentos que vive, actualmente. Agora, espalham-se vastas manchas de miséria na capital. Continua a dormir-se ao relento, às portas, em vãos de escada, em lugares como o Strand, Waterloo, na própria Oxford Street.

O desemprego, que dizem estar a diminuir, mas não é verdade, ganha gradualmente o coração do país afluente — Surrey, Kent, Sussex, Berkshire, Buckinghamshire, Hertfordshire e outros «home counties» (1) onde a vida era, ontem ainda, agradável e fácil, começam a molhar os pés no lodo das praias desertas e devastadas da crise económica e social. Mas nas grandes cidades a que, antigamente, chamávamos de capitais industriais, Birmingham, Coventry, Wolverhampton, Sheffield, Nottingham, Leeds, Bradford, Liverpool, Manchester, Preston, Newcastle, Glasgow, Motherwell, Falkirk, Dundee, Aberdeen, a vida tornou-se num gigantesco pesadelo. Toda a gente teme o futuro. E a sociedade, sem resposta para os seus irresolúveis problemas, conhece a ansiedade e o desespero. E funciona mais ou menos assim:

A condição da sociedade britânica de 1993

Não há trabalho. As grandes empresas das tradicionais indústrias fecharam ou apenas lutam pela sobrevivência. Lojas encerram constantemente. Muitas pessoas vivem de simples biscates. Pequenos negócios só querem pessoal em «part-time». Está quase tudo em casa a ver a televisão — programas banais, telenovelas, provas desportivas. Como quase todos possuem vídeo, agarram-se a gravações preferidas mas de sentido violento, feio, pornográfico, criminal e terrorista.

A vida familiar conhece o descalabro. O marido abandonou o lar. A mulher fugiu ao marido. Ficam as crianças. Estas, quando em idade escolar, apenas passam pelos bancos da escola e não pode dizer-se que estudem porque ao

completaram a instrução primária para posterior obtenção do GCSE (General Certificate of Secondary Education) (2) mal sabem ler ou escrever. A ignorância de grande parte da juventude britânica chega a chocar-nos. Certas empregaditas de lojas, sempre muito embonecadas, não sabem sequer indicar-nos onde adquirir um envelope e, surpreendidas, refugiam-se num «that, sir, I wouldn't know...» (3) Recepcionistas de hotéis, todas muito bonitas, é verdade, não sabem apontar no mapa a localização de certas cidades do seu próprio país. Mas conhecem tudo sobre vídeo, pop, programas de TV, futebol e sexo. Muita juventude britânica vive angustiada por não possuir dinheiro para comprar todas as coisas magníficas que encontra nas montras.

Ainda garotos, aprendem a revoltar-se contra as mães, contra os pais, contra o mundo em que vivem, ganham rancor a tudo o que os rodeia, porque na TV as personagens dos filmes são quase sempre ricas e poderosas enquanto eles, os filhos da Grã-Bretanha «thatcherista», são pobres, desesperadamente pobres. Milhões de mães solteiras ou divorciadas, vivem de insuficientes subsídios estatais e a pobreza ganha raízes e alastra. Sem cultura, sem recursos, sem sequer compreenderem as origens da crise terrível que as sufoca, deixam no meio da rua os filhos pequenos. Estes agrupam-se em «gangs», vagueiam pelos centros comerciais, olham as coisas que não podem adquirir e «educados» no clima de tiros, crimes, espancamentos, brutalidades, violações, assassinios, que a TV mostra durante as 24 horas do dia, enveredam pelo caminho da delinquência.

Homens desesperados procuram um «golpe». Outros, honestos, aceitam quaisquer serviços. Gritam, nas cidades, as ambulâncias. Gemem, voando, carrinhas da polícia. Enchem-se as penitenciárias. Quase toda a gente fuma substâncias ilegais. Há garrafas vazias, às dúzias, espalhadas pelas ruas. Escolas são sítios sem alma e cada vez há menos professores. Os hospitais estão transformados em centros de vendas. Rapazes e raparigas, sem quaisquer perspectivas, meramente buscam oportunidades. O governo, nos nossos dias, não existe para ocupar-se dos assuntos do povo, mas para acautelar os interesses

e o futuro do capitalismo. Nestas condições, com boa parte da Grã-Bretanha urbana caminhando gradualmente para a categoria de país de vagabundagem, produziu-se no dia 12 de Fevereiro passado o crime que envergonhou e pôs a pensar todo o povo deste grande país. Passava das três horas da tarde e o pequenino James Bulger (2 anos de idade) achava-se com a mãe no talho do «New Strand Shopping Centre», em Bootle, Liverpool. Tudo parecia normal.

Dois mundos

De repente, surgem dois dos filhos da Inglaterra «thatcherista» desindustrializada e desempregada, Robert Thompson e John Venables, ambos de 10 anos de idade que, completamente dominados pela atmosfera de frustração, ignorância, desumanidade, vingança e violência que sempre conheceram, resolvem dar também o seu «golpe» persuadindo o pequeno James a segui-los. E este, inocente, aproveitando uma fatal distração da mãe, no talho, acompanhou-os para encontrar-se com a morte, horas mais tarde, a poder de murros e pontapés e a golpes de tijolos desferidos com a mais revoltante indiferença e crueldade. Depois, os dois criminosos foram colocar a desditosa criança sobre a linha do comboio para que este lhe cortasse em dois o tenro, inofensivo corpinho.

A sentença proferida recentemente pelo tribunal de Preston (64 jornalistas estrangeiros presentes) contra os dois perversos rapazes, tornou-se conhecida em todo o mundo. E a mãe de um deles, Ann-Marie Thompson, 41 anos, solteira e mãe de 7 filhos, disse em entrevista televisada: «Apontem-se um só rapaz de 10 anos que não minta, que não diga palavrões, que não fume, que não roube nas lojas». É o seu mundo. Mas o director da ultraconservadora «Literary Review», Auberon Waugh, que vê as coisas sob diferentes ângulos, escreveu: «Parece-me que aquelas zonas de cultura proletária que ainda sobrevivem, sobretudo no Norte, se encontram tão longe do resto da nossa sociedade humanista, burguesa e liberal que poderiam, de facto, pertencer a um país diferente». É a sua visão do mundo.

Auberon Waugh, obviamente, não está bem a par das coisas que se passam na sua Inglaterra. Se quisesse, poderíamos nós próprios, um estrangeiro, ajudá-lo a conhecê-las. Mas ele não quer, temos disso a certeza. A sua Inglaterra é outra. Não é a do povo, é a da burguesia cosmopolita.

(1) Províncias mais próximas de Londres;

(2) Escolas secundárias;

(3) Isso, não sei.

Emigrantes com problemas Parte IV

A transacção consumou-se. De posse do edifício, Cipriano alugou o Hotel Rivarol a uma empresa da especialidade e chamou a si a exploração do restaurante, no rés-do-chão, onde procedeu a alterações e a que deu o nome de «A Pérola do Atlântico». E no dia da inauguração respectiva, para os tradicionais pastéis de bacalhau e copo de vinho, apareceram imensos portugueses de Montreal trazendo a tudo o ambiente de uma autêntica festa portuguesa. O sonho de Mariana Guerreiro e do marido tinha-se concretizado, finalmente. Eram proprietários. Possuíam um negócio.

A festa tornou-se, rapidamente, quase num banquete. Na cozinha, Mariana não chegava para as encomendas e foi Glória, empregada nos Correios, quem apareceu a dar uma ajuda a desfilar o bacalhau e bater as farófias. O pessoal, cinco empregados de mesa chefiados pelo Carlos Maganão, vivia um dia único, tal como Cipriano que supervisionava tudo e, achando-se no topo do mundo, prodigalizava sorrisos, aceitava felicitações e cumprimentava para a direita e para a esquerda — o Carvalhais, da oficina de reparações de automóveis, o casal Suspiro, proprietário de «A Flor do Minho», o Alves, da TAP, o Borges, alfaiate, o Diamantino, antigo guarda-fiscal, D. Joana e D. Brígida, professoras, Porfírio Vacondeus e D. Perpétua, de Abrantes, diversos funcionários do consulado, o Abreu, do banco, entre muitos mais. E havia ainda alguma mocidade, gente que já mal se identificava com o país de seus pais, a Aldinha, a Sãozinha, a Paulinha com os seus Hippolyte, Guy, Jean-Pierre, e o João, o Luís, o Jorge com a Athali, a Leocádie, a Berthe.

A música era gravada. Copo na mão, gritou o Carvalhais:

«O que faz falta aqui, amigo Cipriano, são uns fadinhos». Em vez disso, o proprietário da «Pérola do Atlântico» anunciou:

«Minhas senhoras e meus senhores: encontra-se entre nós o poeta Tadeu, conhecida figura dos meios portugueses de Toronto, que nos dedicará, certamente, alguns números do seu vasto repertório».

Magro, amarelado, a cara chupadíssima, a barba rala e o cabelo inundado de brilhantina, Tadeu, cigarro entre os dedos, trepou para o balcão e anunciou:

«Para V. Exas., vou recitar o poema de José Duro...» Não o deixaram continuar. Surgiram protestos de todos os lados ao mesmo tempo que, da cozinha, e no meio de considerável balbúrdia, chegavam mais travessas com pastéis e mais jarros de vinho.

«Deixa-te de poesias, Tadeu. Alguma vez isso te deixou alguma coisa?», perguntou o Borges. Porfírio, rematou: «Tu és bom é nas imitações, homem. Ora, imita-nos aí o Salazar, para a gente ouvir».

Tadeu raspolu a garganta, perfilou-se, e tendo-se feito silêncio, anunciou na sua voz natural de rapaz de mais de 40 anos:

«Minhas senhoras e meus senhores: a pedido, vou imitar o professor dr. António de Oliveira Salazar». Depois, fazendo um biquinho com os lábios, esticou os óculos sobre a ponta do nariz, ganhou um estilo de beateiro e, em voz aguda, começou: «Aprovada a Lei de Meios, a Câmara Corporativa vai discutir seguidamente o novo Plano de Fomento. E todos não seremos de mais para continuarmos Portugal.»

«Muito bem!», atacou alguém, saudosos dos tempos idos.

«Mas para continuarmos a obra da revolução nacional», prosseguiu Tadeu, «que iniciámos com a arrancada do 28 de Maio, é essencial cerrarmos fileiras porque o inimigo não dorme. Elementos subversivos a soldo de Moscovo trabalham noite e dia tentando cortar-nos o passo.

Mas, de Caminha a Macau, todos saberemos cumprir a missão nacional que os nossos maiores nos traçaram».

Da sepulcral quietude rompeu uma vigorosa salva de palmas e todos, de pé, cumprimentavam o poeta Tadeu pela sua magistral imitação do antigo ditador português. Cipriano deu-lhe dois pastéis. E Mariana um copo de vinho.

«É que era assim mesmo que ele falava. Vocês não se lembram?», diziam, rindo, o Alves, da TAP, a quem o Diamantino respondeu:

«Felizmente que o pesadelo acabou. Ainda um dia volto para Portugal».

«Eu, não, senhor Diamantino», explicou D. Joana, «gosto muito do meu país, mas estou bem aqui».

Agora, um coro monumental rugia por toda a sala: «So-ares! So-ares!». E alguém, erguendo-se sobre uma cadeira, exigiu:

«Oh Tadeu! E que tal a imitaçãozinha do Mário Soares?»

«Sempre é mais moderno», gritou a Aldinha, desviando-se ligeiramente do Hippolyte.

«E se cantasse um fadinho, senhor Tadeu?», perguntou D. Perpétua.

«Ai, quem se recorda do Frutuoso França que aparecia nas verbenas de Lisboa?», interveio o Carvalhais «quando ele cantava com fatalismo 'a tentação da carne é muito má' tudo o que era mulher logo ficava a tremer».

«Por mim, preferia a Fernanda Baptista, senhor Carvalhais», disse Mariana que assomara à sala, «aquilo era puro fado castiço».

«Deixem-se de cantigas. Grande, grande, só a Amália», procurou corrigir um dos funcionários do consulado. Mas o poeta Tadeu interveio:

«Minhas senhoras e meus senhores! Vou imitar o conhecido político português, 'dótor' Mário Soares».

E fez-se um terrível silêncio.

José Saramago na Grã-Bretanha

A visita de José Saramago à Grã-Bretanha despertou enorme interesse em certos meios culturais de Manchester, Edimburgo e Londres, mas não recebeu a cobertura que só a grande imprensa e a TV poderiam proporcionar. Os grandes meios de informação britânicos acham-se disparados em alucinantes direcções procurando tirar partido de, ou alimentar, as preferências das massas ignorantes. Para a cultura, dispõem de pouco tempo e espaço. Quem é Saramago? Quem foi Camilo? Eça de Queiroz? Ninguém sabe, nem mesmo certas redacções literárias de grandes jornais diários.

O vencedor do prémio do «The Independent» para a melhor obra de ficção estrangeira («O Ano da Morte de Ricardo Reis»), assim como o seu excepcional tradutor para inglês, o doutor Giovanni Pontiero, da Universidade de Manchester, realizaram palestras a convite do vice-chanceler daquele histórico estabelecimento sobre «Romance e Canto» e responderam a perguntas relacionadas com a tradução das obras do grande escritor português. O mesmo se verificou, dias depois, na Universidade de Edimburgo.

Mas no último fim-de-semana, em Londres, o programa da visita de Saramago conheceu os seus momentos culminantes. A convite do embaixador de Portugal, do «King's College» e da «Anglo-Portuguese Society», o escritor encontrou-se com uma considerável audiência e disponibilizou-se para um debate que se denominou «Conversando com o Leitor». A Embaixada experimentou invulgares dificuldades para acomodar a pequena multidão de portugueses e ingleses interessados na figura, na obra e na presença de José Saramago.

É sempre difícil expor e propagar o pensamento e o trabalho intelectual do Homem português nos principais centros da vida britânica, hoje ocupadíssimos com outras misérias, como já se viu. Mas aos momentos de brilhantismo que a cultura portuguesa conheceu nestas sessões, através de Saramago e Pontiero, não seria justo deixar de associar uma outra personalidade das nossas letras que sabemos ter trabalhado a fundo para que tudo ganhasse a dignidade e a importância adequadas — o professor doutor Luís de Sousa Rebelo, um homem cuja modéstia desarma e cuja grandeza inspira.

PONTOS CARDEAIS

Gazetilha

Tão simples como isso

À verdade não há quem lhe resista. Disse o comentador televisual que é, do povo, o Partido Comunista «uma reserva moral».

Certo, e aqui não há nada de novo. A reserva moral? Certo, certo. Afinal só e apenas a moral do povo.

Figuras

Afinal de que se trata com palavras tão bonitas? É uma boa candidata: tem umas pernas catitas...

Mas não é a ver-lhe a perna que a autarquia se governa...

Há nos olhos deste rato uma expressão demoníaca. Ele é um bom candidato: tem uma barba afrodisíaca...

Mas se tem barba tão rara não tem vergonha na cara...

Tão alegre e de trato andou sempre em cambalhotas. Ele é um bom candidato: sabe contar anedotas...

Mas o que é que ele quer? Autar não é compère...

Razão

Diz Carneiro Jacinto, e muito bem: O PCP em qualquer região é o único Partido que não tem uma autarquia, ao menos, onde corram venenos de corrupção.

O poema acaba aqui. Agora tu pensa se alguém tem mais razão que a CDU.

Se

Se tu souberes bem quem te quer bem. Se vires quem estará sempre contigo. Se alguém, contigo, afastará o perigo. Se a alguém convém, só o que a ti convém.

Se quiseres a mão franca, estendida. Se esperas a pureza de um abraço. Se sonhas o combate sem cansaço. Se alguém hino sempre canta à vida.

Se escolhes quem resiste ao frio e ao medo. Se pensas a vontade e a coragem. Se queres companheiro na viagem. Se recusas a teia do enredo.

Se a Pátria tens na boca agora e sempre vota na CDU - e olha em frente!

■ **IGNOTUS SUM**



Comentário de aprendiz

Carneiro Jacinto, ainda que não pareça, fica sempre deslumbrado com as decisões do Poder. O seu primeiro impulso é para elogiar os que mandam. Foi assim com a remodelação governamental que Cavaco Silva anunciou na passada quinta-feira. Chamado a comentar aos microfones da TSF, Carneiro Jacinto repetiu com admiração: "Uma jogada de mestre!", "uma jogada de mestre!", ao mesmo tempo que encarecia a surpresa da jogada. Está mais que visto que não se trata nem de uma coisa nem de outra. Cavaco Silva está muito atrapalhado. Também não houve

Sessão selecta

Muito selecta foi aquela sessão de Cascais onde apareceram juntos Guterres, Secretário Geral do PS e Judas, o candidato do mesmo partido à Câmara. Os casacos de peles, os penteados, os perfumes, o ambiente requintado



Pouco jornalista

Carlos Carvalhas foi a Rio de Moinhos, no concelho de Alcácer do Sal, e a aldeia inteira juntou-se no adro da igreja para o receber. O "Público" não gostou e resolveu diminuir o significado da recepção dispensada ao Secretário Geral do PCP e então escreveu: "Os pouco mais de 400 habitantes esperaram o líder comunista...". Com aquele "pouco" quis deixar no espírito de leitor a ideia de que eram poucos embora fossem todos, quando devia sublinhar que se não eram mais era porque não os havia. Por isso mesmo é que realmente notícia é toda a população da aldeia se juntar para receber o líder comunista. Não o perceber é ser... pouco jornalista.

Nova força de bloqueio

Cavaco Silva declara-se "estupefacto", Nunes Liberato confessa que "alguma coisa vai mal na nossa democracia". Que se passa para tanto dramatismo?



É a participação da Comissão Nacional de Eleições à Procuradoria Geral da República em relação à batota usada por Cavaco Silva, no comício do Porto, em que começou a falar como líder do PSD e acabou a falar como Primeiro Ministro, fazendo promessas em nome do Governo. É a mistura do partido e do Estado que constitui uma violação da lei eleitoral. Cavaco Silva e o estado-maior laranja é que fazem de conta que não percebem. Ou por outra, "fazem o mal e a caramunha" e de caminho arranjam uma nova "força de bloqueio"...



frases da Semana

"Ao que parece, o "canal 5" - a tal Televisão da Polícia, que tanta falta nos faz, a fim de assegurar o pleno da concorrência - não vai entrar ainda em funcionamento, com as prometidas, definitivas e inadiáveis "imagens totais"."

(Mário Mesquita - «Diário de Notícias», 3.12.93)

"Sempre disse que havia um conjunto de ministros que estavam para o Primeiro-Ministro como os fusíveis para o sistema eléctrico - queimam-se uns quantos, mas o sistema eléctrico mantém-se."

(Carlos Carvalhas - «Diário de Notícias», 3.12.93)

"Por isso, e ao optar por esta solução, Cavaco saiu-se bem do trilema com que estava confrontado: ou remodelava agora, ou depois das eleições, ou só em meados do ano que vem."

(Luís Delgado, «Comentário» - «Diário de Notícias», 3.12.93)

"(a remodelação) é, indiscutivelmente, uma jogada de mestre"

(Vicente Jorge Silva, «Editorial» - «Público», 3.12.93)

"Se calhar é demasiado tarde..."

(Fernando Nogueira, citado em «Expresso», 4.12.93)

"Eu tenho para mim que não é necessário que os ministros tenham ideias, em qualquer democracia, muito inovadoras sobre a pasta que vão desempenhar."

(Marcelo Rebelo de Sousa - «TSF» / «Diário de Notícias», 6.12.93)

"Recuso a ideia de prémio pelas eleições de 91"

(Falcão e Cunha, novo Ministro do Emprego - «Diário de Notícias», 3.12.93)

"Recordemos o que o País deve aos quatro ministros cessantes, que executaram bem o programa do Governo, geriram competentemente conjunturas muito difíceis e fizeram o que estava ao seu alcance para evitarem a deterioração das áreas que tiveram a seu cargo."

(Vasco Graça Moura - «Diário de Notícias», 5.12.93)

"Vendo-me, mas também me empresto"

(Diogo Infante, actor - «Diário de Notícias», 5.12.93)

Encerramento da Campanha Eleitoral



CDU
AUTARQUIAS

93

• Almada

5ª Feira às 21.30
Sessão nos Bombeiros Voluntários da
Trafaria, com **Maria Emília Sousa**.
Espectáculo com **Mané e Nuno Gomes dos Santos**
6ª Feira às 21.30
Sessão no Estrelas da Fonte Santa, no **Monte da Caparica**,
com **Maria Emília Sousa**. Espectáculo com
Luísa Basto
com **CARLOS CARVALHAS**:

6ª Feira a partir das 16.00
Visita à Casa da Juventude
e às obras de recuperação da Almada Velha
Acção de propaganda no centro do concelho
6ª Feira às 22.00
Comício na SFUAP

• Amadora

5ª Feira a partir das 16.45
Acção de propaganda no Parque Delfim
Guimarães
com **CARLOS CARVALHAS**

• Barreiro

6ª Feira às 21.00
Comício nos **Penicheiros**
com **CARLOS CARVALHAS**

• Cascais

5ª Feira às 21.00
Sessão-convívio no Grupo Desportivo Monte
Real
6ª feira às 22.00
Festa de encerramento na discoteca
"Bafureira"

• Loures

Com **CARLOS CARVALHAS**:
5ª Feira às 21.00
Comício Festa no Pavilhão Paz e Amizade
6ª Feira a partir
das 11.00
Acção de
propaganda
em **Odivelas**

• Marinha Grande

6ª Feira às 21.30
Comício-Festa no Sport Império
Marinhense.
Espectáculo com "A Quadrilha" e **Manuel Freire**

• Oeiras

5ª Feira às 21.30
Sessão na Filarmónica de **Carnaxide**
6ª feira às 16.00
Inauguração das obras no Teatro 1º Acto, em
Algés. Convívio

• Palmela

5ª feira às 21.30
Comício na SFUA, em **Pinhal Novo**
com **ÁLVARO CUNHAL**.
Espectáculo com a "Banda do Andarilho"
6ª feira às 21.30
Comício-Festa no Cinema **S. João**
com **Octávio Teixeira**. Espectáculo
com **José Neves e Valdemar Bastos**

• Sesimbra

5ª Feira às 21.00
Comício-Festa na **Quinta do Conde**
(Cinema do Centro Com.)

com **Luís Sá**. Espectáculo.

6ª feira às 21.30
Comício-Festa no Cinema Municipal de
Sesimbra
com **Jerónimo de Sousa**. Espectáculo com
Vitorino.

• Seixal

5ª Feira
Espectáculo na SFU Seixalense com **Luísa Basto** e **Jorge Costa** às 21.30
Comício com **ÁLVARO CUNHAL** às 23.00

• Rio Tinto

5ª Feira às 21.00
Festa no Largo do Mosteiro (junto à Igreja)

• Vila Franca de Xira

5ª feira às 21.30
Comício-Festa no Grémio Dramático, em
Póvoa de Santa Iria
6ª feira às 21.30
Comício-Festa no Largo da Câmara de
V.F.X.
com **ÁLVARO CUNHAL**

Caravanas e outras acções de rua com a
participação dos candidatos em todos os
concelhos

A Campanha eleitoral da CDU
para as autarquias

exige grandes recursos
financeiros



Dá o teu
contributo!

BANCA DE NATAL da Festa do «Avante!»

Artesanato da China • ex-URSS
• Cuba e outros países da América Latina
Rum cubano • Edições e recordações
da Festa

Av. António Serpa, 26, 2º Esq.
Dias úteis, das 10 às 13 e das 14 às 18.30h



**Exposição-venda
de trabalhos
de artistas
plásticos,
apoiantes da CDU**

Até ao Natal
no CT da Boavista - Porto

Plenários em Lisboa

Sectores e células da Organização Regional de Lisboa têm agendados para a próxima semana os seguintes plenários e encontros:

- Encontro-convívio do Sector da Saúde para entrega dos novos cartões do PCP e análise dos resultados eleitorais, com a participação do camarada **José Casanova**: quinta-feira, dia 16, às 17.00, no Centro de Trabalho Vitória.

- Plenários para análise e discussão dos resultados eleitorais e das conclusões da reunião do CC que terá lugar após as eleições: da célula dos **Bancários** (no CT Vitória, quarta-feira, dia 15, às 17.30), e do Sector de **Seguros** (no mesmo dia e local, às 18.00); dos sectores **Público** e de **Transportes** (ambos no CT Vitória, quinta-feira, dia 16, às 18.30); da **Função Pública** (no CT da Av. António Serpa, quinta-feira, dia 16, às 18.30); do Sector de **Serviços** (no CT da Av. Duque de Loulé, quinta-feira, dia 16, às 19.30); do Sector **Centro Norte**, também para entrega dos novos cartões (sexta-feira, dia 17, às 19.00, no CT da Av. Duque de Loulé).

Entretanto, está também marcado para a próxima semana - sexta-feira, dia 17, às 21.30, no Centro de Trabalho de Sacavém - um **Plenário Concelhio de Loures**. Nele participará o camarada **Luís Sá**.

Televisão

Quinta, 9

08.00 Bom Dia
09.10 Rua Sésamo
09.35 Os Anos Dourados
10.00 Pela Manhã
12.00 Culinária
12.05 O Sexo dos Anjos
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Vizinhos
14.05 Forças Especiais
14.30 Viajante no Tempo
15.25 Se é Assim o Seu Desejo
17.25 Agora Escolha!
18.25 Caderno Diário
18.35 Roda da Sorte
19.15 Verão Quente
20.00 Telejornal
20.30 RTP - Financial Times
20.50 O Dono do Mundo
21.40 Isto... Só Vídeo!
22.10 Você É Excepcional
23.10 Vietnam
24.00 24 Horas

11.00 Infantil
11.55 Intensamente Maria
12.50 Safaris do Mundo
13.40 As Aventuras de Robin Hood
14.00 Jovens Cowboys
15.00 Ponto por Ponto
15.45 Andebol: Troféu RTP
17.45 Vamp
18.55 Um, Dó, Li, Tá
19.55 Magazine "Viver com Saúde"
20.20 A Dança Expressionista na Alemanha (Parte I)
21.20 Desenhos Animados

Sexta, 10

08.00 Bom Dia
09.10 Rua Sésamo
09.35 A Escola Assombrada
10.00 Pela Manhã
11.40 Culinária
12.05 Bebê a Bordo
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Vizinhos
14.00 Desportos Fantásticos
14.30 Viajante no Tempo
15.20 Cantinflas Deputado
17.20 Agora Escolha!
18.25 Caderno Diário
18.30 Roda da Sorte
19.15 Verão Quente
20.00 Telejornal
20.30 RTP / Financial Times
20.35 A Entrevista de Maria Elisa
21.05 O Dono do Mundo
22.15 Nico d' Obra
22.45 Que se Passa com o Bob?
00.25 24 Horas
01.05 Maldonne

11.00 Infantil
11.55 Intensamente Maria
12.45 Sobreviver

Sábado, 11

08.00 Programa Infantil e Juvenil
11.30 Luta Livre Americana
12.30 Isto é Magia
13.00 Notícias
13.10 Parlamento
14.00 Clube Disney
15.20 Antes do Furacão
17.00 Beverly Hill's 90210
17.55 O Mistério da Selva Negra
19.00 Palavra Puxa Palavra
19.45 Totoloto
20.00 Jornal de Sábado
20.30 Simpsons
21.05 Despedida de Solteiro
22.05 Parabéns
23.40 A Dinastia Strauss
00.40 Cinco Bonecas para Uma Lua de Agosto

08.00 Caminhos
08.25 Novos Horizontes
09.00 Universidade Aberta
11.45 Tarzan e a Escrava
13.05 Musical: "Velvet Underground"
14.00 Uma Mulher de Raça
14.55 Pé Grande e os Amigos
15.30 Errie Indiana
16.00 TV 2 Desporto

Domingo, 12

08.00 Programa Infantil / Juvenil
12.00 Sem Limites
12.30 Contos das Mil e Uma Noites
13.00 Notícias
13.10 Top +
14.00 Domingo Gordo
14.05 Marés Vivas
15.10 Sissi, a Jovem Imperatriz
18.15 Casa Cheia
19.00 Especial Eleições

08.00 À Mão de Semear
08.25 Crime, Disse Ela
09.15 Regiões
11.00 Missa
11.50 Forum Musical
12.35 Realce
13.00 Gente Remota
14.00 Musical: "Hothouse Flowers"
15.00 TV2 Desporto
20.00 Sessão especial: «A Última Solução»
21.45 Ideias com História
22.50 Laços de Ternura

12.00 Programa Infantil/Juvenil
13.40 O Prazer da Condução
13.55 National Geographic
14.40 Joselito, Coração de Ouro
16.00 Tarzan
16.30 Chuva de Estrelas
19.00 Especial Eleições
20.30 Notícias
22.55 Camorra
00.50 Último Jornal
01.15 Espiões
01.45 MTV

10.05 Informação Especial Autárquicas
10.10 A Casa do Tio Carlos
11.15 Animação
12.00 Vaticano em Directo
12.15 Missa
13.15 Informação Especial Autárquicas
14.30 Queridos Inimigos
16.00 Futebol: S. Paulo-Milão
17.50 Forum
18.30 Especial Autárquicas
00.35 Taggart



Velhos e novos Desenhos Animados: diariamente em todos os canais

Segunda, 13

08.00 Bom Dia
09.00 Rua Sésamo
09.35 Anos Dourados
10.00 Pela Manhã
11.40 Culinária
12.05 O Sexo dos Anjos
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Vizinhos
14.05 Sobreviver
14.30 Viajante no Tempo
15.20 A Vida é Nossa
17.20 Agora Escolha!
18.30 Roda da Sorte
19.00 Verão Quente
20.00 Telejornal
20.30 RTP - Financial Times
20.50 O Dono do Mundo
21.45 Os Inocentes
22.15 Concurso "Entre Famílias"
23.20 Querido John
23.50 24 Horas

11.00 Infantil
11.55 Intensamente Maria
12.45 Safaris no Mundo
13.35 As Aventuras de Robin Hood
14.00 Jovens Cowboys
15.00 Ponto por Ponto
15.45 As Outras Américas
16.40 O Grupo da Esquina
17.10 Temas e Teimas
18.00 Vamp
18.55 Um, Dó, Li, Tá
19.55 Magazine: "Cinema"
20.20 Futebol: Sporting-Beira Mar
22.30 TV2 Jornal
23.15 Deus nos Acuda
00.05 Remate
00.20 Ouvir e Falar

16.30 Notícias
16.40 Santa Bárbara
17.10 Roque Santeiro
18.00 Notícias
18.10 O Resto é Conversa
19.00 Praça Pública
19.30 Notícias
19.45 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.30 A Guerra das Estrelas
23.50 Tostões e Milhões
00.25 Último Jornal
00.50 Os Donos da Bola
01.00 Três É Companhia
01.20 MTV

08.00 Teletexto - Cursos e Empregos
11.50 Consultório Jurídico
12.00 A Casa do Tio Carlos
12.35 Animação
13.05 A Amiga Olga
13.35 Topázio
14.20 Meteorologia
14.25 Uma Casa na Pradaria
15.30 Rica Saúde
15.40 Consultório Jurídico
15.45 Teletexto - Cursos e Empregos
16.30 Lassie
16.55 Animação
17.10 A Casa do Tio Carlos

Terça, 14

08.00 Bom Dia
09.10 Rua Sésamo
09.35 Os Anos Dourados
10.00 Pela Manhã
11.40 Culinária
12.05 O Sexo dos Anjos
13.00 Jornal da Tarde
13.40 Vizinhos
14.05 Q.E.D.
14.35 Viajante no Tempo
15.25 Norman Leiteiro
17.20 Agora Escolha!
18.40 Roda da Sorte
19.05 Verão Quente
20.00 Telejornal
20.30 RTP - Financial Times
20.40 O Dono do Mundo
21.45 Cuidado com as Imitações
22.10 Você Decide
23.10 De Caras
00.15 24 Horas

11.00 Infantil
12.00 Intensamente Maria
12.45 Safaris no Mundo
13.40 As Aventuras de Robin Hood
14.00 Jovens Cowboys
15.00 Ponto por Ponto
16.00 Para Além do Ano 2000
16.45 O Grupo da Esquina
17.15 Temas e Teimas
18.00 Vamp
19.00 Um, Dó, Li, Tá
20.00 Magazine: "Ecologia/Ciências"
20.30 Os Trintões
21.20 Desenhos Animados
21.35 Deus Nos Acuda
22.30 TV2 Jornal
23.00 RTP/Financial Times
23.15 Remate
23.30 Tramas de Seda
00.30 Rotações

16.30 Notícias
16.40 Santa Bárbara
17.10 Roque Santeiro
18.00 Notícias
18.05 O Resto é Conversa
19.05 Praça Pública
19.30 Notícias
19.45 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.30 Ora Bolas, Marina
22.00 A Brincar, a Brincar
22.30 Terça à Noite
23.50 Amor e Guerra
00.20 A Bolsa e a Vida
00.25 Último Jornal
00.50 Os Donos da Bola
01.10 Internacional Sic
01.40 MTV

08.00 Teletexto - Cursos e Empregos
11.50 Consultório Jurídico
12.00 A Casa do Tio Carlos
12.25 Animação
13.05 A Amiga Olga
13.35 Topázio
14.20 Meteorologia
14.25 Uma Casa na Pradaria
15.20 Rica Saúde
15.40 Consultório Jurídico

Quarta, 15

08.00 Bom Dia
09.10 Rua Sésamo
09.30 Os Anos Dourados
10.00 Pela Manhã
11.40 Culinária
12.05 O Sexo dos Anjos
13.00 Jornal da Tarde
13.35 Vizinhos
14.05 Flash Moda
14.30 Viajante no Tempo
15.20 O Caso da Falsa Feticheira
17.20 Agora Escolha!
18.30 Caderno Diário
18.40 Roda da Sorte
19.05 Verão Quente
20.00 Telejornal
20.30 RTP - Financial Times
20.45 Vamos Jogar no Totobola
21.00 O Dono do Mundo
21.50 Sozinhos em Casa
22.25 Tartarugas Ninja
24.00 24 Horas

11.00 Infantil
11.55 Intensamente Maria
12.45 Safaris no Mundo
13.35 As Aventuras de Robin Hood
14.00 Jovens Cowboys
15.00 Ponto por Ponto
16.00 A Vida nas Suas Mãos
17.15 Temas e Teimas
18.00 Vamp
18.55 Um, Dó, Li, Tá
19.55 Magazine "Artes Visuais"
20.20 A Igreja Católica em Portugal
21.20 Desenhos Animados
21.35 Deus Nos Acuda
22.30 TV2 Jornal
23.00 RTP/Financial Times
23.15 Remate
23.30 Crimes
00.20 A Ponte de Brooklyn

16.30 Notícias
16.40 Santa Bárbara
17.10 Roque Santeiro
18.00 Notícias
18.05 O Resto é Conversa
19.05 Praça Pública
19.30 Notícias
19.45 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.30 Ora Bolas, Marina
22.00 A Brincar, a Brincar
22.30 Terça à Noite
23.50 Amor e Guerra
00.20 A Bolsa e a Vida
00.25 Último Jornal
00.50 Os Donos da Bola
01.10 Internacional Sic
01.40 MTV

08.00 Teletexto - Cursos e Empregos
11.50 Consultório Jurídico
12.00 A Casa do Tio Carlos
12.25 Animação
13.05 A Amiga Olga
13.35 Topázio
14.20 Meteorologia
14.25 Uma Casa na Pradaria



Plácido Domingo, Mara Zampieri e o elenco do Scala interpretam a ópera «La Fanciulla del West», de Verdi - sábado às 22.45 na TV2

21.35 Deus nos Acuda
22.30 TV2 Jornal
23.00 RTP - Financial Times
23.15 Remate
24.00 Casa Comum
01.00 O Vigilante da Estrada

13.35 As Aventuras de Robin Hood
14.00 Jovens Cowboys
15.00 Ponto por Ponto
15.45 Andebol: Troféu RTP
17.55 Vamp
18.40 Um, Dó, Li, Tá
19.10 Outras Margens
19.55 A Bruma da Memória
20.25 Artes e Letras: «Hollywood - Os Anos Dourados»
21.20 Futebol: Estrela da Amadora-Benfica
23.20 TV2 Jornal
23.50 RTP/Financial Times
00.05 Deus nos Acuda
01.00 Remate
01.10 Irmãs

16.30 Notícias
16.40 Santa Bárbara
17.10 Roque Santeiro
18.00 Notícias
18.10 O Resto é Conversa
19.00 Praça Pública
19.30 Notícias
19.40 Renascer
20.45 Jornal da Noite
21.30 Rugrats
22.10 Chuva de Estrelas
23.10 Na Cama Com...
00.05 Último Jornal
00.30 Os Donos da Bola
00.40 Playboy
01.30 Fim de Semana Sangrento

08.00 Cursos e Empregos (Teletexto)
11.50 Consultório Jurídico
12.00 A Casa do Tio Carlos
12.35 Animação
13.05 A Amiga Olga
13.35 Topázio
14.20 Meteorologia
14.25 Uma Casa na Pradaria
15.30 Rica Saúde
15.40 Consultório Jurídico
15.45 Cursos e Empregos (Teletexto)
16.30 Lassie
16.55 Animação
17.10 A Casa do Tio Carlos
17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Lágrimas
19.00 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.05 Esquadrão Classe A
20.55 Animação
21.10 Parker Lewis
21.40 Telemotor
22.10 Artur Albarran - «Os candidatos à Câmara do Porto»
00.30 Ponto Final
00.55 Hunter

22.45 Ópera: «La Fanciulla del West»
01.15 Dilema de Uma Mulher
12.00 Programa Infantil/Juvenil
13.40 Dra. Quinn
14.30 A Caravana da Coragem
16.35 Raven
17.35 Grandes Planos
18.05 Portugal Radical
18.40 Melrose
19.30 Notícias
19.45 Sex Appeal
20.45 Jornal da Noite
21.30 Encontros Imediatos
22.10 Repórter da Meia-Noite
23.00 Água na Boca
23.50 Último Jornal
00.15 Diários Eróticos
00.45 Boxe
01.45 MTV

09.50 Consultório Jurídico
10.00 A Casa do Tio Carlos
11.00 Animação
13.05 Contra-Ataque (Desporto)
14.35 Prova dos Nove
15.10 Lágrimas (compacto)
19.30 Informação Quatro
20.05 Na Mira do Crime
20.55 Duque de Ouros
21.55 Batalha para Além das Trevas
23.45 Informação Quatro
00.10 A Boneca Mecânica



«A Dinastia Strauss»: sábado à noite no Canal 1

17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Lágrimas
18.30 Estrela (telenovela - 1º epis.)
19.00 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.05 Esquadrão Classe A
20.55 Animação
21.10 Parker Lewis
21.40 Prolongamento (Desporto)
22.00 Eu... Pai?
00.15 Ponto Final
00.35 Hunter

15.45 Teletexto - Cursos e Empregos
16.20 Consultório Jurídico
16.30 Lassie
16.55 Animação
17.10 A Casa do Tio Carlos
17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Lágrimas
18.30 Estrela
19.00 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.05 Esquadrão Classe A
20.55 Animação
21.10 Parker Lewis
21.40 A Minha Mãe É uma Serça

15.20 Rica Saúde
15.40 Consultório Jurídico
15.45 Teletexto - Cursos e Empregos
16.20 Consultório Jurídico
16.30 Lassie
16.55 Animação
17.10 A Casa do Tio Carlos
17.40 Quem Sai aos Seus
18.05 Lágrimas
18.30 Estrela
19.00 A Amiga Olga
19.30 Informação Quatro
20.00 Futebol: Alemanha-Argentina
21.40 Caixa de Perguntas
22.10 Queridos Inimigos
23.45 Ponto Final
00.05 Quarta a Fundo
00.35 Hunter

Filmes na TV

QUINTA, 9

Se É Assim o Seu Desejo

«Si Ça Peut Vous Faire Plaisir» (Fr./1948). Real.: Jacques Daniel-Norman. Int.: Fernandel, Berval, Mona Doll, Arlette Merry. P/B, 96 min. *Comédia*. (15.20, Canal 1)

Heróis Esquecidos

«The Roaring Twenties» (EUA/1939). Real.: Raoul Walsh. Int.: James Cagney, Humphrey Bogart, Jeffrey Lynn, Priscilla Lane, Gladys George. P/B, 106 min. *Ver Destaque*. (24.00, Quatro)

SEXTA, 10

Cantinflas Deputado

«Si Yo Fuera Diputado» (Méx./1951). Real.: Miguel M. Delgado. Int.: Mario Moreno, Gloria Mange, André Soler, Rafael Icardo. P/B, 87 min. *Comédia*. (15.20, Canal 1)

Que se Passa com Bob?

«What About Bob?» (EUA/1991). Real.: Frank Oz. Int.: Bill Murray, Richard Dreyfuss, Julie Kagerty, Charlie Korsmo, Kathryn Erbe. Cor, 85 min. *Ver Destaque*. (22.45, Canal 1)

Maldonne

«Maldonne» (Fr./1969). Real.: Sergio Gobbi. Int.: Pierre Vaneck, Elsa Martinelli, Robert Hossein, Jean Topart. Cor, P/B, 94 min. *«Thriller» policial*. (01.05, Canal 1)

Fim de Semana Sangrento

«Death Weekend»/«House By the Lake» (Can./1977). Real.: William Fruet. Int.: Brenda Vaccaro, Don Stroud, Chuck Shamat. Cor, 89 min. *«Thriller»*. (01.30, SIC)

SÁBADO, 11

Tarzan e a Escrava

«Tarzan and the Slave Girl» (EUA/1950). Real.: Lee Sholem. Int.: Lex Barker, Vanessa Brown, Robert Alda, Hurd Hatfield. P/B, 74 min. *Aventuras*. (11.45, TV 2)

A Caravana da Coragem

«The Ewok Adventure» (EUA/1984). Real.: John Korty. Int.: Eric Walker, Warwick Davis, Fionnula Flanagan, Guy Boyd. Cor, 116 min. *Ver Destaque*. (14.30, SIC)

Antes do Furacão

«Battle Cry» (EUA/1954). Real.: Raoul Walsh. Int.: Van Heflin, Aldo Ray, Mona Freeman, Nancy Olson, James Whitmore, Raymond Massey, Tab Hunter, Dorothy Malone. Cor, 143 min. *Ver Destaque*. (15.30, Canal 1)

Batalha Para Além das Estrelas

«Battle Beyond the Stars» (EUA/1980). Real.: Jim T. Murakami. Int.: Richard Thomas, Robert Vaughan, George Peppard. Cor, 104 min. *Ver Destaque*. (21.55, Quatro)

A Boneca Mecânica

«Cherry 2000» (EUA/1988). Real.: Steve DeJarnatt. Int.: Melanie Griffith, David Andrews, Harry Carey, Jr., Ben Johnson, Pamela Gidley. Cor, 93 min. *Ver Destaque*. (00.10, Quatro)

Cinco Bonecas para uma Lua de Agosto

«Cinque Bambole per la Luna d'Agosto» (It./1970). Real.: Mario Bava. Int.: Ira Furstenberg, William Berger, Teodoro Corro. Cor, 84 min. *Ver Destaque*. (00.40, Canal 1)

Dilema de Uma Mulher

«La Femme Écarlate» (Fr./1969). Real.: Jean Valère. Int.: Monica Vitti, Maurice Ronet, Robert Hossein, Claudio Brook. Cor, 96 min. *Ver Destaque*. (01.15, TV 2)

DOMINGO, 12

Joselito, Coração de Ouro

«Saeta del Ruiseñor» (Esp./1957). Real.: Antonio del

Amo. Int.: Joselito, Manolo Zarco, Vicky Lagos. Cor, 75 min. *Musical*. (14.40, SIC)

Sissi, A Jovem Imperatriz

«Sissi, Die Junge Kaiserin» (Áustria/1956). Real.: Ernst Marischka. Int.: Romy Schneider, Karlheinz Böhm, Magda Schneider. Cor, 101 min. *Melodrama*. (a partir das 14.00, Canal 1)

A Última Solução

«Kiss Shot» (EUA/1989). Real.: Jerry London. Int.: Whoopi Goldberg, Dorian Harewood, Dennis Franz, Tasha Scott, David Marciano. Cor, 89 min. *Telefilme*. (20.00, TV 2)

Laços de Ternura

«Terms of Endearment» (EUA/1983). Real.: James L. Brooks. Int.: Shirley MacLaine, Debra Winger, Jack Nicholson, John Lithgow, Jeff Daniels, Lisa Hart Carroll, Danny DeVito. Cor, 132 min. *Ver Destaque*. (22.50, Canal 1)

Camorra

«Camorra» (It./1986). Real.: Lina Wertmüller. Int.: Angela Molina, Harvey Keitel, Daniel Ezralow, Francisco Rabal, Paolo Bonacelli. Cor, 115 min. *Ver Destaque*. (22.55, SIC)

SEGUNDA, 13

A Vida É Nossa

«La Vie est à Nous» (Fr./1936). Real.: Jean Renoir. Int.: Jean Desté, Jacques Bernard Brunius, Madeleine Sologne, Jean Renoir. P/B, 65 min. *Ver Destaque*. (15.20, Canal 1)

A Guerra das Estrelas

«Star Wars» (EUA/1977). Real.: George Lucas. Int.: Mark Hamill, Carrie Fisher, Harrison Ford, Peter Cushing, Alec Guinness. Cor, 121 min. *Ver Destaque*. (21.30, SIC)

Eu... Pai?

«Daddy» (EUA/1987). Real.: John Herzfeld. Int.: Dermot Mulroney, Patricia Arquette, John Karlen, Tess Harper, Trey Adams. Cor, 100 min. *Ver Destaque*. (22.00, Quatro)

TERÇA, 14

Norman Leiteiro

«The Early Bird» (Gr.Br./1965). Real.: Robert Asher. Int.: Norman Wisdom, Edward Chapman, Jerry Desmonde, Paddie O'Neill. Cor, 95 min. *Comédia*. (15.25, Canal 1)

A Minha Mãe É uma Sereia

«Mermaids» (EUA/1990). Real.: Richard Benjamin. Int.: Cher, Bob Hoskins, Winona Ryder, Christina Ricci. Cor, 109 min. *Comédia*. (21.40, Quatro)

QUARTA, 15

O Caso da Falsa Feiticeira

«Pas de Répit pour Mélanie»/«The Case of the Witch Who Wasn't» (Can./1990). Real.: Jean Beaudry. Int.: Marie-Stéfane Gaudry, Kesnamelly Neff, Vincent Bolduc. Cor, 95 min. *Comédia*. (15.25, Canal 1)

Tartarugas Ninja

«Teenage Mutant Ninja Turtles» (EUA/1990). Real.: Steve Barron. Int.: Josh Pais, Michelan Sisti, Leif Tilden, David Forman. Cor, 90 min. *Ver Destaque*. (22.25, Canal 1)

Nota: a Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizada pelos operadores de televisão após o fecho desta edição.

— Por isto e por aquilo... —

Heróis Esquecidos

(Quinta, 24.00, Quatro)

Tudo se passa à volta dos caminhos diferentes que, após o termo da I Guerra Mundial, dois desmobilizados do exército tomam depois do regresso à pátria, com Eddie (James Cagney) e George (Humphrey Bogart) a associarem-se nos negócios do tráfico do álcool, em plena época da Lei Seca, e tendo à perna um terceiro, Lloyd (Jeffrey Lynn), representante da Justiça. Raoul Walsh, o realizador, viria ainda a esmagar-nos, dez anos depois, com um dos maiores exemplares do género (White Heat, com o mesmo Cagney) mas este filme negro faz já justiça à superlativa qualidade dramática do cineasta e ao tom incomparável das produções da época da Warner Bros. Um filme a não perder.

Que se Passa com Bob?

(Sexta, 22.45, Canal 1)

Sem dúvida um «mágico» do espectáculo das loucuras mais desbragadas, o cineasta de origem inglesa Frank Oz (de que vimos, na semana passada, a sua versão de A Lojinha dos Horrores, na Quatro) deu os seus primeiros passos ao lado do norte-americano Jim Henson na realização dos célebres Marretas, e sem dúvida que é o humor o seu prato forte. Aqui, numa comédia produzida pelos Estúdios Disney, o realizador foi buscar dois grandes comediantes, Bill Murray e Richard Dreyfuss para darem corpo a uma história em que, respectivamente, um pobre diabo cheio de complexos e um devotado psicanalista acabam por inverter os seus papeis, já que o primeiro vem transformar e transtornar por completo a vida e a consistência psicológica do segundo. Uma boa «barrigada de riso» à espera dos espectadores.

A Caravana da Coragem

(Sábado, 14.30, SIC)

O argumento deste telefilme parte de uma história original de George Lucas. Quanto aos simpáticos «Ewoks», já os conhecemos de O Regresso de Jedi. E tudo se desenrola, como não podia deixar de ser, num longínquo planeta, com as aventuras mirabolantes de dois miúdos para salvar os pais das garras de um tenebroso monstro. É uma seqüela da Guerra das Estrelas, agora encolhida para o tamanho mais caseiro (mas sempre insuficiente) da caixinha televisiva - como já tivemos oportunidade de constatar em Abril do ano passado, quando o telefilme foi, pela primeira vez, transmitido pelo Canal 1. Isto, numa semana em que este tema volta à televisão, com o início da reposição, pela SIC, da trilogia Guerra das Estrelas.

Antes do Furacão

(Sábado, 15.30, Canal 1)

Tanto tempo à espera de Raoul Walsh, na televisão, e eis que, em duas semanas, já vamos no terceiro exemplar da sua filmografia. Agora é o Canal 1 que, num período de emissão aceitável, nos recorda um filme de meados dos anos 50 (com argumento de Leon Uris), tendo como pano de fundo a II Guerra Mundial e os lugares emblemáticos das batalhas americanas do Pacífico, que se chamaram Guadalcanal, Saipan. Mas, para além das fabulosas cenas dos confrontos armados, é a encenação dos acontecimentos aparentemente marginais do tempo de treino deste grupo de marinheiros em San Diego, os violentos conflitos ali vividos entre eles e as paixões despertadas por Dorothy Malone, que os dividem, o melhor da arte de Walsh - embora, porventura, o filme possa padecer de algum envelhecimento. A confirmar.

Batalha Para Além das Estrelas

(Sábado, 21.55, Quatro)

Numa semana de revisão das «sagas espaciais», as coisas prosseguem, hoje, com um filme interessante produzido por Roger Corman (o qual, segundo rezam as crónicas, se aproveitou das infra-estruturas, cenários e efeitos especiais deste filme para pôr de pé outras posteriores produções de menores recursos), escrito por John Sayles (que claramente se inspirou em Os Sete Samurais e em Os Sete Magníficos) e realizado por Jimmy Murakami, e que nos conta as aventuras e as desventuras de um povo pacífico, habitando o planeta Akir, que é ajudado por um punhado de aventureiros vindos de outras galáxias na sua luta pela sobrevivência face a um temível conquistador dos espaços que dá pelo nome de Sador. Um espectáculo divertido, que cumpre a sua função de entreter.

A Boneca Mecânica

(Sábado, 00.10, Quatro)

É a «antecipação científica» continua: agora estamos em 2017 e acompanhamos (ao estilo - ao ritmo de Mad Max) as aventuras de um jovem executivo da indústria de reciclagem que tem de deslocar-se a uma zona extremamente perigosa, povoada por desordeiros e criminosos, para tentar arranjar peças sobressalentes para «revitalizar» a sua namorada - um robot «perfeitíssimo» que dá pelo nome de... Cherry 2000. Mas a perigosa jornada tem, como guia, uma destemida e também «perfeitíssima» caçadora de prémios - tão perfeita que, entre a competente e segura eficácia dos mecanismos da robótica e as humanas fraquezas da carne, o coração do nosso herói balança e torna a balançar, e, com ele, a expectativa e a solidariedade do espectador...



Humphrey Bogart, James Cagney e Jeffrey Lynn, os três intérpretes principais de «Heróis Esquecidos», de Raoul Walsh...



... e a presença, no mesmo filme, de uma brilhante «secundária» — Gladys George

Dilema de Uma Mulher

(Sábado, 01.15, TV 2)

De outros dilemas se trata aqui: dos que resultam da indefinição entre o humor negro e o melodrama para caracterizar esta história de amor protagonizada pela fabulosa Monica Vitti. Uma indefinição que é agravada pela incipiência da realização de Jean Valère, um realizador francês que, após um início de carreira prometedor, nada mais fez de verdadeiramente interessante numa carreira que não ultrapassou a meia dúzia de filmes.

Se o destaque aqui fica, é apenas porque é sempre um prazer ver actuar a actriz preferida de Antonioni.

Cinco Bonecas para Um Luar de Agosto

(Sábado, 00.40, Canal 1)

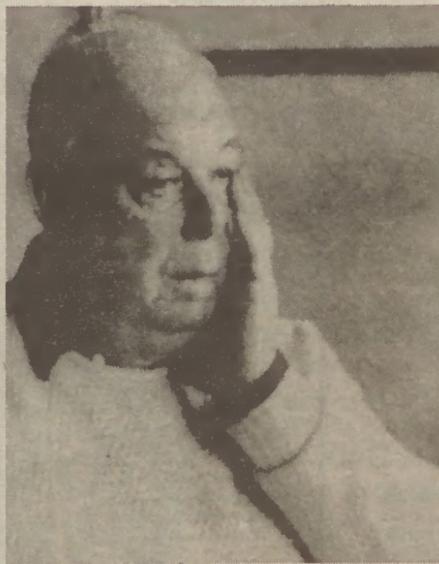
Para os amantes da intriga policial, o conselho vai para a visão deste filme do italiano Mario Bava, tanto mais que se trata de um cineasta injustamente votado ao esquecimento e que, tendo começado por ser, só, um dos mais talentosos operadores do cinema europeu, decide no início dos anos 60 passar à realização, onde assina, logo, uma obra-prima do cinema fantástico - A Máscara do Demónio - tendo-se-lhe seguido algumas outras obras notáveis, para acabar por se sujeitar à oferta de outro tipo de argumentos mais comerciais. É o caso deste, Cinco Bonecas para Um Luar de Agosto, um «policial» à maneira de Agatha Christie com um angustiante suspense na linha de

Hitchcock, que Mario Bava realiza com a esperada competência e eficácia.

Laços de Ternura

(Domingo, 22.50, Canal 1)

Este excelente primeiro filme realizado por James L. Brooks, segundo argumento escrito por ele próprio a partir de um romance de Larry McMurtry, retrata os problemas das relações entre mãe e filha ao longo dos anos, numa história que constantemente vagueia por entre tonalidades ora mais ligeiras ora mais pesadas. Shirley MacLaine e Jack Nicholson (excelentemente acompanhados por Debra Winger e Jeff Daniels) arrancam, com as suas brilhantes interpretações, dois dos cinco Óscares que vieram premiar o filme, sendo os restantes relativos ao Melhor Filme, ao Melhor Realizador e ao Melhor Argumento. Um excelente serão televisivo.



Jean Renoir, realizador de «A vida É Nossa»



Jeff Daniels e Debra Winger...



... e Shirley MacLaine e Jack Nicholson, em «Laços de Ternura» de James L. Brooks

Camorra (Domingo, 22.55, SIC)

Com um argumento complexo e intrincado, em que é focado o papel da Mafia no criminoso tráfico da droga na região de Nápoles, denunciado por uma ex-prostituta cujas revelações desencadeiam lutas fratricidas no seio da organização, Camorra é um filme apenas escorrido, mas sem grandes voos, assinado por Lina Wertmuller, realizadora italiana particularmente em foco pelas obras feministas que realizou nos anos 70.

A Vida É Nossa (Segunda, 15.20, Canal 1)

Filme rodado numa época de crescente ameaça e expansão da ideologia nazi-fascista, A Vida é Nossa tem a assinatura, na realização (e a participação de Jean-Paul Le Chanois e Jacques Becker no argumento), de um dos maiores nomes da História do Cinema europeu e mundial - Jean Renoir - segundo sugestão de Aragon e por encomenda do Partido Comunista Francês, de que não era membro. Mas a mão do mestre actua sobretudo ao nível da coordenação geral do filme, o qual, na verdade, é muito mais uma obra colectiva de carácter documental e agitprop, cujo argumento ficcionado tem como ponto de partida o conteúdo das aulas que um professor dá aos seus alunos, quase todos de origem operária, em que sobressaem as contradições entre as imensas potencialidades e riquezas da França, concentradas nas mãos de duas centenas de famílias, para mergulhar na dura realidade quotidiana e no apelo ao apoio ao PCF como única força política que, face à expansão das ligas fascistas, se mostra capaz de assegurar a estabilidade e combater a injustiça social. Inserido no quadro da campanha eleitoral da Frente Popular, é uma obra claramente militante, alternando cenas ficcionadas com documentos de actualidades filmadas e as declarações finais de vários dirigentes comunistas franceses em favor da necessidade da unidade das forças populares no combate contra o poder da burguesia. Estreado comercialmente apenas em 1969, A Vida é Nossa é um filme que constitui uma interessante curiosidade a rever, mesmo que tenha sido (como foi) objecto de graves mutilações, por parte dos nazis, durante a Ocupação.

A Guerra das Estrelas (Segunda, 21.30, SIC)

Semeados de fabulosos «efeitos especiais» que marcaram um género e envolvido por uma banda sonora (escrita por John Williams), que fazia estremecer a estereofonia da sala escura mas não chega para beliscar a louça da sala de estar das nossas casas - A Guerra das Estrelas é um imenso conto de aventuras (como o era a banda desenhada de Flash Gordon em que George Lucas se inspirou) e um fabuloso espectáculo cinematográfico a cuja magnitude não conseguem corresponder as diminutas proporções do écran de televisão. De qualquer maneira, é fora de dúvida que a oportunidade que a televisão mais uma vez nos proporciona de rever essa inesquecível trilogia espacial não deve ser perdida.

Eu... Pai? (Segunda, 22.00, Quatro)

A história deste filme realizado para a televisão debruça-se sobre as aventuras amorosas de um rapaz e de uma rapariga, cuja consequência - causadora de problemas, divergências e dramas - é ter a jovem ficado grávida. O tema é demasiado batido mas,

segundo as referências, parece que este telefilme foi realizado com cuidados superiores à média. E, como tem acontecido até aqui, é muito provável que o debate que se segue à transmissão decorra de forma desvolta e inteligente.

Tartarugas Ninja (Quarta, 22.25, Canal 1)

A receita é conhecida e infalível - e os resultados aí estão para confirmar a supremacia tentacular da máquina comercial das majors norte-americanas e os conceitos de «economia de escala» que, nos nossos dias, presidem à concepção de certos produtos do espectáculo cinematográfico made in USA, concebidos como «indústria» (que não pode deixar de ser) mas esmagando e sobrepondo-se à função artística e cultural que o cinema tem de continuar a contemplar e desempenhar. Independentemente do valor desigual e das diferenças quanto ao estatuto de «produto artístico» que possam existir (e existem) entre Tartarugas Ninja ou Parque Jurássico, a estratégia industrial e comercial que preside a estas gigantescas operações do cinema de entretenimento e espectáculo são precisamente as mesmas - com o avassalador cortejo de objectos e produtos comercializados à sua margem e destinados a um alienado e artificial consumo massivo («democraticamente» dirigido a todas as classes), bem como a exaltar os valores e a indestrutibilidade de quaisquer, providenciais, super-heróis. Certamente que esta história realizada ao estilo da banda desenhada de quatro «tartarugas» que enfrentam o crime nas ruas de Nova Iorque cumpre a sua função de divertir e entreter (mais uma vez com a mão de Jim Henson, dos Marretas, a funcionar). Mas, tudo espremido, nada fica de verdadeiramente estimulante, em termos de inteligência ou dignificação cultural. Sinal dos tempos...

Cinema

Table with 4 columns: Title, M. M. Luz, Manuel Neves, Paulo Torres. Rows include 'A Idade da Inocência', 'Na Linha de Fogo', 'Parque Jurássico', and 'Vale Abraão'.

Classificação de ★ a ★★★★★

- A - Real. Martin Scorsese - Cine-Teatro/Monumental (13.15, 16.00, 18.45, 21.30, 00.15); Quarteto/1 (14.00, 16.30, 19.00, 21-30 e 24.00) - Lisboa.
B - Real. Wolfgang Petersen - Amoreiras/8 (14.15, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15) - Lisboa
C - Real. Steven Spielberg - Alfa/3 (14.45, 16.45, 19.15, 21.45, 00.15); Amoreiras/3 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30, 24.00); Fonte Nova/2 (14.00, 16.30, 19.00, 21.30); Monumental/2 (11.30, 14.15, 16.45, 19.15); S. Jorge/2 (13.45, 16.30, 19.15, 22.00) - Lisboa
D - Real. Manoel de Oliveira - Monumental/3 (14.30, 18.00, 21.30) - Lisboa.

Teatro

CLUBE ESTEFÂNIA

Lisboa, R. Alexandre Braga, 24-A. Tel. 542249. De 3ª a sáb. às 22.00, dom. às 17.00. FREI LUÍS DE SOUSA, de Almeida Garrett, encenação de José António Pires

ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE ENTRECAMPOS

Lisboa. De 4ª a sáb., no comboio que parte às 21.24. GENTE SINGULAR, de Manuel Teixeira Gomes, encenação de João Brites (reservas pelo tel. 3953290 - Teatro O Bando)

TEATRO CINEARTE

Lisboa, Lg. de Santos, 2. Tel. 3965360. De 4ª a sáb. às 21.45, dom. às 17.00. RINOCERONTE, de Ionesco, encenação de Hélder Costa

TEATRO DA GRAÇA

Lisboa, Trav. S. Vicente, 11. Tel. 8755626. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 17.00. O CONSTRUTOR, de Ibsen, encenação de Graça Corrêa.

TEATRO MALAPOSTA

Loures, R. de Angola (Oli-

val Basto). Tel. 9373299. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. A ESCOLA DAS MULHERES, de Molière, encenação de José Peixoto.

TEATRO MUNICIPAL DE ALMADA

Almada, Tel. 2752175. De 3ª a dom. às 21.30, dom. às 16.00. DIAS FELIZES, de Beckett, encenação de Julio Castronuovo, pela Companhia de Teatro de Almada

TEATRO MUNICIPAL S. LUIZ

Lisboa, R. António Maria Cardoso (Sala Estúdio). Tel. 3471279. 6ª, sáb. e 2ª às 21.45, dom. às 16.45. ENQUANTO SE ESTÁ À ESPERA DE GODOT, de Samuel Beckett, encenação de Mário Viegas, pela Companhia Teatral do Chiado.

TEATRO NACIONAL D. MARIA II

Lisboa, Rossio. Tel. 3422210. De 3ª a sáb. às 21.30, dom. às 16.00. O LEQUE DE LADY WINDERMERE, de Oscar Wilde, encenação de Carlos Avilez.

Tempo

Céu pouco nublado, alternando com períodos de muito nublado. Possibilidade de chuva ou aguaceiros. Vento fraco.

PALAVRAS CRUZADAS

15x15 crossword puzzle grid with numbers 1-15 indicating starting positions for horizontal and vertical words.

HORIZONTAIS: 1 - Navegar (o navio) à bolina; sacudira. 2 - Dar tẽpera de aço a; espevitas (o lume). 3 - Passa de dentro para fora; do útero ou a ele relativo; vazia. 4 - Segunda pessoa do singular do verbo «ser»; ressoar; espaço aéreo. 5 - Espécie de sapo da região do Amazonas; exprime espanto (pl.); unidade das medidas agrárias de superfície equivalente a cem metros quadrados. 6 - Reprovação num exame; namoradas. 7 - Revestira com laca; tem tremuras (pl.). 8 - Cinza ou borralho do lar; insuflar alma em. 9 - Além disso; as três primeiras de sessenta; fruto da ateira. 10 - Cãhamo da Índia ou de Maniã; enrubescer as faces; segunda letra do alfabeto. 11 - Imposto sobre o valor acrescentado (abrev.); dromedários; maior. 12 - Escuridão (pl.); lugar onde se mora. 13 - Aparecer em lugar alto; sensação produzida pela acção do sol e do fogo (pl.).

VERTICAIS: 1 - Estabelecer a base de; folha de aço ou de outro metal. 2 - Vazias; corpo lateral de um edifício; antepassados. 3 - Preceito emanado de autoridade soberana; acto ou efeito de aparar; gritos aflitivos. 4 - Caminhar para lá; substituir; contr. do pron. pessoal compl. «te» e «o». 5 - Embarcação grande; estragada; um cem. 6 - Conjunto de processos pelos quais se atinge a realização do belo; altar cristão; construção destinada a habitação. 7 - Repetição de som; ruído. 8 - Trituras com os dentes; causa ferimento a. 9 - Caminhavas para lá; substância que se emprega para condimentar a comida. 10 - Expulsci; lavra com arado ou charrua; capital da Itália. 11 - Aperto com nó; screna; astro centro do nosso sistema planetário. 12 - Nome da décima terceira letra do alfabeto grego, correspondente a «n»; segue os trâmites (um documento, um processo); décima sétima letra do alfabeto grego correspondente ao nosso «r». 13 - Liga ferrocárbónica que endurece pela tẽpera; inflamação; grande extensão de água salgada. 14 - Vocábulo injurioso, empregado na linguagem bíblica; planos laterais do avião; macho da cabra. 15 - Planta rasteira, cultivada, da família das aristolochiáceas, com folhas nauseabundas, também conhecida por «asarabácar» (pl.); devoraras aos pedacinhos e continuamente.

SOLUÇÕES DO NÚMERO ANTERIOR

HORIZONTAIS: 1 - Padecer; atalaia. 2 - Ovos; inço. 3 - Lia; avaliar; iam. 4 - Ao; miam; miao; ro. 5 - Farsa; prumo. 6 - Omíto; leici. 7 - Ala; teria; ral. 8 - Orara; Aares. 9 - Sarda; invia. 10 - Bi; suar; tais; ar. 11 - Rol; atadora; ala. 12 - Ódio; amai. 13 - Seattle; pondera.

VERTICAIS: 1 - Polaco; ombros. 2 - Avio; mar; iode. 3 - Doa; filis; lia. 4 - És; mataras; ot. 5 - Airo; arua. 6 - Ervas; datil. 7 - Amarelara. 8 - El; do. 9 - Implicito. 10 - Trair; nardo. 11 - Raul; avia. 12 - Li; umerais; A.D. 13 - Ani; orara; ame. 14 - Içar; ele; alar. 15 - Aomori; Soraia.

XADREZ

CDXL - 9 de Dezembro de 1993

PROPOSIÇÃO N.º 1993X097

Por: VLADIMIR PACHMAN Norodni Osvobozenmi, 1946

Pr.: [3]: Ps.é5, é6-Rh6 Br.: [4]: Ps.f3, g3-Df7-Rç4

Chessboard diagram for Xadrez problem 1993X097. White pieces on c4, d5, e6, f7, g8. Black pieces on a5, b6, c7, d8. Solution: Mate in 4 moves.

PROPOSIÇÃO N.º 1993X098

Por: G. SACHODIAKIN 64, 1931

Pr.: [2]: Tç5-Ra5 Br.: [4]: P6-Cs. b2, ç2-Rg4

Chessboard diagram for Xadrez problem 1993X098. White pieces on a5, b6, c7, d8. Black pieces on a4, b5, c6, d7, e8. Solution: Brancas jogam e ganham.

SOLUÇÕES DO N.º CDXL

N.º 1993X097 [V.P.]: 1. Rç3!, Rg5; 2. Dg7+; Rf5; 3. Rd3!, e4+; 4. f6+ 2. Rh5; 3. Df6, -, 4. g4+ 1. e4; 2. f4, e3; 3. g4, -, 4. g5+ 2. e5; 3. f5, Rg5; 4. Dg6+ N.º 1993X098 [G.S.]: 1. f7, Tç8; 2. Cç4+; Tç4+; 3. Cd4 e ganha. Se: 2. Ra6; 3. Cb4+; Ra7; 4. Cç6+; Ra6; 5. Cd8 e ganha.

A. de M. M.

DAMAS

CDXL - 9 de Dezembro de 1993

PROPOSIÇÃO N.º 1993D097

Por: DIRK KLEEN - NL, 1936

Pr.: [7]: 9-11-12-13-21-26-33 Br.: [7]: 20-28-31-37-39-41-48

Checkers board diagram for Damas problem 1993D097. White pieces on a3, b4, c5, d6, e7, f8, g9, h10. Black pieces on a10, b9, c8, d7, e6, f5, g4, h3. Solution: Brancas jogam e ganham.

PROPOSIÇÃO N.º 1993D098

GOLPE N.º 4893 Por: DR. ORLANDO AUGUSTO LOPES - 1952

1. 11-14, 22-18; 2. 14-19, 23-14; 3. 10-19, 18-14; 4. 12-15, 21-18; 5. 8-12, 25-21; 6. 19-22, 26-19; 7. 15-22, 24-20; 8. 6-11, 21-17; 9. 2-6, 28-23; 10. 6-10, 23-19 DIAGRAMA:

Checkers board diagram for Damas problem 1993D098. White pieces on a3, b4, c5, d6, e7, f8, g9, h10. Black pieces on a10, b9, c8, d7, e6, f5, g4, h3. Solution: Brancas jogam e ganham.

SOLUÇÕES DO N.º CDXL

N.º 1993D097 [D.K.]: 1. 37-32!, 26X46=D; 3. 32-27!, 46X43; 4. 27X18, 13X22; 5. 48X17+ N.º 1993D098 [Dr. O.A.L.]: 11. 22-26, 29-22; 12. 12-15, 19-12; 13. 10-26; 30-21; 14. 7-30+ Se: 11. 30-21; 12. 12-15, 19-12; 13. 7-30+

A. de M. M.

a talhe de FOICE

Sondagens "expressamente"

Há muitos anos que, ao sabor da maré ou ao arripio dela, certos órgãos de comunicação apostam em "remeter" o PCP "para um papel cada vez menos influente na cena política". E, mesmo que os resultados eleitorais os venham a desmentir, persistem. Até porque é papel escrito, ou hertzianas vibradas, a cor e a som, por gente que não relê o que escreve e nem ouve o que gravou após o veredicto. Quanto muito lança uma vista de olhos entristecida ao boletim da aposta que preencheu e pretendeu impingir, e torna a jogar com a mesma chave, ou quase, mesmo se o "instinto" anticomunista ou a crença natural lhes falhou redondamente. Do que não desistem é de "preencher a aposta", a cada eleição, torcendo, sem muito crer, para que seja desta que o PCP venha a perder, mesmo quando joga "em casa".

Exemplos destes abundam, desde os tempos em que a liberdade permite aos comunistas concorrer a eleições, e a certos jornais impede que a mentira passe além de um certo ponto. A elasticidade da "consciência" de certas publicações, porém, é "generosa", e persistente se revela a vontade coveira de quem as dirige e de alguns que as escrevem.

Ainda na semana passada, à beira das eleições que vão ter lugar no domingo próximo, um semanário se deu ao trabalho de "preencher" a velha aposta. A chave parece diferente, mas é no essencial a mesma. O "Expresso" de Balsemão, ao mesmo tempo que fareja, com razão, uma derrota do seu pouco amado correligionário Cavaco, pretende enterrar, nos escombros dessa derrota que Cavaco teme, e na vitória de um mal menor que Guterres personifica, os seus mais extremos adversários - os comunistas e os outros democratas seus aliados na CDU. Receita velha.

O mais chocante, porém, para quem guarda memória não apenas de números (mas também deles), é que a encomenda destas sondagens "em sete dos mais significativos concelhos do país", que "prenunciam uma vitória esmagadora do PS", não tem em conta encomendas anteriores, em que o erro imperou, quando os resultados eleitorais se desvendaram.

Desta feita, e quando aposta no PS a toda a força, não se dá sequer ao trabalho de fazer "duplas", quanto mais "tripas". E vai ao cúmulo de esquecer-se que, há quatro anos, deu sistematicamente a "vitória" de Marcelo Rebelo de Sousa - talvez por se revelar um "corajoso" candidato disposto mesmo a mergulhar nas águas turvas do Tejo -, por larga margem e durante semanas a fio, contra Jorge Sampaio, que se candidatava com os comunistas e os socialistas em Lisboa.

Tem razão o "Expresso" em dar hoje a vitória a Sampaio que não tem candidato à altura no seu adversário Macário, nem num PSD em declínio. Há quatro anos, porém, o "Expresso" andava não apenas longe da verdade, como as sondagens que apresentava andavam longe dos números apresentados por outros jornais. E se é de crer que em Lisboa acerte, já os números "achados" nos "sete dos mais significativos concelhos do país" sabem mais a uma esperançada prece, a um rogo aos deuses que façam a vontade a Balsemão e aos seus, do que a uma verdadeira "leitura" de intenções de voto. Aliás, a prosa que acompanha os desbragados números - que chegam ao cúmulo de dar Beja ao PS (!) - é significativa.

Ali se escreve que, apesar de Sampaio subir, na aliança com os comunistas, tal aliança "poderá ser posta em causa se se confirmar o esvaziamento eleitoral dos comunistas". Que, no Porto, Ilda Figueiredo tem a "tarefa difícil de contrariar a inevitável perda de influência dos comunistas". Que em Gondomar, e apesar da previsão dos 10 por cento, o PCP "poderá vir a perder um dos dois vereadores que conquistou nas eleições anteriores". Que, em Beja "só a hipótese de o PCP perder a capital de distrito de um dos seus bastiões de sempre converte-se num facto político de considerável dimensão"...

De novo sem memória, e de antolhos impedindo-o de ver outras sondagens, números e factos políticos que crescem à sua volta, o "Expresso" é fiel à vontade do dono.

E publica, "expressamente", sondagens para tentar, qual Cavaco a limpar-se de ministros impopulares, levar água ao moinho dos seus amigos de ocasião.

■ LM

Intelectuais apoiam CDU

Cerca de 80 intelectuais, «tendo em conta a obra realizada pela CDU nas autarquias, o seu património de propostas e soluções nas várias áreas de intervenção do Poder Local e, designadamente, no domínio da Arte e da Cultura», subscreveram um abaixo-assinado no qual apelam ao voto na CDU, «para confirmação, reforço e ampliação das suas posições, como contributo para uma política que assegure o desenvolvimento económico, social e cultural do país e numa alternativa democrática na vida política».

No abaixo-assinado considera-se a actividade dos eleitos da CDU, «dentro das possibilidades e meios de actuação do Poder Local, e apesar dos condicionamentos decorrentes da política de direita do Governo do PSD» como «um contributo altamente valioso para a democratização da vida política e da cultura, para a dinamização e promoção das oportunidades e potencialidades de intervenção e realização social dos intelectuais, artistas e outros criadores e agentes culturais».

Entre os signatários deste apelo encontram-se os escritores José Saramago, Modesto Navarro, Orlando da Costa, Romeu Correia, Urbano Tavares Rodrigues; o arqueólogo Cláudio Torres; os actores António Assunção, Fernanda Alves, Henriqueta Maia, Mário Jacques, Mário Pereira; o cenógrafo Mário Alberto; artistas plásticos como Costa Martins, Rodrigo de Freitas, Teófilo Duarte; compositores e músicos como Fernando Lopes-Graça, Álvaro Salazar, Jorge Peixinho, Alfredo

Flores, Jorge Vaz de Carvalho; o produtor cinematográfico Henrique Espírito Santo; Carla Marina Fernandes, dirigente autárquica; José Garibaldi, da Alta Autoridade para a Comunicação Social; os jornalistas António dos Santos, Alberto Villaverde Cabral, Carlos Coutinho, Fernando Valdez, Helena Neves, José Goulão, Luísa Tito de Moraes; os professores universitários António Borges Coelho, Leonor Moniz Pereira, Manuel Frias Martins, Rogério Fernandes, Rui Namorado Rosa.

Sobre a remodelação governamental

No dia da remodelação governamental, na passada quinta-feira, a Comissão Política do PCP distribuiu aos órgãos de informação uma nota onde se afirma:

«1. A dez dias de um acto eleitoral de âmbito e significado nacional, a substituição dos ministros de quatro das mais sensíveis áreas económicas e sociais constitui simultaneamente:

«— uma confissão pública da patente aflição em que o PSD se encontra nas eleições autárquicas;

«— um testemunho do fracasso das principais políticas governamentais;

«— um reflexo da amplitude do descontentamento e da luta popular contra a política do Governo;

«— e um sinal evidente da profunda crise do Governo do PSD que nenhuma remodelação já pode disfarçar.

«2. Com esta anunciada remodelação, o que mais uma vez se pretende é, através do sacrifício de alguns ministros, absolver Cavaco Silva das responsabilidades determinantes que efectivamente lhe cabem na definição e concretização de todas as políticas governamentais e provocar ilusões de mudança ou rectificação dessas políticas que, em boa verdade, não podem ter qualquer fundamento como decorre claramente, por exemplo, do facto de ter sido ainda agora aprovado um Orçamento de Estado elaborado pelos ministros demiti-

dos — e que os ministros ora nomeados apenas vão executar — e consagrando a continuidade de uma política comprovadamente errada.

«3. A gravidade da crise económica e social que assola o país e a enorme dimensão do descontentamento e do protesto populares não se compadecem com operações de cosmética destinadas a mudar caras para manter a mesma política. Antes exigem o prosseguimento da luta e uma grande expressão de vontade nacional por uma nova política e por um novo governo».

Também nesse dia, a propósito de uma notícia divulgada pela agência Lusa, o Gabinete de

Imprensa do PCP distribuiu o seguinte esclarecimento:

«Ao contrário do que é referido num "take" da agência Lusa, o secretário-geral do PCP não fez qualquer declaração considerando "insuficiente e incompleta" a remodelação governamental hoje anunciada.

«O secretário-geral do PCP, abordado por um jornalista da Lusa, além das considerações de fundo que fez também a outros órgãos de comunicação social no mesmo sentido da Nota da Comissão Política do PCP, fez apenas a observação irónica de que a remodelação não tinha abrangido o Primeiro-Ministro».

OE não dá resposta ao flagelo da toxicoddependência

O Grupo de Trabalho do PCP para os problemas da Toxicoddependência e Narcotráfico criticou, em comunicado, o Orçamento de Estado para 1994 aprovado pelo PSD. A nota, divulgada sexta-feira, afirma:

«O Orçamento de Estado para 1994, recentemente aprovado pela maioria PSD na Assembleia da República continua a não dar resposta adequada aos gravíssimos problemas decorrentes do tráfico de drogas e da toxicoddependência. A adopção de medidas à altura de responder com eficácia à gravidade que estes flagelos assumem na sociedade portuguesa pressupõe um reforço substancial dos meios financeiros colocados à disposição das entidades que, aos mais diversos níveis de intervenção, têm um papel a desempenhar, quer na prevenção do consumo de drogas, quer no tratamento e reinserção de toxicoddependentes, quer no combate ao tráfico de drogas. Porém, esse reforço não se verificou.

«O facto de se registar um aumento nas verbas afectas ao "Projecto Vida" em diversos ministérios, cujo peso é diminuto no contexto orçamental, não é suficiente para esconder a incapacidade do sistema de saúde para responder às necessidades

de tratamento de muitas dezenas de milhares de toxicoddependentes, nem a impossibilidade das forças de segurança responderem com eficácia à impunidade com que o tráfico de drogas se processa.

«No quadro de crise económica e social que o nosso país atravessa, um Orçamento de Estado como o de 1994, que penaliza duramente as funções sociais do Estado, não deixará de se traduzir, lamentavelmente, no avolumar de situações de vulnerabilidade que condu-

zem ao aumento da toxicoddependência.

«Consciente da necessidade imperiosa de dotar o nosso país com uma rede adequada de centros de atendimento de toxicoddependentes que garanta a existência de pelo menos um centro de atendimento por distrito e de comunidades terapêuticas por forma a assegurar a cobertura razoável do território nacional, o Grupo Parlamentar do PCP apresentou durante a discussão do Orçamento de

Estado para 1994 a proposta de inscrição de 380 mil contos para construção de comunidades terapêuticas e de reforço de 140 mil contos na verba destinada a instalações para centros de atendimento para toxicoddependentes. O PSD recusou ambas as propostas. Este facto dispensa comentários quanto à seriedade dos propósitos de combate à toxicoddependência repetidamente afirmados pelo Governo e pelo partido que o apoia».

CNA Faltam apoios para a suinicultura

A CNA, Confederação Nacional da Agricultura, alerta para a baixa de preços à produção da carne de suíno nacional, acontecimento que, «tal como saltava à vista, imediatamente a seguir à reabertura das fronteiras» seria previsível. Depois do conturbado processo de fecho das fronteiras à importação, dada a proibição pela Comunidade Europeia de exportação de carne portuguesa devida ao surto de peste suína africana, as fronteiras foram agora abertas mas, no dizer da confederação, «mantêm-se todos os problemas».

Segundo a CNA, os preços na bolsa do Montijo andam, em média, pelos 250 escudos por quilo, ou seja, cerca de «30 por cento

abaixo do desejável tendo em conta os custos de produção do país». Num comunicado distribuído segunda-feira, a CNA diz que em outras regiões os preços ainda são mais baixos e, «comparativamente, a baixa de preços em Portugal e no espaço de um ano, foi o dobro da baixa média dos restantes países da Comunidade».

A CNA critica o Governo e o Ministério da Agricultura por ineficácia perante a crise e pelas «orelhas moucas às reclamações avançadas pelos produtores e suas organizações», em contraste com outros Governos de países da Comunidade que apoiam fortemente os seus suinicultores.